



Luiz Henrique De Nadal

Da narrativa de fundação à fundação da narrativa:

**Leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial
com nome indígena**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Literatura,
Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marília Rothier Cardoso

Rio de Janeiro
Abril de 2021



Luiz Henrique De Nadal

Da narrativa de fundação à fundação da narrativa:

**Leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial
com nome indígena**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Marília Rothier Cardoso

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Frederico Oliveira Coelho

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Italo Moriconi

Departamento de Letras – UERJ

Prof^a. Arlene Renk

Departamento de Ciências Ambientais – UNOCHAPECÓ

Prof^a. Priscilla Menezes

Departamento de Didática – UNIRIO

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Luiz Henrique De Nadal

Mestre em Literatura Brasileira pela Uerj - Universidade Estadual do Rio de Janeiro Uerj (2014-2016). Foi pesquisador integrante do GPESq Vida, Arte, Literatura: Bioescritas e idealizador do site Perfis Literários. Realizou eventos literários junto de instituições como Casa das Rosas, SESC Rio e SP e foi colaborador da Revista Pessoa. Atualmente é pesquisador de Literatura Brasileira e participa do Núcleo de Dramaturgia - FIRJAN/RJ.

Ficha Catalográfica

Nadal, Luiz Henrique De

Da narrativa de fundação à fundação da narrativa : leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial com nome indígena / Luiz Henrique De Nadal ; orientadora: Marília Rothier Cardoso. – 2021. 286 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras - Teses. 2. Fundação. 3. Narrativa. 4. História. 5. Arquivo. 6. Roteiro. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Dedico este trabalho a todos os personagens dessa história

Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento é para Marília, jardineira sábia que me ensinou a cuidar das folhas.

À CAPES, salvadora da pátria e à equipe do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Aos professores das salas de aulas, das ruas e dos terreiros.

Aos caboclos das rodas de bailado e aos caboclos da minha terra natal.

À minha mãe e minha avó, que me deixaram as gargalhadas e o prato cheio.

Ao avô Zílio pela biblioteca, ao avô Carlos pelos causos e ao meu pai, quem me ensinou a bagunçar as palavras.

À vó Irma por querer me engordar até hoje e à tia Nega por ter emprestado a barriga.

Ao Luiz, por quem o amor não cabe nas palavras e uma única vida.

À Fabi, pela mesa de café sem fuso horário.

À Pri, pelo menino-onça e o espelho cristalino das praias do lençol.

À Iracema, pelos sonhos e telepatias.

À Êlo, pela infância.

À minha irmã Iza, pelo entusiasmo.

Às mulheres de vozeirão e língua afiada: Tia Zozô, Valéria Monã, Ana Chiara, Cris Ribeiro e Sandra Terra.

Aos amigos atemporais, anacrônicos e vidas passadas: Sarah Lee, Tchela, Vuvú, Arthuzini, Juju, Helô, Lucas Xarapín, Bel, Pedrinho; e aos do bosque da Puc: Fefê, Aninha, Vaguta, Dani, Pedrinho Beija-Flor, Glaucia, Marina, Marcelo.

Aos colegas do Núcleo de Dramaturgia por fazerem da escrita estouro de boiada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

NADAL, Luiz Henrique De; CARDOSO, Marília Rothier (Orientadora). **Da narrativa de fundação à fundação da narrativa: Uma leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial com nome indígena.** Rio de Janeiro, 2021. 286p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa parte de um vestígio histórico: Caibi, palavra indígena com o qual foi batizada uma cidade de colonização italiana do extremo Oeste catarinense, região Sul do Brasil. Fundada a partir de uma colônia de descendentes de imigrantes europeus, na década de 1920, a história de fundação da cidade é contada no livro *Caibi: Histórias e Memórias* (2012) pelo ponto de vista dos chamados pioneiros, colonos ou pessoas “de origem”. Este último, modo pelo qual a população nativa de caboclos se referia aos novos ocupantes de suas terras. Interessado no lapso entre a narrativa oficial de fundação e os testemunhos do grupo que vivia anteriormente na região, descendente de indígenas, este trabalho faz um cruzamento entre as duas versões da história. Inicialmente, através de uma abordagem histórico-crítica sobre a narrativa local de fundação em que são utilizados estudos de revisão historiográfica, materiais de arquivos e entrevistas realizadas com os caboclos que vivem até hoje na cidade. Feita a releitura em torno da narrativa fundacional, outra parte do trabalho consiste na proposta de fundação de uma nova narrativa: um texto ficcional, no formato romance poético, que utiliza o material reunido para forjar uma nova origem para a cidade. A qual inclui caboclos e indígenas como personagens ao lado dos já conhecidos colonos. Além do caboclamento historiográfico realizado a partir do conceito de caboclo de Luiz Antônio Simas, estão presentes nesta discussão as noções de arquivo (Jacques Derrida e Michel Foucault), roteiro e performance (Diana Taylor), história e narrativa (Walter Benjamin).

Palavras-chave

Fundação; Narrativa; História; Arquivo; Roteiro.

Abstract

NADAL, Luiz Henrique De; CARDOSO, Marília Rothier (Advisor). **From the foundation narrative to the foundation of the narrative: historical-fictional reading about the origin of a colonial city with an indigenous name.** Rio de Janeiro, 2021. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The starting point of this research is a historical trace: Caibi, an indigenous word that was given as the name of a city of Italian colonization in the far west of Santa Catarina. The city was officially founded in the 1920's, from a colony of the descendants of European immigrants. Its founding history is described in the book: *Caibi: Histories and Memories* (2012) from the point of view of the so-called pioneers, settlers or people "of origin". The latter - the expression used by the native population of caboclos to refer to the new occupants of their lands. Interested in the difference between the official foundation narrative and the testimonies of the group that originally lived in the region (descendants of indigenous people), this work compares these two versions of history. Firstly the research considers a historical-critical approach to the founding local narrative through the use of studies of historiographical review, archival materials and interviews with the caboclos who still live in the city. After looking back on the foundational narrative, another part of the work consists in the proposal to settle a new narrative: a fictional text, in the format of a poetic novel, which uses all the gathered material to create a new origin for the city - which includes caboclos and natives as characters alongside the already known settlers. In addition to the historiographical caboclamento realized from the concept of caboclo by Luiz Antônio Simas, the concepts of archive (Jacques Derrida and Michel Foucault), script and performance (Diana Taylor), history and narrative (Walter Benjamin) are also present in this discussion.

Keywords

Foundation; Narrative; History; Archive; Script.

Sumário

1. O caboclo na roda do bailado	11
2. Da narrativa de fundação à fundação da narrativa	16
3. A viagem de 1929	27
3.1. Caboclamento historiográfico	41
4. O baile da onça: romance com notas	52
5. Referências Bibliográficas	271
6. Anexos	278

Lista de figuras

Figura 1 - Fotografia dos integrantes da viagem de 1929	27
Figura 2 - Fotografia do mapa com o trajeto da viagem de 1929	28
Figura 3 - Fotografia do retrato de Adolpho Konder	33
Figura 4 - Fotografia do portal de entrada da cidade de Mondaí	37
Figura 5 - Fotografia de Adolpho Konder proferindo discurso na sede Cascalho	39
Figura 6 - Fotografia do retrato do sertão catarinense	40
Figura 7 - Fotografia do avô materno, prefeito de Caibi de 16/11/1965 a 30/01/1970	56
Figura 8 - Fotografia do avô paterno, prefeito de Caibi de 31/01/1970 a 31/01/1973	56
Figura 9 - Fotografia do pai, prefeito de Caibi de 01/02/1983 a 31/12/1988	57
Figura 10 - Fotografia do autor durante o desfile do dia 7 de setembro, em 1990	74
Figura 11 - Fotografia da manchete Índios caigangue ameaçam invadir área no centro da cidade	221
Figura 12 - Fotografia do folheto dos Kaigang à população de Iraí	222
Figura 13 - Fotografia da ilustração do menino-onça de Priscilla Menezes	233
Figura 14 - Fotografia da manchete Índios começam a demarcar terras	246
Figura 15 - Fotografia da manchete Índios fincam o primeiro marco	246
Figura 16 - Fotografia do comunicado dos Kaigang	247

*Onça é onça – feito cobra... Revira pra todo o lado, mercê pensa que ela é
muitas, tá virando outras.*

João Guimarães Rosa, escritor

O caboclo na roda do bailado

Esta investigação começou com a fala de pajé João. Este homem branco que usava cocar e tocava teclado, quando participei de uma cerimônia de *ayahuasca* pela primeira vez, usou uma expressão que recupero para abrir este trabalho. Quando fui conhecer o centro espiritual Arca da Montanha Azul, vivia há apenas um ano no Rio de Janeiro. Numa sexta-feira à noite, desci do ônibus no alto do bairro de Santa Teresa. Uma longa fila de pessoas vestidas de branco estava em frente ao endereço. Vi aquela cena com o mesmo fascínio que sentia pelas festas populares desde que me mudara. Sempre deslumbrado em como as rodas de jongo e de côco, blocos de carimbó e de maracatu, festas de São Sebastião e São Jorge irrompiam nas ruas revelando outros mundos. Nesse corpo-a-corpo com a cidade, o ritual daquela noite foi uma das experiências mais marcantes da minha vida. As cerimônias religiosas de *ayahuasca* são mediadas pelo uso deste chá com efeitos enteógenos¹, tradicionalmente utilizado por xamãs ao longo de milênios. A Arca da Montanha Azul combina as mais diversas formas de ritualística, tradições religiosas e divindades. Das religiões de base judaico-cristã aos cultos afro-indígenas até às práticas espirituais do Oriente. Trata-se de um estilo bastante comum entre os espaços que fazem uso medicinal² da bebida, dito universalista. Pajé João estava na linha de frente como um dos dirigentes da casa. Como um homem branco a quem foi conferido o título de chefia indígena, sua figura é bastante significativa dentro desta história.

Horas depois de beber o chá, parei diante da roda de bailado. Neste espaço, no meio do salão, os participantes dançavam em torno de uma pilastra, no sentido horário. O pequeno coro de vozes acompanhado por instrumentos percussivos cantava pontos de invocação, até então desconhecidos para mim. Sem nenhuma orientação prévia sobre os códigos e regras que todo rito religioso possui, impus a

¹ Enteógenos ou “plantas de poder” são assim definidos pela origem natural das substâncias, sem interferência farmacológica, e pelo uso ritualístico em diferentes tradições religiosas. São sempre associados à experiências visionárias e de expansão de consciência.

² A noção de medicina, usada de modo geral pelos frequentadores, é associada à cura espiritual.

mim mesmo o lugar de observador. Ainda assim, estava fascinado com a intensa movimentação dos corpos. Ao dobrar os joelhos para sentar-me no chão, as articulações não obedeceram. O momento seguinte não permitiu nenhuma negociação sobre o domínio do meu corpo. Fui levado a entrar na corrente por uma força que me empurrou pela cintura. Apesar da intensidade daquele toque invisível que me conduzia, compreendi, com uma parcela de consciência, que cabia a mim permitir os movimentos que se insinuavam através do meu corpo. Nada me impedia de saltar fora da roda ou de bloquear o canal de contato com o desconhecido que acabara de se abrir. Essas considerações, contudo, só me ocorreram depois da experiência. A resposta imediata do meu corpo foi ceder à presença que imantava os meus movimentos, sugerindo que eu manifestasse os seus gestuais por inteiro. Eu estava dançando e meu corpo sendo dançado. Não havia nada naquela atuação que eu soubesse de antemão: a postura ereta, um braço dobrado para trás, acomodado à altura da lombar; o outro erguido para o alto com os dedos em riste a desenhar círculos no ar. Apesar do tremor, meus pés atendiam às batidas do tambor com uma convicção que nunca tive. Tempos depois, Pajé João, que acompanhou o meu retorno a outras cerimônias como aquela, haveria de se referir a minha presença na Arca da Montanha Azul usando sua forma de expressão particular: “Ah, aquele sujeito que encosta o caboclo!”.

Antes que eu pudesse nomear a experiência daquela noite, Pajé João interpretou-a com uma compreensão bastante comum aos ambientes de culto religioso afroameríndio. O transe místico ou mediúnico é o estado que propicia a comunicação de um indivíduo com seres e forças desconhecidas, a exemplo das sempre mencionadas entidades de pretos-velhos, caboclos e pombagiras³. É verdade que o fenômeno da mediunidade recebeu, ao longo do tempo, inúmeras interpretações estigmatizantes. Em comum, entretanto, estas abordagens costumavam desconsiderar o contexto religioso em que aconteciam. No caso específico da Arca da Montanha Azul, onde a cerimônia toma emprestado

³ Para este trabalho, em que o assunto tem caráter secundário, será suficiente explicitar algumas noções básicas encontradas no artigo “Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial” (2009). Trata-se de um breve histórico dos estudos pioneiros sobre a mediunidade, abarcando desde as pesquisas científicas iniciais, que restringiam o fenômeno a aspectos intrapsíquicos, aos estudos mais recentes, abertos a uma perspectiva psicossocial. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v29n2/v29n2a03.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2021.

preceitos de religiosidades como a umbanda, o candomblé e até da encantaria, a experiência com as entidades espirituais é bastante comum e até estimulada entre os participantes. Além disso, em meados da década de 1950, os estudos antropológicos garantiram uma perspectiva sociológica e histórica para a análise das religiões mediúnicas no Brasil, preconizados por Roger Bastide e Pierre Verger. Compreensões deste tipo servem, aqui, não para uma interpretação do fenômeno vivido. E sim para um cruzamento de diferentes epistemologias que permitam construir conhecimento de modo singular. Visto que considero o episódio descrito inicialmente como gesto fundador desta escrita. Ora, foi justamente através dos caminhos que se abriram a partir daquela experiência que me deparei com o vestígio norteador desta investigação. De “encostar” um caboclo, sem fazer juízo sobre aquela manifestação dentro do contexto religioso, e apoiado na curiosa interpretação de Pajé João, passei para alguns estudos sobre a questão indígena. Cheguei a esboçar um projeto inicial de doutorado, cujo objetivo era o de construir uma trajetória de análise entre personagens índios da literatura nacional até o momento atual da virada etnográfica. Ao passo em que avançava com a proposta original, dividido entre a releitura de obras indigenistas, a descoberta de estudos etnográficos e a familiarização com trabalhos artísticos do universo indígena, finalmente atentei para o fato que mudou o norte desta pesquisa – o nome, também indígena, da minha cidade de origem.

É certo, contudo, que não estava diante de uma descoberta. O termo Caibi, traduzido por “folhas verdes” do tupi-guarani, é uma informação conhecida por grande parte dos habitantes da cidade. É provável que muitos caibienses já tenham lançado mão do curioso dado na tentativa de situar um lugar tão pequeno, com pouco mais de seis mil habitantes⁴, desconhecido até mesmo dentro do próprio estado⁵. De modo geral, o uso do topônimo indígena, como referência, cria um efeito comum: a imagem da pequena cidade como algo muito antigo, resquício de tempos remotos, muitas vezes insondáveis – a julgar pela expressão recorrente dos

⁴ De acordo com o site oficial do município, o número de habitantes é de 6.130 (IBGE/2019). Disponível em: <<https://www.caibi.sc.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁵ Refiro-me ao estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil. Dentro dos limites estaduais, a cidade está sediada no extremo Oeste catarinense, em oposição à região litorânea, onde fica a capital Florianópolis.

curiosos. De modo totalmente contrário, não só a história da cidade é bastante recente, como também o nome foi instituído em um momento posterior a sua fundação. O que saltava aos olhos, enfim, na qualidade de novo, era o desacordo entre o nome oficial, de origem nativa, e uma evidente paisagem colonial, formada majoritariamente por uma população branca de descendentes de imigrantes italianos. Flagrava algo invisível aos meus olhos, até então. A naturalização daquela informação, repetida tantas vezes ao longo da minha vida, não deixava ver o seu lapso. O nome da cidade apareceu, desse modo, como um dado avulso e deslocado. Alheio às possíveis narrativas que o termo autóctone sugeria. Visto que não havia nenhum habitante indígena na cidade.

A experiência traduzida pelo entendimento de Pajé João, portanto, recupera inicialmente o gesto desencadeador desta investigação em torno do nome da cidade. Mas também retorna como um dispositivo de escrita. A cena do transe místico trazida de início, em que o meu corpo é tomado pelos gestuais da entidade espiritual conhecida como caboclo, prefigura a operação realizada a partir daquela investigação. A qual produz cruzamentos histórico-críticos e ficcionais entre os grupos representados na roda do bailado, os quais aparecem de maneira diferente na narrativa oficial de fundação da cidade. De um lado, os descendentes dos imigrantes italianos – conhecidos como colonos⁶ – reconhecidos como pioneiros e únicos fundadores de Caibi. E que habitam, em grande parte, o centro da cidade. De outro, os caboclos que, embora tenham participado ativamente do processo de fundação, não foram incluídos na história da cidade. Além de viverem às suas margens como os indígenas, seus antepassados.

As próximas páginas apresentam 3 capítulos, a começar pela leitura à contrapelo do livro – capítulo 2 – que oficializa a narrativa de fundação da cidade do ponto de vista dos colonos, levantando vestígios de indígenas e caboclos. A análise sobre o modelo historicista e o uso de arquivos utilizados pela historiadora local aponta para outro tipo de abordagem dos arquivos e para uma nova forma narrativa. Ambas guiadas pelo conceito de caboclo, forjado por Luiz Antonio Simas. Em seguida, o capítulo 3 faz uma análise no episódio conhecido como

⁶ A definição “colono” é empregada de modo generalizado na historiografia regional e se refere a todos os camponeses de origem europeia responsáveis pelo processo de colonização da cidade.

Viagem de 1929. Considerado marco na historiografia regional e para a narrativa de fundação da cidade, os registros em torno do evento são lidos através da relação entre arquivo e repertório, prefiguradas por Diana Taylor, na tentativa de flagrar os roteiros que atualizam o legado colonial através dos tempos, definindo os papéis entre protagonistas e antagonistas. O capítulo 4 apresenta um texto ficcional no formato romance, acompanhado de notas de viagem, que experimenta a proposição de uma escrita em transe, apostando na invenção de uma nova forma narrativa que tenta expandir os limites da história de fundação. Por último, nos anexos, estão presentes alguns trechos das entrevistas feitas com os caboclos da cidade.

2

Da narrativa de fundação à fundação da narrativa

O livro *Caibi: histórias e memórias* (2012) apresenta a história de formação da cidade pelo ponto de vista dos colonos. A historiadora Domingas Rizzi, autora do trabalho, é descendente dos chamados pioneiros e foi coordenadora do Setor de Cultura municipal à época. A obra teve o propósito de valorizar a trajetória desse grupo e, ao mesmo tempo, registrar o relato de suas experiências de forma oficial, como patrimônio histórico do município. O processo de organização das informações históricas para a escrita do livro envolveu o uso de documentos variados⁷, reportagens de jornais, objetos e fotografias pertencentes ao museu da cidade, além de uma bibliografia acerca da historiografia regional. Além dos itens de arquivo, o material mais importante para a escrita da história local foram as entrevistas gravadas pela pesquisadora com os colonos e seus descendentes. Todos eles, apesar das diferentes ocupações, fizeram parte do processo de colonização da cidade. Sendo este o tema central e ponto de partida para a pesquisa realizada por Rizzi (2012), quem acompanha a chegada das famílias de colonos na densa região de florestas, vindas das antigas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Em seguida passa pela transformação do núcleo colonial em município, em que a gradativa especialização do trabalho agrícola e o desenvolvimento econômico são fundamentais. Até alcançar a condição de uma cidade nos termos modernos. Nessa espécie de narrativa fundacional, os colonos também têm o seu modo de vida apresentado pelo estudo. As práticas culturais, as memórias e o imaginário do grupo estão ligados aos antepassados italianos, embora a geração desses novos imigrantes, fundadores de Caibi, tenha nascido em terras brasileiras.

A homenagem prestada aos colonos pelo trabalho de fundação da cidade é um gesto incontestável. Os testemunhos que remontam aos tempos antigos são marcados por desafios que vão das longas viagens de mudança das famílias à instalação de moradias em lugares inóspitos e sem recursos. Por outro lado, o

⁷ A autora menciona alguns deles: documentos de legislação e emancipação do município, cadernos de atas da paróquia, livro de atas do hospital e dados do Tribunal Regional Eleitoral.

livro traz uma questão incontornável para esta pesquisa ao evidenciar a importância da escrita na oficialização da história. Ángel Rama, em *A cidade das letras* (2015), afirma que o lugar exclusivo da escrita nas sociedades latino-americanas era tão reverenciado que assumia uma aura de sagrado. O método adotado pela pesquisadora é exemplar para que uma determinada narrativa ganhe o selo de história oficial. Antes de serem considerados dados factuais, os relatos dos colonos entrevistados eram narrativas de domínio público, compartilhados informalmente nas casas e nos espaços de socialização. Para esse processo, a historiadora gravou entrevistas em áudio e vídeo “[...] com pessoas que presenciaram os fatos ou relataram as memórias narradas por seus pais” (RIZZI, s/p, 2012), posteriormente transcritas e referenciadas no livro. Neste ponto, a crítica não se refere ao trabalho histórico de Rizzi (2012), mas à concepção moderna de história à qual ela adere, anterior ao estabelecimento da disciplina no século XIX. Inaugurado pela Escola Histórica Alemã, esse método conferiu caráter científico ao trabalho do historiador. Ao mesmo tempo, desperta constantes relativizações por parte da crítica decolonial por conta do ideal de verdade que defende. O desprestígio da oralidade e o apreço pela escrita são aspectos estruturantes do método, conforme Ricardo Benzaquen Araújo aponta no artigo “História e narrativa”. O caso em questão, em que a historiadora realiza a transição das narrativas pertencentes ao plano da memória para o documento – renegando aquilo que vem da boca e dos ouvidos e produzindo uma versão confiável aos olhos e mãos – comprova a fragilidade dos fatos históricos, no que diz respeito à objetividade e neutralidade. Em tese, esta oposição dos fatos em relação à subjetividade, à fantasia e à ficção garantiria o paradigma da história factual, cronológica e linear. Ou, nas palavras de Leopold Von Ranke, historicista emblemático da escola alemã, a representação do passado tal como ele de fato foi.

Entretanto, o que sustenta a imagem dita verdadeira do passado da pequena cidade é – de acordo com o método científico do historicismo – a superposição de dois pontos de vista. Dos testemunhos que relatam suas experiências com objetividade e do historiador moderno, capaz de apresentá-las com isenção e neutralidade. Mais do que encarar a instabilidade desta operação,

Walter Benjamin alerta o historiador desesperado por captar a verdadeira imagem histórica sobre a relação de empatia que estabelece na sua investigação. Para o autor, que defende o materialismo histórico como um rompimento com o método historicista, tal relação sempre se dá com os vencedores. O que pressupõe uma disputa de poder envolvida na escrita da história e uma ordem mantida pelo historicismo servil através dos tempos. “Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores.” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Postulado pelo filósofo, o famoso gesto de escovar a história a contrapelo permite integrar a história cultural da cidade à história da luta de classes. Além disso, encontra uma semelhança possível no gesto que abre este trabalho, o da incorporação mística do caboclo no corpo de um descendente de colono. Trata-se de garantir que a escovação da narrativa fundacional, interessada no ponto de vista dos vencidos, dará a ver os pontos da história em que o caboclo “encosta” na cidade – conforme o vocabulário de Pajé João. Neste caminho, o trabalho histórico de Rizzi (2012) precisa ser lido com todas as suas contradições, independente do significado afetivo que possui. A começar pelo título – *Caibi: histórias e memórias* – que apesar de utilizar o substantivo “histórias” no modo plural, considera as experiências de um único grupo da cidade. Além disso, o termo memória é empregado como uma totalidade, sem a necessária elucidação sobre as suas falhas e faltas características. Assim, as histórias e memórias dos colonos figuram como única e verdadeira narrativa de fundação da cidade. Não é por outro motivo que a referência ao grupo aparece apenas de forma implícita no título, como se os colonos fossem um sinônimo de Caibi.

A identificação afetiva da historiadora com os colonos e a idealização de suas memórias enquanto totalidade da história local não são os únicos nós a enroscar nesta leitura a contrapelo – ou ainda, uma leitura incorporada do caboclo. Estes dois aspectos colocam em xeque a ideia do arquivo moderno enquanto repositório positivo e público do passado. Primeiramente, pela falsa impressão de que o seu uso não precisa de uma mediação. Como se o conteúdo supostamente estocado no arquivo conservasse um sentido único, independente de quem o

acessasse. Ligado a isto, está a crença de que os documentos nele guardados corresponderiam a um testemunho integral do passado. Uma ideia difícil de sustentar quando se observa os procedimentos arquivísticos da investigadora que, depois de reunir os materiais disponíveis no museu da cidade, recorre ao arquivo regional⁸ para obter os dados faltantes à reconstrução do período histórico. Isto sem falar na produção das entrevistas com os colonos. Se, por um lado, o artifício supre as lacunas do arquivo local com informações mais precisas sobre a história de fundação da cidade, por outro, desmistifica a aura de inviolabilidade que possui. Uma vez que fotografias, objetos e documentos fornecidos pelo grupo entrevistado passaram a fazer parte do acervo sem nenhum tipo de problema.

Diante do exposto, o uso que Rizzi (2012) faz do arquivo local evidencia o paradoxo levantado por Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995). O estudo identifica uma espécie de febre que invariavelmente se abate sobre o desejo de memória, acabando por destruir o próprio princípio do arquivo. Trata-se da tensão entre a procura da verdade e da origem, e a consistência dita fantasmática, imprecisa e espectral daquele último (PEDROSA; KLINGER; WOLFF, CÁMARA, 2018, p.35). Problema, este, que não se apresenta de forma exclusiva para a historiadora de Caibi, mas para os estudos de arquivo como um todo desde o advento da psicanálise. A qual enxerga o espaço arquivístico não como um repositório de memória, mas como a própria materialização – sempre precária e insuficiente – de sua falta originária e estrutural. (DERRIDA, 1995, p.22). Não obstante o objetivo de reconstruir o período de formação da cidade, afirmando uma origem oficial, o que se têm são documentos esparsos, dados faltantes e todas as lacunas que se abrem entre os restos do passado armazenados no acervo. A tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem que deriva daí, comum à existência do colecionador, como observa Benjamin (1995) em “Desempacotando minha biblioteca”, também está presente no trabalho do arquivista e do historiador. Para o filósofo-colecionador, todas as práticas de coleções e arquivamentos são determinadas pela relação que o sujeito mantém com os objetos, não pelos objetos em si. O livro de memórias da

⁸ O arquivo regional CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina está sediado na cidade de Chapecó.

cidade, portanto, carregaria na sua forma de escrever a história, as marcas dessa contradição interna suturada pela voz aparentemente neutra do historiador. É como se a impressão freudiana, que acompanha o mal de arquivo no título de Derrida (1995), depositada inicialmente sobre o próprio arquivo do psicanalista e manifesta posteriormente nos conceitos de arquivo e de arquivamento, também deixasse suas marcas na historiografia.

Para além da identificação afetiva da historiadora local com os seus antepassados, o controle do arquivo emana um poder político comum na sociedade moderna. Haja vista que a sua disputa se deva à possibilidade de enunciar e construir um passado, não apenas a sua conservação. Não por acaso, o direito à interpretação arquivística é conferido à pesquisadora pela prefeitura municipal. O mesmo direito concedido aos antigos guardiões dos primeiros espaços físicos dos arquivos, os chamados arcontes. O retorno feito pelo autor aos antigos domicílios gregos que dão origem aos arquivos deixa ver a passagem institucional do privado ao público. “Depositados sob a guarda desses arcontes, estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei.” (DERRIDA, 1995, p.13). O modo pelo qual esses espaços que cruzavam aspectos topológicos e nomológicos, o lugar e a lei, o suporte e a autoridade, tornam-se visíveis e invisíveis ao mesmo tempo. Somada a essa função arcôntica primordial, e às funções de unificação e identificação, Derrida destaca ainda uma atribuição determinante nessa gestão do poder – a consignação. Esta, além de garantir a unidade do *corpus* arquivístico, reunindo-o em uma configuração ideal, imuniza o arquivo contra os segredos que possa conter e de tudo o que seja heterogêneo. Sugestionada desde a abertura deste trabalho, a pergunta sobre a presença de índios e caboclos no monumento moderno da cidade se impõe.

O capítulo inicial do livro apresenta de forma sumária outros dois grupos de habitantes que ocuparam a região antes da chegada das famílias colonizadoras. Primeiramente, passaram por lá etnias indígenas como os Guaranis, os Kaingang e os Xokleng, capazes de recuar os limites da história regional em até 600 anos atrás. Nessa breve apresentação, são indicados os diferentes responsáveis pela depopulação nativa ao longo do tempo. Os aldeamentos nas missões jesuíticas, as

capturas pelos bandeirantes e, por último, o confinamento em aldeamentos mais recentes. Na sucessão dos indígenas, estão os seus descendentes caboclos. Uma população mestiça formada pelos mencionados grupos autóctones com escravos africanos, trazidos pelos grandes fazendeiros, que se instalaram na área, e trabalhadores de diversos estados brasileiros que aportavam na região. Durante anos, os caboclos ocuparam as vastas áreas de florestas sem possuir títulos de propriedade. O que se tornou um problema com o início do projeto de colonização. A partir de então, as empresas colonizadoras passaram a receber a posse dessas mesmas terras do governo estadual. Em contrapartida, selavam o compromisso de povoá-las com colonos descendentes de europeus. Por conta disto, os caboclos “[...] passaram a ser considerados um entrave para o ‘progresso’ desejado pelos setores dominantes” (RIZZI, 2012, p.12). A autora é cuidadosa ao acrescentar que a condição de “intruso” conferida ao grupo de nativos expulsos das suas terras vem sendo relativizada pelos estudos de revisão historiográfica. Embora as existências desses grupos não deixem de ser mencionadas pelo estudo, as violências a que foram submetidas são vistas como uma etapa necessária ao progresso que viria a seguir. E o espaço a elas reservado se limita à pré-história da narrativa de fundação da cidade.

O capítulo avança um pouco na trajetória desses dois grupos com a intenção de situá-los no tempo presente. Ainda hoje são encontrados vestígios da população indígena nos sítios arqueológicos da região, nas margens do rio Uruguai e nas terras dos colonos. As etnias remanescentes, como os Kaingang e os Guarani, vivem principalmente nas Terras Indígenas demarcadas. No que diz respeito aos caboclos, depois de serem expulsos de suas pequenas roças, o estudo informa que eles passaram a trabalhar para as próprias companhias colonizadoras, para as empresas madeireiras e para os colonos. Por mais que o cruzamento entre o grupo dos fundadores e os caboclos seja indicado neste ponto, não há nenhum desdobramento a este respeito no capítulo seguinte, que dá início à narrativa de fundação da cidade. De fato, basta uma caminhada pelas bairros mais afastados do centro, onde vive grande parte dos colonos e seus descendentes, para constatar uma das máximas de Benjamin – a de que o passado só pode ser compreendido à

luz do presente. Os caboclos, afinal, sempre estiveram presentes. Desobedecendo ao limite estabelecido entre o capítulo inicial e os demais, avançaram da pré-história rumo ao mesmo caminho que o dos ditos pioneiros: a construção da cidade. Quanto aos indígenas, embora não vivam dentro dos limites de Caibi, a aldeia mais próxima está localizada a meio caminho da cidade vizinha de Iraí, a cerca de 20 quilômetros. Considerando os trabalhos subalternizados e as condições de vida precarizadas desses dois grupos, a pequena cidade colonial e sua história de fundação parecem confirmar novamente uma máxima benjaminiana. A de que nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. Na medida em que “[...] todos os bens culturais devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que o criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos.” (BENJAMIN, 1996, p.225).

O testemunho sobre a origem do nome indígena Caibi consta no texto fundacional da cidade da mesma maneira que sempre correu nas conversas entre os colonos. Batizada de início como São Domingos, a cidade teve que escolher outro nome diante da curiosa coincidência de uma localidade vizinha também chamar-se São Domingos. A sugestão do nome indígena Caibi – cujo significado, já mencionado, é “folhas verdes” – veio do professor Júlio Turcatto, quem encontrou o verbete indígena em um livro. A ideia não era fazer referência ao grupo originário, mas simplesmente ilustrar a história contada pelos colonos com o termo tupi-guarani. Ao chegarem na região da futura cidade, os companheiros do professor só encontraram mato. Caibi, então, passou a designar não só a cidade, já em estado avançado de desenvolvimento, como também a paisagem original que a precedeu. Em *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), Silviano Santiago aponta justamente para as cidades coloniais iguais a Caibi como um sintoma do renascimento colonial. Este processo de conversão dos habitantes originais do Novo Mundo em um único sistema sócio-cultural, inscreveu a América no contexto da civilização ocidental com o estatuto de um primogênito, diz o autor. Presos à condição de cópia e simulacro, restaria aos povos colonizados o valor máximo da semelhança em relação à metrópole:

Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização. É assim que vemos nascer por todos os lados essas cidades de nome europeu cuja única originalidade é o fato de trazerem antes do nome de origem o adjetivo ‘novo’ ou ‘nova’: New England, Nueva España, Nova Friburgo, Nouvelle France etc. (SANTIAGO, 2000, p. 14)

Embora o caso de Caibi não seja tão explícito como o da vizinha Nova Veneza, pode até ser compreendido como uma dupla cópia. Primeiro por haver surgido com o nome do padroeiro católico São Domingos, levado às terras catarinense pelos colonos descendentes de italianos. E, depois, por adotar um nome indígena através de uma abordagem folclórica, esvaziado do seu significado original. Marcas de homogeneização como esta, que levaram o autor a questionar qual o tipo de contribuição cultural a América Latina seria capaz no cenário ocidental, abrem a questão principal desta investigação. Como se daria uma nova leitura sobre os arquivos que enunciam a narrativa oficial de fundação da cidade? Tendo em vista que a origem da cidade é, ao mesmo tempo, o apagamento de outras origens possíveis e irrecuperáveis, de que modo seria possível ampliar os limites da narrativa de fundação? Santiago (2000) aponta um caminho no encalço do mestiço, esta figura por ele considerada subversora dos conceitos de unidade e pureza impostos aos latino-americanos. Na medida em que o mestiço – assim como o caboclo – configura uma mistura entre o elemento europeu e o elemento autóctone, seria capaz de produzir uma espécie de infiltração progressiva do pensamento selvagem. Ou seja, uma abertura que poderia levar à descolonização.

Para além da condição de grupo social dessas figuras, o trabalho do historiador Luiz Antônio Simas oferece um olhar sobre os caboclos que se manifestam nas rodas de bailado, giras e canjiras⁹. Ao analisá-los em expressões religiosas como na umbanda, no candomblé e na encantaria, articula o saber das chamadas macumbas a uma crítica do pensamento ocidental. Na sua elaboração, o caboclo é apresentado como uma categoria epistemológica capaz de promover o

⁹ Os três termos se referem a diferentes contextos ritualísticos em que o caboclo comparece enquanto um ser invisível.

reposicionamento histórico e a emergência de saberes renegados pelo modelo racionalista. Pois que o caboclamento seria uma experiência de encante, ou encantamento a partir destes últimos. Para apresentar o caboclo enquanto conceito, Simas (2018) percorre diferentes religiosidades afro-indígenas a fim de escolher uma tipologia entre tantas. O “radical caboclo” (p.99), segundo ele, está presente na chamada encantaria. Esta manifestação religiosa pouco conhecida e anterior à umbanda, é considerada base e raiz desses seres¹⁰. Extraídas do seu contexto religioso, as características constitutivas de um caboclo encantado¹¹ são sugeridas como faculdades especiais, por assim dizer, para reler o legado colonial. Exemplo elucidativo da experiência de encantamento, dado pelo historiador, é o caso do povo indígena tupinambá. Consta na narrativa oficial, pelo ponto de vista dos descobridores, que o grupo foi exterminado nas areias da Baía da Guanabara. Já pela via do encante ou do caboclamento, os tupinambás continuam a se manifestar nas rodas de macumba, incorporando-se nos corpos em transe. Ao afirmar o caboclamento enquanto uma experiência de encantamento, o autor sugere o encante como chave de leitura para reler história de formação do Brasil. Visto que a resposta dada por essas alteridades diante da tentativa de aniquilação dos colonizadores, é um desvio astucioso das mortes físicas e simbólicas que sofreram. O qual não consta nos registros escritos, mas nas oralidades dos terreiros de macumba.

No embalo desse pensamento, então, ser encostado pelo gestual do caboclo na roda do bailado, ter o corpo atravessado por sua temporalidade anacrônica, permite supor uma leitura de arquivo em busca de possíveis cruzamentos entre a narrativa oficial e os personagens soterrados pelo tempo

¹⁰ A Encantaria é considerada base e raiz dessas entidades, segundo conta o dirigente Francelino de Shapanan no artigo “Entre caboclos e encantados: mudanças recentes em cultos de caboclo na perspectiva de um chefe de terreiro” (2011). A razão, levantada por Simas (2018) e confirmada por Shapanan (2011), é a maior preservação da ancestralidade de uma prática em relação a outra. “A umbanda é bem posterior à encantaria de nobres e caboclos e por isso vemos suas entidades como derivações branqueadas daquelas que são cultuadas no tambor-de-mina, ou ainda como encantados-caboclos descendentes.” (p.329)

¹¹ Diferentes dos caboclos da umbanda e do candomblé de caboclo, os caboclos encantados são considerados seres supraviventes. Nem vivos, nem espíritos. Vivem na condição de elementos da natureza em que foram encantados e se manifestam nos corpos em transe. Estão para além da nossa concepção de vida biológica, filosófica e histórica. (SIMAS, 2018, p.101)

vazio e homogêneo do historicismo¹², confinados nas frestas do nexo causal dos fatos. Nesse sentido, a tipologia do caboclo encantado resgatada por Simas (2018) possui uma característica conveniente. O termo caboclo, na encantaria, serve para dar nome a todos os seres invisíveis que baixam no terreiro. Diferente da umbanda, por exemplo, em que o termo se restringe às entidades ligadas aos indígenas¹³. Por conta disso, o historiador defende que a chamada “canjira dos encantados” possui uma ontologia desafiadora ao projeto de dominação colonial. Já que os caboclos encantados não respeitam as hierarquias deixadas pelo legado colonial:

Na canjira dos encantados todas as mais diferentes formas baixam sob a condição de caboclos. Essa horizontalidade se dá, pois parte-se da premissa de que tudo que está a circular no mundo está passível de encantamento. A noção de caboclo é o suporte que encarna as formas de vida potencializa pelo encante. Das princesas turcas aos beberões maltrapilhos, do rei de França aos bugres guerreiros, dos vulgos matutos das campinas e sertões, às mais diferentes expressões de seres viventes. Na canjira dos encantados todos podem baixar sob o estatuto ontológico do caboclo. (SIMAS, 2018, p. 99)

Estruturada nos moldes do historicismo ocidental, a narrativa de fundação da cidade estabelece uma imagem eterna do passado, conectada aos arquivos da história regional e nacional. Ao considerar uma nova leitura desses arquivos, incorporada da noção de caboclo enquanto categoria epistemológica, o caboclamento arquivístico e historiográfico decorrente desta operação faz pensar também em um modo de escrita. Uma escrita guiada pelo caboclo seria, assim, uma escrita em transe – do latim “transire” – definida, portanto, “[...] pela ideia do ir atravessando como sentido de cruzar mundos, perspectivas, possibilidades, práticas, o tempo inteiro.” (p.100). Uma escrita disponível à travessia e ao cruzamento, em que o transe se configura como um ato criativo. Tanto na descoberta de materiais e narrativas eliminadas pelo poder arcôntico, expandindo

¹² BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232

¹³ São exemplos: Caboclo Tupinambá, Caboclo Pena Branca, Caboclo Cobra Coral.

o arquivo local. Quanto na ampliação dos limites da paisagem da narrativa de fundação, subvertendo-a no sentido de uma fundação narrativa que crie cruzamentos entre colonos, caboclos e indígenas; entre a história nacional e a história local, entre historiografia e ficção.

Antes de passar ao experimento proposto, o capítulo seguinte faz uma leitura do episódio conhecido como a Viagem de 1929. Considerada marco da historiografia regional e ponto de partida para a narrativa de fundação da cidade, o evento será analisado através das relações entre arquivo e repertório apresentadas por Diana Taylor, na tentativa de demonstrar os mecanismos dos roteiros coloniais e das performances que promovem a atualização de uma ordem social hierarquizada. Ao mesmo tempo em que assombrações dos indígenas se fazem presentes e caboclos caminham pelas margens e frestas dos documentos históricos.

3

A viagem de 1929

O episódio conhecido como *A viagem de 1929* possibilita expandir a compreensão sobre a história da pequena cidade na medida em que eleva a discussão local ao nível regional e nacional. Os registros que virão a seguir, tornam visíveis pontos de contato entre a construção narrativa da cidade e a elaboração do projeto de grande nação, que atravessa o domínio regional através do plano de expansão territorial mediante a interiorização do país. Em articulação com o processo de corte e modelagem do povo, a produção da brasilidade e do sentimento nacional. Com efeito, a relação entre o referido evento oficial e a história de fundação da cidade permite tomá-la como célula da nação brasileira, então em franco desenvolvimento. Trata-se, pois, de um projeto de promoção da integração ancorada à ideia de construção da identidade estadual e brasileira (CEOM, 2005, p.137).

Distante da sede administrativa do estado, localizada em uma zona fronteira e comandada por mandatários locais, a desconhecida região do Oeste catarinense – designada como sertão – foi palco para uma espécie de encenação da conquista do seu território e da sua população. A historiografia regional parece consensual em considerar o evento como seu ponto zero. O que, além de comprovar a eficácia dos arquivamentos em torno do acontecimento, revela a filiação da história local de Caibi e de outras cidades da região, fundadas por colonos. E que constróem suas narrativas fundacionais a partir do mesmo marco temporal.

Figura 1 - Fotografia dos integrantes da viagem de 1929

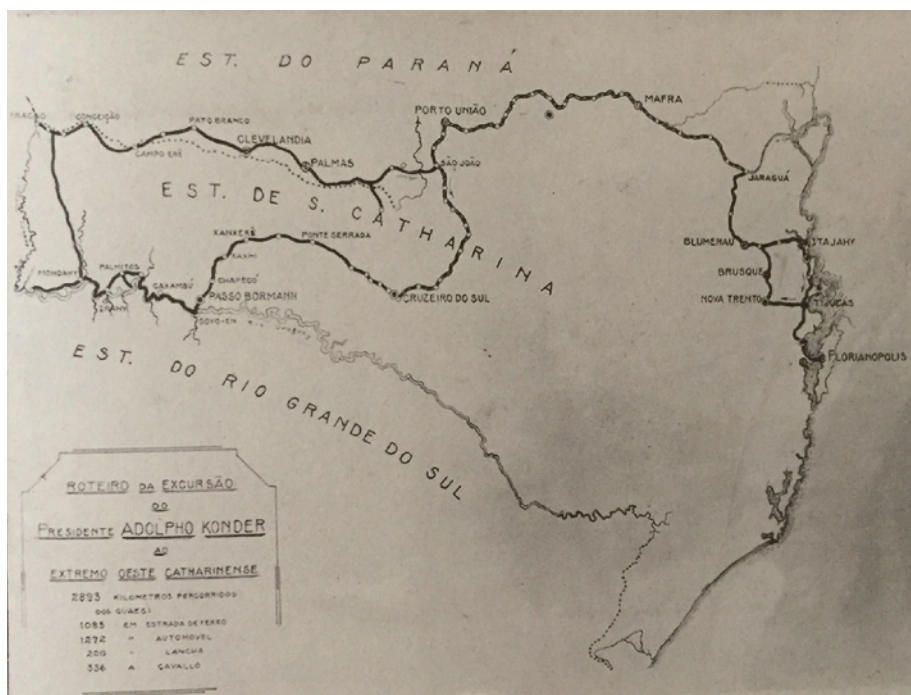


Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

A viagem de 1929 foi realizada na forma de uma comitiva com cerca de 30 integrantes – homens dos mais variados cargos e segmentos do governo estadual como deputados, chefes de polícia, consultores jurídicos, agrimensores, historiadores e escritores – e encabeçada pelo governador de Santa Catarina, Adolpho Konder, à época, com o título de presidente do estado. Além de reunir nomes de prestígio, a caravana realizou um trajeto de 30 dias¹⁴ passando por cerca de 30 municípios, grande parte deles nas áreas de fronteira com os estados do Paraná (ao Norte), Rio Grande do Sul (ao Sul) e limite com a Argentina (a Oeste), perfazendo cerca de 3 mil quilômetros. Os quais foram percorridos com diversos meios de transporte, do simples automóvel a trem, ônibus, burros e cavalos, balsas e lanchas e, por fim, longas caminhadas pela área de floresta, coração do sertão catarinense.

¹⁴ O período exato e número de municípios visitados varia de acordo com os diferentes registros. A referida marca de trinta dias, carregada de um efeito emblemático, é de Arthur Ferreira da Costa, em publicação posterior à viagem, que será apresentada a seguir.

Figura 2 - Fotografia do mapa com o trajeto da viagem de 1929



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

A imagem do mapa, em que é possível observar o trajeto da incursão, com início na capital catarinense, Florianópolis, em abril de 1929, consta em uma das publicações realizadas em torno do episódio, intitulada *O Oeste catarinense: visões e sugestões de um excursionista* (1929), de Arthur Ferreira da Costa. Parte dos relatos que compõem a edição, escritos pelo chefe de polícia do estado no mandato de Konder, havia sido publicado periodicamente no jornal *República*, inteirando a população do litoral sobre as façanhas e adversidades enfrentadas pelo presidente e seu grupo. O governo estadual teria a preocupação de difundir o evento ao máximo através de um considerável aparato propagandístico. E rápido: o material foi reunido e publicado em livro no mesmo ano¹⁵. Também ganharia versão impressa a conferência proferida por José Arthur Boiteux, outro integrante do corpo oficial, antigo juiz de direito e desembargador do estado, que leva a público as obras e as promessas realizadas pelo governo ao longo da viagem. *Oeste Catharinense (de Florianópolis a Dionísio Cerqueira)* (1931) foi realizada

¹⁵ Os fac-símiles desta publicação e da conferência de Arthur Boiteux, que será apresentada na sequência, estão presentes no livro *A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras* (2005), organizado pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM.

no *Centro Catharinense* e na *Sociedade de Geographia*, no Rio de Janeiro, e no *Club XII de Agosto* em Florianópolis. A transcrição do evento foi lançada em 1931 pelo *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* – permitindo reconhecer o parentesco com o gesto primeiro do Instituto Histórico Brasileiro, o qual, logo após a independência do país, surge com o propósito de fundar os primeiros arquivos da nação e construir a memória nacional. O tipo de trabalho que implicava em “[...] recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos.” (SCHWARCZ, 1993, p.129). À época de 1929, ainda, foi produzido e publicado o livro *Aos espanhóis confinantes* (1929), romance em formato de diário de viagem de Othon Gama D’Eça, um dos fundadores da *Academia Catarinense de Letras*. Por último, foi posto em circulação um álbum de fotografias que captura a presença dos integrantes da caravana, a paisagem e a população local.

No caso da narrativa fundacional da cidade, a montagem se dá através da manipulação de arquivos já existentes. Dos quais o livro publicado, além de referenciá-los, passa a fazer parte desses mesmos arquivos. De modo diferente, na viagem de 1929 é possível olhar para o arquivo em franco funcionamento. O que é possível através da cuidadosa inscrição do episódio em formato de escrita. Em suas reflexões sobre o arquivo e o repertório¹⁶, Diana Taylor lembra do papel histórico da escrita introduzido durante a Conquista da América espanhola. Na sua opinião, o legado deixado pelo evento, marcado pela imposição de documentos escritos como modo de controle da população indígena, não foi a substituição da escrita em relação às práticas relativas ao corpo. Assim como estas eram ferramentas utilizadas pelos jesuítas, também aquela era cara aos astecas, maias e incas, que cultivavam formas diversas de escrita aliadas à oralidade. O que mudou, de acordo com o raciocínio da autora, foi o grau de legitimação da escrita em relação a outros sistemas epistêmicos e mnemônicos. Algo que não se resume, portanto, à ruptura entre a palavra escrita dos colonizadores e a palavra falada dos nativos. Mas entre as noções antagônicas do arquivo, enquanto repositório

¹⁶ Como repertório, Taylor (2013) designa o conjunto de práticas e conhecimentos incorporados como performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canto. (p.49)

supostamente neutro de materiais duradouros. E do repertório, como efemeridade incapturável. Logo, o caso da viagem de 1929 serve, aqui, para desmistificar esta oposição entre arquivo e repertório e perceber a mediação que está por trás da construção da memória arquivada, operada através dos dois domínios. Se, por um lado, o repertório das populações locais é banido, sem acesso ao mesmo sistema de escrita para legitimar a própria narrativa. Por outro, o mecanismo arquivístico está intimamente ligado à práxis incorporada. Ainda que esta seja registrada de forma estática e aparente ser uma manifestação incompatível com os documentos oficiais. Não por acaso, a performance comparece em diferentes níveis na construção narrativa do passado regional. Algo fácil de notar na atualização que promove dos arquivos nacionais. Estes que, por sua vez, trazem uma ordem social que remonta a sua fundação. Portanto, a apresentação pública da comitiva oficial do governo é, também, uma encenação dos gestos dos heróis da nação, conforme a apresentação do livro de Arthur Ferreira da Costa:

Essa jornada, verdadeira ‘bandeira’ empreendida nos dias que vivemos, tem características de coragem, de ousadia, de resistência, de abnegação, que lembram os gestos de nossos maiores, quando se internavam pelos sertões, desbravando o desconhecido e levando aos rincões mais afastados o cunho da conquista brasileira, assegurando pela posse largos domínios para a nossa nacionalidade. (COSTA, 1929, s/p)

Os 3 registros escritos em torno do evento mostram um perfeito alinhamento entre os integrantes da Bandeira Konder ao se referirem, entre si, através do título de honra de bandeirantes. Dentre todos, o chefe da expedição, o governador Adolpho Konder, é considerado “[...] lidimo e intrepido ‘bandeirante’ [...]” (ibid., s/p). Também assim, na coletividade, o grupo é exibido à população do litoral como “[...] BANDEIRANTES DA BRASILIDADE, na phrase, sob todos os pontos de vista feliz, de Tito Carvalho, distinto jornalista conterrâneo, director da Republica e destacado membro da Academia Catharinense de Letras” (BOITEUX, 1931, p.28, grifo do autor). O contorno dessas personagens também se mostra um tanto criativo, por assim dizer, na sua construção. Ao perfil heroico de Othon Gama D’Eça, por exemplo, soma-se a

insígnia de escrivão das caravelas do descobrimento, ao ser descrito por José Boiteux como “[...] Pero Vaz de Caminha da Bandeira catarinense do século XX” (ibid., p.14). É também Boiteux, o desembargador versado na história nacional da caravana, que faz referência à emblemática frase do cronista Pero de Magalhães Gândavo¹⁷. De quem a interpretação sobre um grupo de população indígena, no século XVI, é estendida para a população de brasileiros – os assim chamados caboclos – que viviam na zona considerada de maior desnacionalização¹⁸ do sertão catarinense.

Ao registrar a importância da encenação da conquista do território em artigos e livros, o representante da cultura letrada apresenta o “roteiro” (Taylor, 2013) da ação dos corpos presentes por uma perspectiva que destaca, como heroísmo, a dominação – geralmente violenta – da população iletrada. Assim, as performances europeizadas legitimam seu autoritarismo pelo registro arquivístico. O qual será mantido na transposição do roteiro e da sua reiteração. Dentro dessa lógica, a população de caboclos da região fronteiriça – que fala uma mistura de português e castelhano, que não usa moedas nem jornais brasileiros e que casa e registra os filhos em cartórios vizinhos – repete o papel de população “brasílica” (COSTA, 1929, s/p). E ocupa novamente o lugar subalterno diante do colonizador como um povo “Sem justiça, sem lei, sem escola” (GÂNDAMO, 1573, p.65).

A repetição do legado da história colonial visto no episódio de 1929 conduz, em tempo, à pergunta feita por Silviano Santiago – “Por que e para que

¹⁷ No seu *Tratado da Terra do Brasil* (1573) – reeditado em 1858 pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – no capítulo intitulado “Da condição e costumes dos índios da terra”, o cronista faz a seguinte descrição sobre a população nativa: “A língua deste gentio, toda pela Costa, é uma: carece de três letras – não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto por que assim não têm fê, nem lei, nem rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente”.

Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf?sequence=1>>

Acesso em: 17 mar. 2021.

¹⁸ A localidade em questão é uma zona de tríplice fronteira, à época com confusos limites e jurisdições entre duas cidades de estados brasileiros, Santa Catarina e Paraná, e uma terceira, pertencente à Argentina. Para dar contorno nacional à porção catarinense, inúmeras medidas foram tomadas: nomeação de oficiais de força pública, de registro civil, organização de diretório político local, agendamento de eleições distritais e criação de escolas primárias. Mais tarde, as 3 cidades seriam emancipadas, respectivamente, como Dionísio Cerqueira, Barracão e Bernardo de Irigoyen.

viaja o europeu?”¹⁹. A resposta dada, – a colonização pela propagação da Fé e do Império – assinala o traço narcísico que contém. O do europeu que queria ver a sua imagem repetida por todo universo e que, assim, acaba por inaugurar a história dita universal (SANTIAGO, 2002, p.226) – omitindo-se, entretanto, a presença de quem mais pudesse estar presente. De volta ao momento inicial de construção da memória nacional, quando da criação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, é possível detectar traços determinantes de um modelo historiográfico primordial – ou, como dirá Taylor (2013), a existência de um “roteiro”. No auge imperial de produzir um projeto histórico unificador, em 1840, o instituto anunciou um concurso que escolheria um plano para se escrever a história antiga e moderna do Brasil. O ensaio premiado, intitulado *Como se deve escrever a história do Brasil* (1845), teve autoria do austríaco Karl Friedrich Von Martius, conhecido pela participação nas expedições científicas do século XIX e suas contribuições à historiografia e etnologia. Embora Von Martius (1845) não fosse historiador de formação e seu trabalho não apresentasse um programa de rigorosa metodologia histórica e científica, ainda assim, firmou-se como ponto de partida para vários trabalhos futuros. Engajado na construção de uma cultura nacional, atribuiu à mestiçagem – pela primeira vez – o valor de matriz da brasilidade (SOMMER, 2004, p.179). Por mais que defendesse a contribuição de indígenas e africanos para a formação da população brasileira, recomendando o estudo da cultura autóctone à historiografia pragmática, a hierarquia entre os três grupos é nítida para os olhos de hoje. E ainda assim, alerta Sommer (2004), a união racial em que os europeus iriam melhorar as raças ditas inferiores não era de todo diferente ao massacre dos povos indígenas, defendido abertamente por radicais como Francisco Adolfo de Varnhagen²⁰. Na lição de Von Martius (1845), realizada pela caravana de 1929, o lugar central da historiografia está reservado ao colono português na sua múltipla condição: “[...] descobridor, conquistador e senhor [...]” (p.442). As façanhas marítimas, comerciais e guerreiras,

¹⁹ SANTIAGO, Silvano. Por que e para que viaja o europeu? In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 221-240p.

²⁰ Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242428>> Acesso: 17 mar. 2021.

consideradas fundamentais no programa expositivo sobre o período de descobrimento e colonização do Brasil, são revividas nos gestos e na caracterização dos heróis catarinenses.

Além de trazer inúmeras camadas de relatos coloniais ao registro do presente, o estilo narrativo dos escrivães de 1929 está de acordo com as indicações feitas pelo naturalista alemão. Este, sugere evitar a monotonia das crônicas e investigações históricas, “[...] sêcas e puramente eruditas” (p.457). Na sua opinião, para a materialização de um projeto unificador, o “[...] autor monárquico-constitucional” (p.457) deveria prestar serviço a sua pátria e escrever a história nacional em um só volume, com linguagem popular e gênero épico. Ao futuro autor, que fosse escrever a história de acordo com o seu modelo, Von Martius desejou sucesso na tentativa de imprimir à obra todo o seu zelo patriótico “[...] e aquele fogo poético próprio da juventude, ao mesmo passo que desenvolva a aplicação e profundidade de juízo e de firmeza de caráter, pertencentes à idade madura e varonil.” (p.458). A julgar pelo retrato do maior responsável pela “obra de brasilidade mais empolgante desses últimos anos de República” (D’EÇA, 1992, s/p), os auspícios de Von Martius (1845) se concretizaram:

Figura 3 - Fotografia do retrato de Adolpho Konder



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

As reincidências de traços e caracteres fundacionais identificadas na viagem de 1929 evidenciam, igualmente, a noção de roteiro trazida por Taylor (2013). Na forma mesma de sumário ou esboço de uma peça, com informações sobre cenas, personagens e situações – que excedem o texto e a narrativa –, os roteiros funcionam como paradigmas que estruturam a compreensão. Através do seu aspecto de instrumentalidade e transitividade, moldam-se a novos contextos organizando ambientes sociais, comportamentos e ações. Von Martius (1845) confirma a existência de inúmeros roteiros de descobrimento e conquista, na hora em que sugere ao “historiador patriótico” que procure “atrativo variadíssimo”:

[...] na narração das numerosas viagens de descobertas e incursões dos diferentes pontos do litoral *para os desertos longínquos do interior (os sertões)*, empreendidas em procura de ouro e pedras preciosas, ou com o fim de cativar e levar como escravos os indígenas. Essas *entradas* foram pela mejor (sic) parte executadas espontâneamente por pessoas, as quais animadas por um certo espírito romanesco e aventureiro, nelas desenvolveram tôda energia, talento inventivo, perseverança e coragem de um Cortez, Balboa ou Pizarro, e executaram façanhas dignas de admiração da posteridade.” (VON MARTIUS, 1845, p. 452, *grifo meu*)

O roteiro, assim, seria uma espécie de arcabouço portátil que acumula repetições ao longo do tempo. Sua base de dados, por assim dizer, permite conduzir o rumo de ações futuras a partir de encenações passadas. O caso da expedição, uma verdadeira teatralização do roteiro de conquista, permite observar a estruturação do evento. Legitimados pela tradição, os bandeirantes-conquistadores são imediatamente situados como aqueles que vêem e controlam a cena. Ao leitor dos jornais, transportado a um lugar exótico, é dada a mesma perspectiva. Ambas com recuo em relação à moldura que se impõe às desconhecidas terras e aos estranhos nativos, que serão posicionados às margens da paisagem e irão assumir características imaginárias ou substituição de inimigos antigos. Para que esse regime de visibilidade seja instaurado, para que seja realizada a transferência de roteiros antigos ao tempo presente, coisas específicas precisam ser ditas e feitas.

O exemplo da performance da descoberta do Novo Mundo, usada por Taylor (2013), desempenhada por Colombo ao fincar a bandeira e recitar declarações oficiais rodeado por sinais de autoridade, também vale nesse caso. Uma vez que a performance, preservada no repertório e no arquivo, e que funciona como uma espécie de selo de legalidade para a reivindicação de posse, só exige dos sucessores bandeirantes a repetição do mesmo modelo “ao vivo.” (p.96).

Nessa operação em que roteiros anteriores funcionam como moldura que possibilita a transferência do repertório para o arquivo, reconfigura-se o mapa²¹ do interior catarinense. A um só tempo é redesenhado no plano jurídico, seja com a ajuda técnica de engenheiros e geógrafos, seja com a implementação de medidas político-administrativas; além de ser retraçado no campo simbólico. Assim, as mudanças registradas no papel também são vistos nos registros fotográficos das reuniões com autoridades, nos encontros com líderes locais, nas visitas aos núcleos coloniais em expansão. A produção dessa nova paisagem conta, ainda, com uma ritualística nacionalizante. Em todas as localidades por onde passa, a caravana é recebida com bandeiras tremulantes, casas enfeitadas de verde e amarelo e demonstrações cívicas de patriotismo. O escrivão e bandeirante Gama D’Eça traduz uma dessas manifestações:

A recepção ao presidente foi uma confortadora prova do sadio nacionalismo da sua população. Bandeiras nacionais nas mãos das crianças e, no ambiente luminoso, o rumor de um povo que deixara, por uns momentos, as lides da terra, para vir aclamar o chefe de Estado, que ia integrar uma porção querida de Santa Catarina nos destinos comuns da Pátria brasileira. (D’EÇA, 1992, p. 57)

Discursa-se sobre a importância daquele projeto para a consciência nacional, hasteia-se a bandeira, canta-se o hino. Na mesma linha, as obras – ou marcos civilizatórios – que vão sendo inaugurados, demarcam, progressivamente, um território nacionalizado. Escolas ganham o nome de autoridades, heróis da

²¹ Othon Gama D’Eça menciona os ajustes feitos no mapa com um pouco mais de detalhes, se comparado aos outros dois registros: “Aproveitando a oportunidade e no afã de identificar verdadeiramente a região percorrida, o presidente, o Breves, e o dr. Werner fizeram retificações topográficas e hidrográficas, dando nomes a lajeados, a ribeirões, a acidentes naturais, que ainda nem se achavam assinalados nos mapas!” (D’EÇA, 1992, p.84)

pátria são monumentalizados nas praças, ruas remetem a episódios históricos e rios passam a rememorar datas comemorativas do calendário nacional. As cidades, por sua vez, têm o nome original substituído por uma linguagem abasileirada, associada ao caboclo e ao indígena – abraçados no novo imaginário da nação. A este respeito, o homem de letras da caravana explica:

Como é vasto e desconhecido este nosso querido Brasil!
Mas, ao batizar essas águas novas, o presidente tem tido
uma nobre preocupação nacionalista: dá-lhe sempre
nomes brasileiros: – Lajeado do Saci, Ribeirão da
Bracantiga.
Nada de designações arrevesadas, que o caboclo não
pode pronunciar e nada significam.
Estamos no Brasil e o vocabulário brasileiro é farto e
expressivo.
E o manancial luso-guarani inesgotável e belo, como
nenhum outro. (ibid., p.84)

Ainda no encalço da perspectiva anti-colonialista de Taylor (2013), cuja proposta é observar o “roteiro” das ações performáticas, o uso de vocabulário local para identificar acidentes geográficos corresponde ao mesmo movimento autoritário de incorporação pelo Estado. De modo que territórios ainda habitados apenas por caboclos e indígenas sejam possuídos pelo empreendimento de colonização e seus representantes descendentes de europeus. A usurpação do território das populações nativas – como aconteceu no século XVI – é legitimada pela apropriação de suas denominações. Os registros mostram dois casos parecidos ao de Caibi. As colônias Porto Novo e Porto Feliz, próximas da área onde também surgiria São Domingos²², são renomeadas com topônimos indígenas semelhantes, por sugestão do governador. Respectivamente, passam a se chamar Itapiranga e Mondaí²³. Embora o núcleo colonial que origina São Domingos tenha sido fundado tempos depois, é certo que a consolidação do imaginário nacional, então em formação, haveria de influenciar a substituição pelo nome de Caibi. Em

²² Cabe lembrar que a antiga São Domingos corresponde à futura Caibi.

²³ Segundo Costa (1929), Mondaí, então, contava com 7 anos de funcionamento e Itapiranga, dois – confirmando o rápido desenvolvimento. Em relação a esta última, é interessante o trabalho de Paulo Eidt, intitulado *Os sinos se dobram por Alfredo* (2016), em que reconstitui a história do projeto de Porto Novo através do personagem ficcional Alfredo, integrante de uma família de imigrantes alemães. A narrativa mescla documentos, relatos de vida e estudos sobre as relações culturais, econômicas e sociais.
EIDT, Paulino. *Os sinos se dobram por Alfredo*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2016. 376p.

reforço a esta ideia, o comentário de Boiteux (1931) insinua que, a certa altura, as trocas de nomes começaram a acontecer espontaneamente:

Ahi terminou a nossa viagem pelo rio. Deixámos as lanchas a gasolina e tomámos autos para visitarmos Porto Novo. Sua séde é a risonha Itapiranga, nome indígena como são Mondahy e tantos outros que os novos colonizadores daquela região estão preferindo aos Neu Bremen, Neu Berlim, Neu Breslau que tanto nos arrepiam os pavilhões auriculares e as Novas Venezia e Novas Palermo que, em cada canto colonizado por antigos directores de nucleos, se encontram seguidamente. (p.22).

Longe da espontaneidade sugerida pelo desembargador, a troca de nomes coloca em cena os efeitos do endurecimento da política adotada pelo futuro governo Vargas, direcionada em defesa do nacionalismo de inspiração nazifascista (DIWAN, 2018, p.119). Virado o jogo, os colonos europeus, antes beneficiados com as medidas de incentivo do governo, passariam a representar uma ameaça à unidade cultural e identitária pretendida pelo Estado Novo.

Figura 4 - Fotografia do portal de entrada da cidade de Mondai



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

No momento em questão, São Domingos não configurava um destino dentro da rota da caravana Konder. Como já mencionado anteriormente, foi necessário mais tempo para que o núcleo colonial ganhasse corpo, embora as primeiras famílias já vivessem naquelas terras desde 1918. Ainda assim, o trajeto da comitiva passa por sedes coloniais mais recentes em comparação a Itapiranga e Mondaí, as quais, além de se tornarem vizinhas de São Domingos mais tarde, abrigaram, de início, alguns dos seus integrantes. Em comum, todas essas pequenas comunidades – Palmitos²⁴, São Carlos e Passarinho – foram administradas pelas empresas colonizadoras Chapecó-Pepery Limitada e a Companhia Territorial Sul Brasil²⁵. Em um dos registros fotográficos, Adolpho Konder aparece em visita realizada a uma quarta sede vizinha, em estágio parecido, chamada Cascalho. O discurso feito na ocasião – “Quando o dr. Adolfo exclamou: ‘Colonizar não é vender terras!’ e acentuou a necessidade de se fixar o homem à gleba, houve exclamações e aplausos por toda a parte.” (BOITEUX, 1931, p.47) – faz elogios ao trabalho realizado pela Companhia Territorial Sul Brasil. E, sobremaneira, à toda população de colonos imigrantes. Estes, que serviram indistintamente aos “futuros núcleos de colonização” (BOITEUX, 1931, p.15) aos olhos do governo, serão oficializados com o mesmo estatuto de pioneiros na narrativa de fundação de Caibi, aos olhos de Rizzi (2012).

Passarinho, como Palmitos, como São Carlos, são colméias ativas, onde uma gente próspera e sadia vai construindo o seu favo de ouro. Vale a pena vê-las. Alimentam-nas uma gleba de fértil; orientam-nas espíritos de elite, com a consciência lúcida e nítida dos destinos humanos. (D’EÇA, 1992, p. 34)

²⁴ Palmitos, entre todas, a mais próxima de Caibi: separadas por pouco mais de 10 quilômetros.

²⁵ Caibi teve sua construção capitaneada pela Companhia Territorial Sul Brasil. O estudo do historiador Antonio Werlang, de título *Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil* (2006) aborda o processo de colonização regional a partir do caso específico desta empresa e oferece rico material de fotos e entrevistas. WERLANG, Alceu Antonio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó: Argos, 2006.149p.

Figura 5 - Fotografia de Adolpho Konder proferindo discurso na sede Cascalho



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

O arquivo regional mostra-se, assim, como a construção de um *a priori* histórico, um precedente (FOUCAULT, 1987, *apud* Pedrosa, Klinger, Wolff, Cámara, 2018, p. 22) em relação à história de fundação de Caibi. E cada vez mais longe da noção tradicional de arquivo, como lugar de memória e acumulação, revela-se um sistema enunciativo cujo controle garante poder político e a supremacia cultural. As fórmulas publicitárias e a retórica das notícias de jornais locais que passam a estimular a vinda de imigrantes das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul²⁶ para a “Nova Canaã”, com base nos relatos e nos discursos de Konder, são nítidas construções de realidade. Entretanto, entre a moldura do arquivo e a paisagem, entre o éden e o sertão, entre os colonos e as populações nativas, persiste a tensão que marca todos os modos de arquivamento. E é a própria eficácia do arquivo da viagem de 1929, forjado como narrativa totalizante, como história do triunfo da lei e da ordem, como afirmação e repetição do modelo historiográfico nacional, que é necessário reler através de um caboclamento

²⁶ Em *Mito e história na colonização do Oeste catarinense* (2008), Renilda Vicenzi discute os mitos criados em torno das personagens envolvidas no processo de colonização regional – pioneiros e nativos – e analisa os discursos difundidos nas Colônias Velhas pela Cia Territorial Sul Brasil.

VICENZI, Renilda. *Mito e história na colonização do Oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2008. 162p.

historiográfico. Conjurando os fantasmas e espectros dos indígenas e seguindo os passos dos caboclos, que estão nas margens e nas frestas da paisagem do imenso sertão. Conquistado pelos bandeirantes catarinenses sob o regime de visibilidade assegurado pelos roteiros coloniais.

Figura 6 - Fotografia do retrato do sertão catarinense



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

3.1.

Caboclamento historiográfico

Por mais que a imagem do sertão catarinense tenha sido fixada como uma paisagem pouco habitada, a moldura criada pelos roteiros de descoberta e conquista revela, ao contrário, um arquivo assombrado e com a presença constante de intrusos. Através da manobra da transferência “[...] como um paradigma sem novidade, portátil, repetível e frequentemente banal [...]” (Taylor, 2013, p.93), o roteiro permite moldar o contexto presente ao ativar o tempo passado. Como um sistema paradigmático de visibilidade, em que o descobridor ou conquistador é

aquele que vê e controla a cena, além de estar invariavelmente no centro do palco em oposição ao Outro selvagem, garante também o seu inverso, a invisibilidade. A imagem do sertão catarinense não é apenas pintada como vazio demográfico pronto para receber os “os colonos, os immigrants, os obreiros da civilização” (COSTA, 1929, p.31), a ela também é acrescentada a ideia do caos e da desordem. Em tal caso, faz sentido que o encontro entre Adolpho Konder e Getúlio Vargas, então governador do Rio Grande do Sul, tenha sido o acontecimento mais comentado da viagem de 1929. Muito próximo à Caibi atual, na cidade de Iraí, os dois chefes de estado assinaram um convênio de cooperação mútua entre as forças policiais dos estados vizinhos. Apesar da existência do chamado caudilhismo local, em que coronéis ditavam a “lei do trabuco” acima do poder republicano, o fenômeno do banditismo parece ter cumprido dois objetivos. O de servir de argumento à implantação da ordem civilizatória e, ao mesmo tempo, manter uma ordem social hierarquizada. Garantida, como já visto, por uma tradição historiográfica reafirmada através do caráter iterativo do arquivo. Afinal, o cenário desolador e assolado pela barbárie apresentado pelo governo estadual da época, aciona diferentes tipos de roteiros, definindo protagonistas e antagonistas.

Assim como os traços dos conquistadores mais remotos são sublinhados no presente, assegurando a reputação dos novos heróis, o mesmo ocorre com as feições dadas ao Outro selvagem através dos roteiros de descoberta. Por mais que o cuidadoso arquivamento do repertório da viagem de 1929 permita visualizar, através das fotografias, a transposição de papéis entre bandeirantes e os homens oficiais da caravana, o mesmo não é possível no caso dos caboclos, retirados por completo das imagens. Ao mesmo tempo, a articulação entre o roteiro e as narrativas produzidas pelos integrantes da comitiva, permite um jogo em que a presença esvaziada dos nativos no primeiro caso (roteiro), é preenchida parcialmente no segundo (texto). Aquilo que o roteiro tira de cena, as narrativas devolvem como uma presença ausente. Na já mencionada alusão de José Boiteux aos dizeres de Gândavo, é possível recuperar o total esvaziamento subjetivo de um grupo indígena específico – os índios Aymorés –, caracterizados pela falta absoluta. Em tempo, essa não é a única associação dos então chamados gentios

aos caboclos. Costa (1929) transpõe a denominação antigamente reservada aos nativos brasileiros para o seu contexto dizendo: “Tambem agora se fizeram conquistas, se não de terras, pelo menos de *populações brasilicas* que se estavam desnacionalizando, pelo abandono completo em que viviam, sem a minima ligação com a nossa patria e totalmente alheias da communhão nacional.” (s/p, grifo meu). De olho nos roteiros e nas narrativas do arquivo regional, a representação do caboclo é feita pela sobreposição de características familiares ao selvagem brasílico – marcadas pela falta e pela negatividade – e, principalmente, descartando o seu repertório próprio.

Ao recuar à matriz historiográfica nacional, é possível detectar traços fundantes da tipologia do nativo que atravessam o tempo. No manual de Von Martius (1845), a diferenciação entre a figura do colonizador português e do nativo se dá através das famosas perversões da costumes, da moral e da lei. Além disso, sob o olhar dos conquistadores, doravante donos das terras, os nativos são transformados em invasores:

Quando os portugueses descobriram o Brasil, e nele se estabeleceram, acharam os indígenas proporcionalmente em tão *diminuto número e profundo aviltamento*, que nas suas recém-fundadas colônias podiam desenvolver e estender-se quase sem importar-se dos autóctones. Êstes exerceram sobre os colonos uma influência negativa tão somente, por quanto só os forçaram a acautelar-se contra as suas *invasões hostis*, e por isso criaram uma instituição singular de defesa, o Sistema de Milícias. (VON MARTIUS, p. 447, grifo meu)

Até mesmo a tendenciosa ideia de uma baixa densidade populacional autóctone, presente na citação, cabe ao objetivo da Bandeira Konder de conquistar as terras catarinenses. Em consonância com o trecho mencionado, o relato de Costa (1929) reproduz uma presença escassa e indesejável na paisagem: “Na costa rio grandense é tudo solidão e deserto, lobrigando-se, apenas, de quando em quando, a largos espaços, uma choupana de ‘*intruso*’, que ali se abrigou para melhor explorar as mattas, roubando madeiras das terras devolutas.” (p.17, grifo meu). Apontando na mesma direção, geográfica e ideologicamente localizada no

lado oposto às colônias europeias, a suspeita população é notada pelo diário de D'Eça (1992):

Continuo enlevado pela paisagem fluvial que nos ladeia: barrancas altas, onde, de longe em longe, espiando as balsas lentas que descem para S. Thomé, na Argentina, surgem telhados escuros, *ou algum fio de fumo assignala uma tennue mancha humana naquellas mattarias vastas e desertas'.*” (p.24, grifo meu)

Em contraste com a margem catarinense, onde a nova paisagem colonial e seus integrantes despontam com riqueza de detalhes – “[...] toda uma gente forte e decidida, disposta ao trabalho, levando áquelles rincões, até há pouco incultos por abandonados, a prosperidade e a riqueza.” (BOITEUX, 1931, p.10) – os contornos da população nativa são fugidios, confundem-se com a paisagem. Assim como nos roteiros de conquista os nativos são reconhecidos e, ao mesmo tempo suprimidos. E dessa forma, são transferidos para o espaço das margens, situando a posição central do conquistador. Confundidos entre as matas e os animais no imaginário colonial, alcançam uma espécie de exterioridade decorativa nos textos. Embora estes sinalizem a presença de caboclos ao longo do trajeto da comitiva, a representação feita é frequentemente distante e silenciosa. Do contrário, são idealizadas como as descrições que o escritor D'Eça (1992) faz ao caboclo Areias, um timoneiro que conduz a balsa no posto de almirante fluvial. A representação do corpo do caboclo, aqui, se aproxima em muito à literatura indianista de José de Alencar. O exemplo é oportuno, visto que o projeto literário do autor compartilhava das ideias de Von Martius, as quais permeiam seus romances e suas reflexões sobre a cultural brasileira (SOMMER, 2004, p.181). Em seu pós-escrito de *Iracema* (1865), o escritor comenta o processo de criação do romance como uma montagem, cujo material de base foram as informações coletadas em relatos dos navegadores europeus, dos quais extraiu personagens e conflitos reais. Ao usar fontes coloniais para a construção ficcional, traz junto um olhar marcado pela exterioridade própria do conceito de “exótico” como “[...] aquilo que não pertence a quem assim o qualifica, com aquilo que não é seu nem participa do seu mundo, aquilo que é radicalmente diferente e que é, sobretudo,

exterior a quem lhe confere tal designação” (SCHØLLHAMMER, 2007, p.176). É na Carta de Pero Vaz de Caminha²⁷ que esse mesmo olhar revela o seu sentido original, o de descrever os gestos do selvagem de acordo com os interesses de apropriação das terras e dos corpos. Não por acaso, a descrição de Areias coincide com a os contornos heróicos de personagens indígenas, os quais desempenhavam aventuras épicas no passado lendário que se estavam construindo no romantismo do século XIX (SÁ, 2012, p.184). Retratos pela força física e plasmados à beleza natural da paisagem nativa, enquadram-se na oposição paradigmática entre Natureza e Cultura. Por um momento, “a voz maviosa, débil como sussurro de colibri [...]” (ALENCAR, s/d, p.43) de Iracema parece manifestar-se no corpo de Areias, pelo traço romântico de D’Eça (1992):

O timoneiro – um caboclo *destorcido* que se chama Areias – avisou-nos de que dentro de alguns instantes vamos passar a primeira corredeira. [...]

Mas Areias e o companheiro – que antes manobravam com uma grande vara de arrimo – lestos e corajosos pulam n’água e, à força de ombros, num retesamento de músculos que os verga, entumesce-lhes as veias do pescoço e dilata-lhes os olhos, reconduzem a lanchinha ao minúsculo canal entre as pedras; e antes das ‘águas fundas’, com a *agilidade de felinos*, sobem à embarcação e, novamente, cada qual retorna aos seus postos, encharcados e satisfeitos da proeza. (D’EÇA, 1992, p. 23-24)

A “mancha humana” avistada pelo escrivão da caravana tem ainda outra camada significativa, a da carga negativa que a mestiçagem representava ao ideal racial da nação. Naquele então, era justamente através da raça que a nação era entendida. “Por meio dela se explicavam sucessos políticos, fracassos econômicos ou hierarquias sociais assentadas.” (SCHWARCS, 1993, p.307). Preservar o futuro racial do Brasil, sua unidade nacional e sua homogeneização foram preocupações dos eugenistas ao longo da década de 1920 (DIWAN, 2018, p. 118)²⁸. É certo que a passagem para 1930 promete uma mudança paradigmática com a troca de abordagens biológicas por outras, em termos culturais. Ao mesmo

²⁷ CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2017.160p.

²⁸ DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

tempo, em 1929, Miguel Couto – Presidente da Academia Nacional de Medicina – ainda defendia a tese de que a mistura racial levaria à degeneração nacional, no Primeiro Congresso Nacional de Medicina. Contudo, na esteira do nacionalismo antecipado pela viagem de 1929, a mestiçagem seria reposicionada como símbolo da brasilidade. E neste intervalo, vivido pela caravana de Konder, os caboclos aparecem ora como invasores do sertão, ora como representantes ideais da alma brasileira.

A mudança do status do mestiço brasileiro – o caboclo – já vinha sinalizando a mudança de percepção sobre o povo nacional. Personificado no personagem de Monteiro Lobado, o também caboclo Jeca-Tatu, passará de inferior e inapto à vítima de um governo irresponsável. A cura da população sertaneja seria, por fim, a cura do país, regenerado através de políticas higienistas. (p.102). E não mais pela radical via da eugenia, interessada em extirpar os indesejáveis do corpo social da nação²⁹. A este respeito, o episódio em que a caravana de Konder consegue abrigo em um barbaquá abandonado – morada provisória dos caboclos para a extração de erva-mate – é bastante expressivo. “O ambiente era o mais apavorante, desconfortável e antihigienico possível.” (p.60), diz Costa (1929). O que segue da experiência relatada é ainda mais sintomático, quando visto pela lente de um discurso de associação entre doença e mestiçagem. No meio da noite, uma chuva torrencial inunda a precária construção de taquaras e teto de palha. Em meio às trovoadas, um caboclo bate à porta para pedir auxílio médico à comitiva do governador. Quem sai em socorro do familiar do nativo não é o médico, senão o laureado homem de letras da comitiva, Othon Gama D’Eça.

Naquele então, não somente a suposta falta de perfectibilidade era correlacionada à raça, mas também à criminalidade. Apoiado nessa tese, outro roteiro é colocado sobre a paisagem do sertão catarinense pelo olhar dos

²⁹ É importante destacar a co-existência de ambas abordagens dentro do amplo espectro do movimento eugenista. E cabe ainda relatar a coincidência do comentário do jornalista e militante integralista Gustavo Barroso sobre o lançamento do livro de Renato Kehl – ícone da eugenia brasileira –, intitulado *Lições de eugenia*, no exato ano de 1929. A citação é feita por Diwan (2018): “Barroso escreveu no jornal *A Ordem* que nenhum país necessitava tanto melhorar sua raça quanto o Brasil. Para ele, com ‘a cruzada pró-melhoramento’ que o ‘bandeirante’ Renato Kehl vinha empreendendo com a divulgação da eugenia, os brasileiros passavam a se interessar ‘pelos problemas vitais de toda a ordem’, sobretudo o problema do melhoramento da nacionalidade” (p. 120, grifo meu).

bandeirantes. “Um dos grandes flagellos do Oeste catarinense, como o do Nordeste brasileiro, é o banditismo do sertão.” (COSTA, 1929, p.53). A comparação da Guerra de Canudos (1896-1897) se encaixa ao contexto do Oeste catarinense na medida em que este território havia sido resultado da Guerra do Contestado (1912-1916). Desencadeada pela construção de uma ferrovia que ligaria o Centro do país ao Sul, a longa rebelião³⁰ foi liderada pelos caboclos da região, expulsos das terras concedidas à empreiteira estrangeira. Dentre as afinidades com a Guerra de Canudos – como o fato de haver se tornado questão nacional ao mobilizar mais de um terço do exército brasileiro – a correspondência entre o sertanejo e o caboclo é a mais importante. Associados aos inimigos anteriores, também considerados fanáticos religiosos, criminosos e ignorantes, contrapõem-se automaticamente ao poder republicano representado pelo líder bandeirante. Quem, também, é intitulado juiz de paz para resolver conflitos entre caboclos no sertão abandonado. A partir do caso de disputa entre as famílias Lara e Cabral, exemplificam-se casos de mortes por terras e ilustra-se o território sem lei que precisa ser urgentemente controlado³¹. Além do enredo de crueldades, Costa (1929) inclui na sua descrição o túmulo à beira da estrada onde foram enterrados pai e filhos assassinados. A viúva recebe ajuda do governador com a abertura de inquérito sobre o crime. As inúmeras cruzes que são vistas pelo caminho ressuscitam muito mais do que vítimas do caudilhismo, também despertam os fantasmas de caboclos insubordinados que continuavam a habitar as terras do Ex-Contestado, convertida em Nova Canaã depois de controlado o conflito. Além dos espectros comunistas³² que rondam a nação brasileira desde

³⁰ O trabalho de Delmir José Valentini, *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado* (2016), faz uma releitura sobre o episódio a partir do confronto entre testemunhos da população cabocla e narrativas oficiais.

VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. 4ª ed. Chapecó: Argos, 2016. 256p.

³¹ Nesse sentido, o estudo de Délcio Marquetti, intitulado *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX* (2008) recorre aos processos-crime da época para demonstrar como o Código Penal 1890 incriminou indígenas e caboclos. No cerne da diferenciação entre a população local e os imigrantes, está a noção de raça propalada pela Antropologia, Biologia e Sociologia Criminal.

MARQUETTI, Délcio. *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX*. Chapecó: Argos, 2008.

³² Por mais que os colonos imigrantes não carregassem o estigma preconceituoso do mestiço, representavam um risco pela proximidade com o comunismo. (DIWAN, 2018, p.117)

1922 e que são constantemente lembrados pela caravana, através dos vestígios deixados pela Coluna Prestes no caminho. Os comunistas deixam mortes e rastros de rebeldia pelo sertão, indicados por outras cruzeiras que beiram as picadas, marcadas pela amarração de panos vermelhos. Na medida em que a caravana dos bandeirantes avança heroicamente no cenário de caos e barbárie, o poder soberano se impõe, encarnado pelo chefe de estado. Ao cravar a bandeira nas terras do sertão, decreta a nova ordem, demarca a territorialidade e batiza o povo com o sentimento nacional, cuja “alma verde” metaforizada na retórica de D’Eça (1929) ressoa no nome indígena Caibi:

Senti, hoje, pela primeira vez, a emoção enternecida de ver, da terra estrangeira, a bandeira da Pátria! [...] E daquele solo amigo – onde uma vez tremulara ao lado do pavilhão azul e branco, irmanada por um ideal de Justiça e de Liberdade Humanas – eu pedi a Deus para que sempre nos conservasse unidos à sua sombra maternal e a mantivesse sempre assim no alto, nobre, magnífica, hospitaleira – como a própria *alma verde* e oiro do meu Brasil. (p.106, grifo meu)

Os caboclos, herdeiros de outro forte traço atribuído aos indígenas pelos roteiros coloniais – o de não falantes – têm seu modo de vida e sua cultura interpretados pela perspectiva positivista dos homens do governo nos momentos em que ganham voz. Contada aos leitores de jornal da capital, e ao leitores do livro de Gama D’Eça, a “sabedoria popular” da população local é apresentada sempre com ressalvas ao bom senso e muita ironia, de acordo com o modelo de pensamento racional e cientificista. Em referência aos saberes da população nativa, o manual de Von Martius (1845) já advertia: “Um historiador filósofo, familiarizado com tôdas as direções dêsses mitos populares, de certo não os desprezará; mas há de dar-lhes a *importância particular* que merecem; – dêle concluirá para várias conjeturas na vida do povo, e *há-de pô-los em relação com a essência do grau de civilização intelectual em geral*” (p. 453). O cumprimento dessa antiga diretriz comparece não somente no esvaziamento do repertório da população cabocla, traduzido de forma redutora e estigmatizante pelos escrivãos e, assim, confinados no arquivo. Além do modo de pensar, também a expressão oral do caboclo é isolada em relação à norma culta, a julgar pelo emprego

constante de aspas: “Cerração baixa, sol que racha’ é a sabedoria do povo” (p.28), arremeda o escritor D’Eça (1929).

Dentre todos os registros da viagem de 1929, apenas o diário de Othon Gama D’Eça se refere à população autóctone. Todavia, suas impressões se somam às fantasias dos colonos através dos vestígios e das ruínas desses povos. Os estudos arqueológicos³³ da região são capazes de resgatar a presença indígena a até onze mil anos atrás, considerando o caráter nômade das diferentes etnias. Entre elas estiveram os Guaranis, os Xokleng e os Kaingang. Com a chegada dos colonos imigrantes, muitos vestígios eram encontrados. Urnas funerárias engatavam no arado da terra, pontas de flechas assomavam à beira do rio Uruguai, trilhas antigas e os chamados “buracos de bugre”³⁴ apareciam nas áreas próximas aos loteamentos. Embora não seja comum ouvir relatos dos colonos de Caibi sobre a presença física dos índios, é certo que povoavam e povoam o seu imaginário: “Todos esses elementos suscitavam curiosidade nos novos povoados e os faziam suspeitar que, antes deles, o território deveria ter sido ocupado.” (SCHMITZ, 2011, p. 74).

Durante a já mencionada visita ao escritório da Companhia Territorial Sul Brasil, o escrivão da caravana repara no interior da residência: “Vi alguns vasos curiosos da mais velha *cerâmica indígena* e vários quadros a óleo com assinaturas de valor.” (D’EÇA, 1929, p. 47, grifo meu). Ao percorrer as margens do rio Uruguai pela manhã, descreve uma atmosfera carregada de mistério na barranca do rio: “Há um trecho, porém, beirando umas rochas a pique, cilíndricas e polidas *como se fossem colunas de um templo indígena*; e umas pedras de feitios esquisitos, que pareciam crescer dentro da neblina fumarenta que apagava a paisagem em torno.” (p.22). Na primeira noite em meio à mata, o escritor tem uma visão. Da porta da barraca onde observa os caboclos em torno da fogueira, as feições indígenas de seus rostos inspiram-lhe uma imagem fantasmagórica da

³³ O conjunto de estudos compilados em *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas* (2011), organizado por Mirian Carbonera e Pedro Schmitz, recupera as histórias dos povos que viveram nas matas e nas várzeas dos rios antes da chegada dos colonizadores europeus e dos seus descendentes.

CARBONERA, Mirian. SCHMITZ, Pedro Ignacio (Orgs.). *Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, 2011. 364p.

³⁴ Grandes depressões de terra que serviam de moradia subterrânea aos Kaingang.

floresta, sutilmente associada à presença indígena: “A chama clara e alta ilumina-lhes os rostos, *sobe coroada por um cocar de fumo* e risca no chão sombras agudas e vacilantes. Para lá do fogo é a treva absoluta, misteriosa e imponderável [...]” (p. 69). Sob o ponto de vista do homem de letras, segundo Derrida (1994, p. 27), os espectros não falam. Essa condição inominável, impalpável, avessa a todo o saber, retorna continuamente, sempre em silêncio, desafiando os registros do escrivão oficial³⁵.

À exceção de uma única aparição isolada, os indígenas só retornam aos registros da viagem de 1929 na condição de espectros indecifráveis. Nos últimos dias da expedição, o presidente Konder recebe uma delegação de índios coroados³⁶. O “Capitão”, assim descrito ironicamente por D’Eça (1992), mostra um ofício do Ministério da Agricultura que comprova a posse de uma terra já vendida à terceiros. A resolução do governador catarinense, ao visitar o pequeno acampamento, é imediata: providencia-lhes instrumentos agrários e abre uma escola, a Escola José de Anchieta. Para contornar a inconveniente irrupção no cenário, no entanto, a medida mais eficaz é o acionamento da tradição literária. Através desta, nega-lhes o presente e os devolve às sombras do arquivo: “Perguntei ao ‘capitão’ se estava agora mais satisfeito. – Estou-se! – respondeu-me num sorriso inexpressivo, quase bestial, mostrando umas gengivas roxas e sem dentes. Pobre Alencar! Como são esses bugres diferentes dos teus Peris e das tuas Iracemas! (p. 144).

O capítulo seguinte propõe uma experimentação narrativa imantada pelas proposições de Silviano Santiago e Luiz Antonio Simas sobre o mestiço e o caboclo. O romance e o caderno de notas que seguem tentam ampliar dos limites da história de fundação da cidade a partir do método materialista de leitura, de

³⁵ Nos termos de Shakespeare, em *Hamlet*, citados e trabalhados por Derrida (1994), Othon Gama D’Eça seria o chamado *scholar*, o erudito, intelectual instruído, homem de cultura – identificado pelo teórico no personagem cético de Horácio que, em *Hamlet*, é convocado pelo Príncipe para fazer falar o fantasma do pai. A tentativa é inútil: “Nunca houve um *scholar* que, enquanto tal, não acreditasse na distinção definitiva entre o real e o não-real, efetivo e o não-efetivo, o vivo e o não-vivo, o ser e o não-ser [...], a oposição entre o que está presente e o que não está, por exemplo sob forma de objetividade.” (DERRIDA, 1994, p.27)

³⁶ Trata-se de um termo criado pelos portugueses em referência ao uso de plumas na cabeça e ao corte de cabelo ao estilo franciscano. A classificação também é aplicada a Kaigangs de outros estados, bem como outras etnias. Segundo o registro de D’Eça, o grupo vinha da cidade de Xanxerê (SC).

Walter Benjamin, e da escrita em transe. Nas próximas páginas, romance e caderno de notas alternam-se. O texto ficcional transcorre nos anos de 1929 e 1992, ambientados na antiga colônia e na cidade, respectivamente. Enquanto o caderno de notas reconstitui a experiência da pesquisa de campo na cidade, especulando formas de narrar no próprio ato da escrita.

Para dar o próximo passo neste trabalho que cruza o saber das macumbas e o conhecimento científico, cabe a invocação ao estilo das religiões afro-indígenas, que resgatam a memória popular através das histórias dos guias e dos pontos cantados (CONCONE, 2011, p.289). Canta um ponto que caboclo é aquele que “[...] não tem caminho pra caminhar, caminha por cima da folha, por baixo da folha, em todo lugar”³⁷.

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g&list=RDCoxjVFfvI7g&start_radio=1> Acesso em: 17 mar. 2021.

4

O baile da onça

- romance com notas

Nota inicial

[O desfile]

I

29 A pegada larga

92 A tosse de terra

Nota 1

2

29 A chegada na colônia nova

92 A cabana da onça

Nota 2

3

29 Os bichos do terreiro

92 A gaveta de Morena

Nota 3

4

29 A reunião dos colonos

92 O esconderijo do bicho de pé

Nota 4

5

29 Um intruso no milharal

92 O colchão de folhas

Nota 5

6

29 Catinga de onça

92 Carta aos moradores

Nota 6

7

29 Um bandeirantes pede abrigo

92 Bucho de terra

Nota 7

8

29 O bandeirante é um escritor

92 O baile da onça pintada

Nota 8

9

29 O sonho do escritor

92 A onça na jaula

Nota 9

10

29 Um índio chamado Vitorino

92 A barriga de Mãe Clara

Nota 10

11

29 O baile da colônia

92 O mijo da onça

Nota 11

12

29 O rabo da onça

92 O rabinho escondido

Nota 12

13

29 Ao jornal República

92 Emboscada para os bandeirantes

Nota 13

14

29 O mapa da colônia

92 O último sonho de Vitorino

Nota 14

15

29 Folhas verdes

92 A última migalha

Nota 15

[O desfile]

Nota Final

Nota Inicial

A ideia de retornar a minha cidade origem não fazia parte dos planos desta pesquisa. Pelo menos não como uma escolha consciente. Até então minha relação com a terra onde nasci e passei os 6 primeiros anos da infância era de aversão. Lembro de uma fantasia que se repetia na minha infância. Ela vinha do mesmo costume contado por Walter Benjamin, ainda menino, em ficar meio passo atrás nas caminhadas com a mãe pelas calçadas de Berlim. Para além do fascínio que ele dizia sentir pela prostituta da cidade, lembro de fantasiar como seria estar na pele dela. Não tanto por ser uma mulher, mas por ser a única, como veem os olhos do menino antigo de Drummond. Única figura que manifesta o desejo publicamente e que, por conta disto, vive no limiar da cidade, em uma geografia proibida, na rua de Baixo onde é proibido passar. Foi por conta daquilo que nem eu sabia até os 6 anos de idade – aquilo que nem o menino sabe, diz o poema, e quer saber, querendo a puta que a cidade se tornou uma fronteira. Em que eu ficava meio passo atrás, olhando de longe os nomes públicos da minha família, que fizeram sucessão na prefeitura. Sempre fantasiando como seria renunciar a um nome e à história que vem junto com ele.

Quando o rumo da pesquisa apontou para o retorno à cidade natal, quis me convencer que o trabalho poderia ser feito à distância. Cheguei a ficar contrariado quando minha antiga orientadora sugeriu que passasse algum tempo por lá. Feitas as pazes com o surgimento desse desejo paradoxal, submeti um projeto de pesquisa de campo ao programa PROCAD, que promove interações científico-acadêmicas entre diferentes estados. Eu ficaria três meses na cidade de Chapecó, a 100 quilômetros de Caibi. Elaborei um roteiro em que reservava maior parte do tempo para visitas em arquivos regionais e pesquisas na biblioteca da universidade que me receberia. Ao final, foram os caboclos que me levaram até a cidade que eu tanto evitava. Como tema central desta investigação, tive que abrir um espaço no roteiro para entrevistá-los pessoalmente, colocando os pés finalmente nas calçadas de menino. Resisti até o último mês da viagem, quando finalmente passei uma semana inteira percorrendo o bairro dos caboclos em busca de suas narrativas sobre a fundação da cidade, enquanto me hospedava na própria casa da infância.

Em uma única busca no site da Unochapecó encontrei o currículo da professora ideal para me ajudar. Arlene Renk é uma pesquisadora catarinense que dedicou parte da trajetória

acadêmica ao estudo sobre os caboclos. Estes que se apresentaram para mim na roda do bailado como entidades espirituais e que, neste outro contexto, se referem a um grupo social específico, os habitantes nativos da região em que a cidade colonial foi fundada. A contribuição de Arlene seria enorme, já que o seu trabalho dava contornos para a relação entre caboclos e colonos que eu tentava elaborar a partir dos insights da experiência do transe místico. O estudo intitulado *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense* (2006) aprofunda a condição dos caboclos de cidades vizinhas à Caibi durante a ocupação das terras catarinense pelos colonos descendentes de europeus, no início do século XX. O trabalho abriu um ponto de vista historiográfico a respeito desse grupo ainda tão desconhecido para mim e permitiu vislumbrar inúmeros pontos em comum com a história de fundação de Caibi. Da qual só tinha acesso à versão protagonizada pelos colonos, além das memórias de família. Essa pesquisadora, até então desconhecida, havia defendido a dissertação sobre os caboclos no programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Portanto, era como se eu e Arlene fizéssemos o mesmo trânsito entre capital e interior em tempos diferentes. Ambos descendentes de colonos, atravessados pelo interesse nessa outra forma de vida dos caboclos. Esta seria uma entre tantas coincidências que abririam a experiência de campo que relato aqui, neste caderno de notas, como uma prática de terreiro – nos dizeres do filósofo das macumbas, Luiz Antonio Simas. Ou seja, um transbordamento daquele espaço restrito da roda do bailado, como espaço exclusivo das expressões de culto religioso, para a abertura de uma dimensão imaterial, espaço de invenção e leitura da história de fundação a partir de outra nota. Guiada pelas semelhanças, analogias e correspondências mágicas que permitem criar uma experiência do presente com o passado. E que sugerem uma nova forma de narratividade na reconstituição da experiência.



Figura 7 - Fotografia do avô materno, prefeito de Caibi de 16/11/1965 a 30/01/1970



Figura 8 - Fotografia do avô paterno, prefeito de Caibi de 31/01/1970 a 31/01/1973



Figura 9 - Fotografia do pai, prefeito de Caibi de 01/02/1983 a 31/12/1988





O desfile

A nuvem de maritacas voou sobre a cabeça de todos
 moradores que estavam na praça da cidade
 O carro alegórico estacionado no meio da rua
 do progresso aguardava o tiro da pistola pra avançar
 Em cima da carroceria do caminhão enfeitado
 com palmeiras de verdade os nossos heróis
 os bandeirantes
 fantasiados com chapéus e carabinas no ombro
 sentaram no tablado de madeira

Nós

s crianças de uniforme

Verde nas saias das meninas laços no cabelo e sapatilhas

Amarelo nos meninos abotoados até o pescoço

avíamos ensaiado a marcha

todos os dias da semana na escola do imperador

Dom Pedro O Segundo

A professora colocava no toca-fitas a batida

da banda municipal que puxava o desfile

Os pratos tremiam os trompetes gritavam e o tambor

((((()))

batia como um coração embaixo

da terra fazendo o joelho levantar

de um jeito automático antes de pisar

forte no chão

A marcha era reto e pra frente
porque logo atrás da gente
vinham os ginasiais depois
os mais-velhos e os ex-combatentes da Guerra

Olhei pra Camarada Espingarda que estava com os olhos
ardidos e a cabeça baixa olhando os cadarços
desfeitos
iguais ao nosso plano secreto

Na frente
em destaque a rainha da cidade segurava a bandeira
nacional com seu vestido
verde e o penteado armado

Uma montanha de fios

le ovos dourados

Avô Ino estava no coreto com o seu brasão
ravado no peito

Ao lado o prefeito se preparava pra dar o tiro
da arrancada

a pistola apontada pro alto
quando a rainha deu um grito

E logo em seguida tapou a boca
com a mão de luvas compridas

Todos olharam
para o bando de índios pintados
alguns de bonés outros cocar
penas de papagaios nos braços
enxadas machados e foices pra cima

Os passos lentos e rápidos dos índios paramentados
pendendo sempre pra um dos lados
passou na frente da nossa marcha
parada no tempo
Os instrumentos de sementes
faziam barulho de cobra e eram muito mais coloridos
do que os nossos uniformes verdes
e amarelos

O índio-chefe que puxava a fila
vestia uma pele de onça nos ombros

A boca do bicho

morto cobria a cabeça dele
e as pintas malhadas desciam pelas costas quase
encostando no chão

Ele entrou pela calçada da praça
e a fila de índios seguiu as pisadas fortes
e fracas sobre o tapete de flores
estendido para os bandeirantes

Os olhares congelados de cima
do coreto seguiam o chefe-onça até o canteiro
entral onde ficava a estátua do fundador
da cidade

A fila indiana que
azia uma cobra grande foi cercando o pedestal
formando círculos cada vez maiores até
preencher todo o gramado

sobre o rio de cocares e penas de pássaros
que inundou a praça
continuava em pé a estátua
de fraque com gravata borboleta
e a mão de ferro escuro estendida pro alto
com o ramo de folhas
verdes empunhadas



1.29 A pegada larga

Fazia dias que Vitorino não saía de carabina
deitada no ombro para vigiar a fronteira
fechada de mato bravo na beirada
da colônia

Até ouvir um colono dos lotes de cima da sede
no armazém do Senhor Klein
reclamar da reunião dos moradores no dia seguinte
com o sotaque alemão
abrasileirado

Vitorino pegou a picada para os lotes de baixo
castigando o cavalo
As sacas de farinha pulando
na trilha cheia de pedregulhos
Do milharal
a mulher o viu largar o cavalo em frente de casa
em descarregar as sacas
seguir para vigília

Sozinha tirando a espigas
com a barriga redonda
Alma descontava a raiva do marido
nos mosquitos mortos à tapa

Quando o colono se ajoelhou
 com a mão pronta para molhar o rosto
 bateu o olho na pegada larga
 que já conhecia

[marcada no barro]

Vitorino levantou num salto
 e uma revoada de maritacas saiu veloz
 e louca da copa da árvore
 Depenados os galhos
 onde estavam escondidas as aves
 a nuvem verde barulhenta desapareceu no céu

O colono deu passos largos para trás
 tirando o corpo daquele tamanho
 do meio do descampado
 e começou a contornar a margem do pequeno lago de longe
 entre os arbustos
 O cano da carabina
 apontava para cada ruído
 pequeno que saía detrás das folhas
 Os passos atrapalhados estalavam
 gravetos e folhas secas
 Sorte a dele
 era o único bicho grande
 presente naquele momento

Um pouco mais distante da margem
 a cabana de taquaras estava vazia
 porta e janela sempre abertas
 deixando o ar passar

O roçado abandonado era puro mato crescido

 O teto de palha dançava com o assobio
do vento

enquanto aquele bicho invasor

voltara a rondar por aquelas bandas

tirando o sono do colono

1.92 A tosse de terra

No dia depois do desfile
a cozinha cheirava igual aos velórios da casa mortuária

Da cabeceira da mesa de canela velha
Avô Ino esticava as costas encurtadas
para enxergar o terreiro lá fora

Não era o galinheiro
nem o Casemiro metido no meio dos canteiros
arrancando o capim que invadia a horta
que o avô vigiava

Era pro muro alto
nos fundos do terreno
onde ficava a minha cabana
atrás do poço seco que assobiava
que Avô Ino olhava

Eu aproveitava pra pegar
as sementes do melão
com pele de sapo
que sobravam no prato
dele

As modas de viola e acordeom
chorado da Rádio Tupi não ajudavam Vó Alma
que estava com aquela cara de domingo chuvoso
armada
depois que o avô mandou ela engolir o choro

Encolhida na cadeira
 ao lado do fogão de ferro
 ela esticava os dedos de graveto torto
 de tanto debulhar milho
 no calor do fogo
 e as migalhas caíam no chão

A leiteira esquentava na chapa quente

A apresentadora da Hora Italiana se despediu
 dos colonos antigos que ouviam o programa
 e Avô Ino girou o corpo duro
 igual um parafuso enferrujado
 na cadeira
 pra ouvir o locutor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

|| O grupo de índios que vivia na área de um hectare próximo ao parque florestal invadiu a cidade no dia de ontem durante o desfile anual de fundação da cidade O líder do grupo apresentou um documento segundo ele aprovado pelo Ministério da Justiça que dá direito a uma área de 275 hectares A faixa de terras contestada foi considerada território tradicional e inclui além de um trecho de preservação ambiental a fonte de águas termais o balneário e cerca de 40 propriedades de moradores do bairro vizinho Em entrevista o cacique e seu vice afirmaram que a ofensiva se deve ao esgotamento do prazo dado a Funai para a realização da demarcação |||

Morena saiu do quarto de Mãe Clara
 com o prato de polenta
 vazio
 e fechou a porta pro bebê
 cochilar em paz
 na barriga

Pai Vitório apostava
 que o próximo menino
 ia dar tão certo
 que sairia de dentro
 de Mãe Clara
 maior que eu

Morena passava
 olhando tudo de dentro dos olhos rasgados
 O pano de prato no ombro
 disfarçado e o rabo de cavalo
 escorrido até a cintura
 balançando

II O prefeito de Folhas Verdes disse ter sido pego de surpresa pela Funai com quem vinha negociando uma saída civilizada para a situação desde o ano passado Pela manhã o chefe do município deixou o vice-prefeito no comando da situação e embarcou para Brasília onde será audiência com o Ministro da Justiça responsável pelo processo na tentativa de suspender-lo Até não recorrer da decisão o prefeito não reconhece o direito das terras aos indígenas

II O que os cidadãos folhaverdenses estão testemunhando são pequenos grupos que se dizem preocupados com os direitos dos índios quando na verdade estão interessados no patrimônio da cidade Para que os índios iriam querer uma fonte de águas termais? III

A leiteira levantou uma nuvem
 branca de espuma
 que inundou o fogão
 Vó Alma deu um pulo
 como se acordasse
 com o barulho dos bichos
 que cercavam a casa da colônia nas noites compridas

Morena veio correndo pra conter a correnteza
branca pelo chão

Os braços gordos chacoalhando
com o pano em socorro

Avô Ino começou a tossir forte
segurando nos cantos da mesa

Arrastou a cadeira pra trás
e tapou a boca com as duas mãos
como se um osso atravessado fosse sair pela garganta
As veias do pescoço

saltaram da pele vermelha

Morena bateu nas costas dele
achando que fosse botar pra fora
a casca do pão ou um miolo entalado na goela

Cospe Seu Ino

Cospe

Cospe

esse troço

pra fora

Mas quando a última tosse veio com força

ele tirou o lenço da boca

e o que saiu de dentro não era pão

mas um marrom seco de terra

que só ele reconheceu

Enquanto Morena ajudava a resgatar
os óculos tortos no nariz
e Vó Alma assistia a desgraça de braços
cruzados
Gegê que ouvia tudo da gaiola
cantava a única parte do hino
que conhecia com aquela voz de taquara
rachada

Ó pátria amada
idolatrada
Salve Salve



Nota 1

Pousei em Chapecó com uma mala de roupas de frio e outra de livros, na virada do dia 1º de abril. Por mais que a data não parecesse uma opção auspiciosa, fui atraído pela ideia de começar e terminar a missão de estudos pelo mesmo número. Número um, número inicial, número iniciático. Chegaria no dia 1º de abril e voltaria no 1º de junho – não fosse o atraso causado pelos cancelamentos em cascata que a companhia aérea vinha fazendo nos últimos dias. Sobrevoei Chapecó durante a madrugada. Mesmo com o nevoeiro, pude ver como a cidade é pequena. É provável que a minha memória tenha aumentado o seu tamanho depois das notícias em rede internacional sobre o desastre aéreo do time de futebol da Chapecoense. Mas presumo que o desajuste também estivesse relacionado ao meu olhar antigo, de como enxergava Chapecó como uma imensa capital quando morava na pequena Caibi. De fato Chapecó tinha esse estatuto para as cidadezinhas vizinhas, onde as pessoas iam comprar eletrodomésticos e consultar os médicos especialistas. Hoje a população é muito maior. As indústrias do agronegócio se multiplicaram e duas faculdades públicas foram abertas, além das particulares.

Chapecó foi o grande núcleo colonial a partir do qual as pequenas cidades em seu entorno, como Caibi, se formaram. Este enorme território passou a ser chamado assim em 1917, após uma sangrenta disputa de terras entre o exército brasileiro e milhares de caboclos posseiros, conhecida como Guerra do Contestado. Eliminada a população que lá vivia sem registro de posse das terras, o passo seguinte foi povoar a área para garantir os novos limites. Despovoar para povoar novamente, só que agora com os colonos descendentes de europeus. Ao contrário do ocorrido na época do Império, não foi o estado nacional ou regional que organizou a ocupação das terras tidas como devolutas, mas empresas colonizadoras privadas. A Companhia Colonizadora Bertaso, dona de grande parte do território, ficou a cargo de Chapecó. O coronel Ernesto Francisco Bertaso loteou parte dessas terras para venda e ainda fez doações de terrenos para a construção da cidade. O aeroporto, a praça central e a igreja eram de sua propriedade. O restante, dividiu e vendeu para empresas colonizadoras menores, a exemplo da Companhia Sul Brasil, a responsável por Caibi. Em comum, as duas tinham preferência pelos colonos descendentes de italianos na ocupação das terras.

Não foi preciso ainda pisar nas calçadas da minha cidade de infância para me sentir nela novamente. A metáfora da cidade já foi utilizada por Freud para ilustrar a capacidade de armazenamento da nossa psiquê. Enquanto os limites do espaço físico impedem que antigas e novas civilizações existam ao mesmo tempo, salvo na forma de ruínas, a psiquê comporta toda a extensão de acontecimentos desde a sua formação. A lógica é a mesma do conhecido bloco mágico, esta outra metáfora do psicanalista para o nosso aparelho mnemônico. Igual ao brinquedo infantil, nossa memória retém de forma definitiva todos os estímulos inscritos na sua superfície. Mesmo depois de apagados pelo tempo, restam as suas marcas. Ainda que sejam imprecisas como os sulcos que ficam no bloco mágico, elas nos habitam em diferentes estratos da consciência. Até as mais primordiais. Se estar em Chapecó correspondia a pisar no mesmo chão da minha cidade natal, era de esperar que a sua geografia despertasse, dia após dia, as memórias da minha formação. Das frestas da paisagem urbana de Chapecó, entre os prédios baixos, surgiam casas de madeira com quintal, características de Caibi. O buffet dos restaurantes chapecoenses tinha a mesma polenta com radicchio, o mesmo salame e o mesmo queijo colonial que se fabrica nas casas do interior caibiense. E o sotaque nasalado dos meus avós, do qual me desfiz depois de tantos constrangimentos na capital, saía da boca de todos os moradores de Chapecó. Também foi familiar, no meio de todas essas manifestações da memória, um enrijecimento crescente no corpo. Depois de viver 7 anos no Rio de Janeiro, dançando nas rodas de bailado sagradas e profanas, a cintura foi a primeira região a me lembrar que estava de volta ao lugar de onde vim. O meu corpo lembrava, assim, do peso com que o nome de menino escolhido pelos meus pais – somado ao sobrenome dos meus antepassados homens – marcavam o meu corpo.



Figura 10 - Fotografia do autor durante o desfile do dia 7 de setembro, em 1990



2.29 A chegada na colônia nova

No dia em que chegaram na colônia do Senhor Leintz
Alma não havia dado nenhuma palavra a Vitorino
desde que o caminhão dera a partida

A balsa de madeira empinava na travessia do rio Uruguai
a cada onda brava
e chocava contra as corredeiras

Agarrada no assento
a mulher não tirava os olhos do cavalo
que já esperava na outra margem da fronteira
em cima da carroceria do caminhão

com as tralhas da casa empilhadas
as sacas de sementes e as galinhas

Vitorino observava o vestido preto
empapado de Alma
as olheiras caídas
a cara desbotada debaixo do sol
tentava se livrar do peso no peito

O funcionário da companhia
disse que em breve o diretor
vai juntar uma turma de alunos
Parece que ainda não teve
nenhum professor que se ofereceu
pra dar aulas na colônia

Alma tinha a carta que escreveu aos alunos
amassada no fundo do bolso

Quando Vitorino percebeu a figura
da mulher
parada do lado de fora
com o mesmo vestido preto queimando embaixo do sol
olhando para o cavalo em cima da carroceria
do caminhão carregado
para a viagem
desceu as escadas correndo ao seu encontro

Sentado ao volante
o funcionário da colônia nova aguardava
pelos contos de réis que faltavam
para garantir o lote de terra

Quando a balsa encostou na barranca do rio
e o caboclo enfiou a vara de arrimo no fundo
A mulher descambou até a proa
como se o coice do cavalo
 atingisse pelas costas
Segurou nas barras
com as costas curvada
e as águas barrentas receberam
 tudo o que Alma tinha por dentro

2.92 A cabana da onça

Chamei Camarada Espingarda pela cerca
 Espingardinha como eu preferia
 apareceu no quintal da casa ao lado
 com os cabelos tosados

Iguais aos meus
 só que sem o fiapo na nuca
 que Mãe Clara deixava
 balançando no estilo do Rei
 Roberto
 quando passava a tesoura retinho

 Dona Norma veio por trás
 ia porta
 encostou o cotovelo no batente
 fazendo sombra
 Olha isso Vitorinho
 já satisfeito agora
 que você tem um irmão
 gêmeo?

A mãe de Espingardinha ficou furiosa
 quando achou os tufos de cabelo atrás da penteadeira
 Além das varadas de pessegueiro
 o pai de Espingarda
 O Armeiro
 proibiu de brincarmos
 juntos no grupo de meninos
 bandeirantes

Mal sabiam eles
que os únicos que sobraram
na caravana fomos nós dois
depois que eu deixei Camarada Espingarda
fazer parte do time oficial
com o meu voto que vale mais

Todo mundo sabe que Avô Ino
ganhou o brasão pela bravura
do bandeirante-chefe
e o rabo da onça que ele matou
está no museu de Folhas Verdes
até hoje

Espingarda ficou me olhando
do outro lado da cerca
sem dizer nada
Durou só um segundo
mas doeu mais que as injeções
da enfermeira do posto
que sempre diz
pronto pronto nem foi nada
com a agulha ainda enfiada
no braço
Que depois fica todo formigando
como se tivessem cortado
pela metade

A mãe de Espingarda
começou a varrer o quintal com força
espalhando as britas
pra quilômetros de distâncias
diferentes

Quando dei meia volta sozinho
 pra cabana
 o poço seco soltando
 miados estranhos pela fresta
 da tampa

((((((())))))))

Dona Norma lançou no vento
 aquelas palavras dos folhetos da missas
 que ela sempre lia no microfone
 da igreja

Um dia vocês vão
 ntender o coração
 las mães
 Tem mel de sobra
 nas também
 sangra pelos seus
 filhos

fechei a porta
 e tirei a mala escondida
 no buraco do chão de terra da cabana
 Eu cobria o esconderijo novo
 com o tapetinho de ponto-cruz e franjas
 que Mãe Clara costurou
 pra decoração da sala

Do lado de fora
 Avô Ino segurava uma trena
 enquanto Casemiro esticava
 medindo o muro
 alto

Passando o parreiral
 os pássaros roubando as uvas rubis
 as galinhas fofocando no poleiro
 Morena batia as roupas molhadas no quintal

Aproveitei a neblina de amaciante
 e os lençóis brancos
 pra passar a mão no cesto
 e sair
 disfarçado
 pelo meio das pernas
 peludas dela

Rolei pra debaixo
 la mesa da varanda
 onde ficava a fileira de margaridas
 sofridas
 le Mãe Clara
 longe do radar de Gegê
 que vigiava a casa do alto da gaiola
 As migalhas de Vó Alma
 espalhadas pelo piso
 grudaram igual carrapato
 na minha blusa

Nas ruas tudo normal
 as carriolas lotadas de bergamotas
 o carteiro pedalando na bicicleta o cigarro na boca
 e o mercado Copacabana
 do Seu Klein
 com a praia lotada
 na fachada

Na praça
o gramado estava tomado
pelas barracas de lona preta dos índios

A fumaça da fogueira
subindo ao lado da estátua

Carros de polícia parados um em
 cada esquina
cercando os invasores
até que o prefeito voltasse de viagem

O policial de óculos espelhados
com as mãos apoiadas no cinturão
de pistola grande veio

Aqui não é lugar pra
riança
esses bugres não são
princadeira
Vamos vamos
antes que eu
hame o seu pai

Não sei se o policial conhecia mesmo Pai Vitório
mas que ele tinha um rádio-telefone
com antena de longo alcance
tinha

E com certeza
uma ligação desse tipo
chegaria até um orelhão
daqueles que Pai Vitório
manda notícias
dos postos de gasolina

Avô Ino dizia que um homem
 pra ter um nome
 não podia ser só de carne

Um homem
 pra ter um nome importante
 precisa criar a sua história

Ele não sabia que os meninos
 bandeirantes me chamavam de Vitorinhas
 Era a chance
 de fazer o meu nome
 ficar do tamanho dele

Marchei até o balneário das piscinas quentes
 onde os índios vendiam vasos de barro decorados
 cestos de palha pros turistas
 Antes de invadir a praça
 eles moravam
 amontoados
 num pedaço de mato
 seguindo a trilha do parque florestal

Nessas horas Camarada Espingarda
 fazia a maior falta
 pois disparava com as canelas finas
 abrindo caminho

Parava longe

sempre na frente
 com o peito estufado

Sem Espingarda junto
 tive que inventar essa parte
 da bravura

Tirei os dentes de alho
 da maleta
 que Morena usava pra espantar cobras
 e meti nos bolsos
 Comecei fazendo um caminho no parque
 seguindo as folhas
 menos
 parecidas
 com as

 verdes que nasciam nas árvores
 enfileiradas nas calçadas da cidade
 Depois guardava todas
 entre as folhas brancas
 do caderno de couro
 que Avô Ino me deu

 Um pouco mais pra dentro do mato
 no parque
 entre as sombras verdes
 viestei uma cabana
 onde o sol entrava

 Escolhi uma moita de plantas altas
 perto da casa de taquaras
 e teto de palha
 A porta e a janela estavam abertas
 passando o ar
 De longe o vento trouxe os assobios
 dos pássaros vigiando
 Estiquei um pouco mais o ouvido
 A estação da Rádio Tupi estava ligada
 no programa da tarde

Não fosse o tiro
que estourou no céu
naquela hora
seguido do foguetório
teria visto sair da sombra
aquela cabeleira amarrada no alto
da cabeça
balançando

Igual uma onça pintada
escondida na toca



Nota 2

A especulação imobiliária também é algo que faz Chapecó parecer maior do que realmente é. Depois de uma semana de buscas por um lugar para ficar, desisti de alugar um apartamento e fui tentar as mensalidades de hotel. Encontrei apenas dois deles com um preço justo, a três quadras da praça central. O Hotel Condá, a primeira opção, estampava o nome de um indígena que entrou para a história colonial da região como herói. Munido de armas, título de capitão e recompensas, Cacique Condá encabeçou grande parte dos acordos entre grupos indígenas e colonizadores na ocupação do território. Não só persuadia aqueles a aceitarem o aldeamento do governo, liberando as terras para os imigrantes, como capturava-os para o trabalho escravo nas fazendas. Ao final, acabei preferindo a segunda opção, com nome de uma comuna francesa. Da janela do pequeno quarto onde passei os três meses, a assombração era outra. Uma vista direta para a torre da igreja.

Fiz uma pesquisa na internet sobre a população de Caibi. Para minha surpresa, identifiquei um habitante caibiense registrado como indígena no censo demográfico do IBGE. Os dados estavam incompletos, informando apenas que a pessoa tinha renda inferior a um salário mínimo e era analfabeta. Nunca havia visto nenhum índio em Caibi. Mais recentemente, alguns deles passaram a vender artesanato na praça durante os finais de semana. Grande parte deles vinha de Iraí, a cidade vizinha do outro lado do rio Uruguai, no Rio Grande do Sul.

Instalado na comuna francesa, tomei um ônibus para Caibi no primeiro final de semana. Três indígenas vendiam artesanatos na rodoviária. Estavam sentados no chão, entre os cestos de palha, dividindo o macarrão dentro de uma sacola plástica. Ficaram acuados com a minha interrupção, olhando desconfiados para minha cara de colono. Apontei para o filtro dos sonhos que balançava na armação de bambu, junto com brincos de pena e pulseiras coloridas. Só consegui esticar a conversa a ponto de descobrir que eram da etnia Kaingang. Sem saber como interagir, deixei o troco do filtro dos sonhos com eles.



3.29 Os bichos do terreiro

No meio da madrugada os cacarejos das galinhas
começaram como uma fofoca rápida
no portão de casa entre vizinhas

Alma despertou do sono acostumado
com o barulho das maritacas
que se metiam no telhado

Os olhos estalados na penumbra do quarto
acompanharam aquela futrica

aumentar para um reboleço
de asas

Vitorino virou o corpalhão para o lado
massando o colchão de palha
a perna da cama rangeu no assoalho

Pronto

As asas se debateram num alvoroço
uma ventania repentina
As bichinhas se esgoelaram em coro

doido como se olhos brilhantes e dentes afiados
tivesse se destacado da escuridão

Alma sacudiu a montanha de cobertores
onde o marido estava escondido

Você está

ouvindo Vitorino?

O homem engrossava a voz fraca

toda vez que a mulher falava alto

Seja o que for
 tá lá fora Alma
 Essas galinhas se espantam
 com qualquer raposa que passa
 no terreiro

Se você não for lá ver
 amanhã vou eu
 atrás do marido da vizinha
 pedir ajuda

No fundo Vitorino sabia
 que a mulher nunca ia bater na casa de um moreno
 pedindo favores

Mas a ideia de ser colocado ao lado de um caboclo
 fez com que levantasse na hora
 enrolado na coberta
 Com uma mão à frente
 o lampião abriu caminho no escuro do terreiro
 o braço
 a carabina empunhada

Vitorino seguiu com passos curtos
 até encontrar as galinhas acuadas no poleiro

Elas olharam para o proprietário com os olhinhos pretos
 piscando frenéticos
 e os peitos inflados respirando ligeiro
 Com o ouvido colado nas frestas da janela
 Alma acompanhava

Era raposa mesmo?

Depois de examinar ao redor da casinhola
as penas ainda flutuando na escuridão
Vitorino iluminou a mesma pegada larga
a luz trêmula de querosene

[marcada no chão]

e maldisse o dia que apertou a mão
do diretor

O que você disse
Vitorino?

3.92 A gaveta de Morena

Morena tinha a cara atracada
 no pé de Avô Ino
 examinando o couro mole
 da sola com a agulha
 O pote de álcool ao lado

Ele se segurava no braço
 da poltrona sem olhar
 a operação

Encontrou?

O bigode escuro de Morena suava
 : ela bufava
 espremendo o calcanhar
 apoiado na coxa
 om os polegares

Nada seu Ino
 nem sinal

Vó Alma assistia a Missa Sagrada
 com volume baixo na parabólica
 acompanhando a oração eucarística
 com os lábios

Na hora da intercessão ela colocou a mão
 no telefone
 e espremeu a sobrancelha

O milagre veio só
 pela metade
 pois o chamado da ligação
 que tocou na mesma hora
 não era nenhum dos filhos
 que moravam longe
 Era Pai Vitório
 falando de um orelhão
 que comia fichas
 na beira da estrada

Morena viu a vó
 devolvendo o alto-falante
 no gancho
 se entocando no fundo do sofá
 como uma codorna
 doentada
 Novidade dos netos
 Dona Alma?
 Era só o Vitório
 querendo saber se a Clara
 já jantou

Vó Alma andava tão acabrunhada
 que o corpo dela parecia encolher
 a cada dia

Nem ligue Dona Alma
 Hoje em dia os filhos casam
 e esquecem do resto do mundo
 nesses condomínios modernos
 as casas tudo igual
 uma da outra
 Nem parece
 que os tempos da colônia
 acabaram

As buzinas finas vieram do portão
 Morena saltou da cadeira
 devolvendo a perna
 do avô ao chão
 Ela foi correndo até o quarto
 as pisadas pesadas nas tábuas
 remiam o armário da televisão
 os pratos pintados à mão de Vó Alma
 e o retrato de Avô Ino
 em cima do cavalo
 dos bandeirantes
 Voltou pra sala com a bolsa no ombro
 penteando a franja molhada
 com os dedos
 Os peitões amassados
 saltando pra fora da blusa
 Junto veio uma nuvem de perfume
 doce
 de calda de pêssego
 açucarada
 na boca

se sabe

Morena só respondeu
quando chegou na porta
O corpo
 todo do lado de fora

Fica tranquila Dona Alma
O Armeiro aqui do lado
 anda treinando tiro
pra proteger a casa

O rosto redondo
 e risonho
estalava beijos
pra mim e Avô Ino no ar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA
Quando ela passou a chave
 na fechadura
Ó Alma abanou com força
 o perfume doce
pois preferia o cheiro
 de detergente na pele
morena
 Depois de abanada
toda a catinga
 tapou a boca de canto
com a revistinha de palavras
cruzadas

Daqui uns dias
 essa aí vai ter
que encomendar
as blusas
 na costureira

No quarto de Mãe Clara
o bebê finalmente
 tinha dado trégua

dentro dela
As sombras da televisãozinha
acalmavam ele
 fazendo desenhos
na barrigona que nunca tinha
sido tão imensa

 nas outras vezes

Pai Vitório

 dizia que Mãe Clara
tinha que comer mais polenta
pros filhos
 desenvolverem

 lireito

ela levantou a capa do olho
 cansado
 e me pediu silêncio
 com o dedo no lábio

 Nas paredes
aquele cheiro de folhas
 desmaiadas

Da janela dela

Morena e o namorado

se amassavam no tronco da árvore

 A moto estacionada na calçada

Nessas horas
 eu ia pro meu quarto
 onde Morena fazia a cama de baixo
 com o colchão magro
 E antes de deitar no travesseiro
 com o cheiro dela
 misturado com amaciante
 vasculhava os segredos
 que ela escondia na gaveta
 do armário
 Junto com as calcinhas largas
 os sutiãs gigantes
 e as saias
 curtas



Nota 3

A única linha de ônibus que faz o trajeto até Caibi entra nas dezenas de cidadezinhas do percurso. Minha casa da infância ainda está lá e meus avós paternos moram no terreno ao lado. São os meus únicos avós vivos. Os outros também moravam na cidade, a uma quadra e meia de distância. Ao fazer o caminho da rodoviária até a casa antiga, com a mala de roupas de inverno na mão, atentei para o que talvez não perceberia em outro momento: o nome da rua onde morei, durante a infância, é São Domingos. O primeiro nome dado à cidade quando ainda era uma pequena comunidade. Foi só em 1947, como já mencionado, que a cidade foi rebatizada com o nome de Caibi. O escritor João do Rio tinha uma teoria de semelhança entre o homem e as ruas quando dizia Oh! sim, as ruas têm alma!. E que, aqui, se aplica também à cidade, seus habitantes e seus nomes. João diz que as ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras. E então eu me perguntava sobre os possíveis conflitos entre São Domingos e Caibi; entre colonos, caboclos, diretores das companhias de terras e indígenas que estiveram presentes em algum dos dois momentos.

Não avisei ninguém sobre a minha chegada, o que causou uma revolução na cozinha durante os dois dias que seguiriam. Dei o filtro dos sonhos de presente para minha vó Irma e pendurei-o na passagem entre os quartos da casa e a cozinha. Desta vez meu avô, Carlos, me reconheceu. Ele sofre de uma degeneração natural no cérebro por causa dos mais de noventa anos e conta com os cuidados de ajudantes que revezam a presença na casa. Na maior parte das vezes ele me chama pelo nome de um sobrinho que já morreu. E por mais que ele não consiga engajar em conversas sobre o tempo presente, guarda nomes, datas e episódios inteiros dos tempos passados na colônia. Se não ficou feliz pela chegada do neto que mora longe há anos, foi pela presença de um sobrinho com quem conviveu em outros tempos. Enquanto a avó não parava de inventar pratos novos com ajuda da minha tia Nega – que, apesar do apelido, é branca assim como meu pai –, contei a eles sobre a pesquisa que estava fazendo. Em vez de revelar o tema verdadeiro, sobre a cidade, disse que tratava sobre populações indígenas da região.

Durante o almoço, comentei sobre o habitante indígena que havia encontrado nos dados do IBGE. A história pareceu absurda para todos, até mesmo para a ajudante do dia, chamada Andreza. Depois de ter lavado a louça e colocado meu avô no quarto para cochilar, ela ficou às voltas como se quisesse conversar comigo. Andreza era morena, tinha olhos rasgados, cabelos pretos e lisos. Ela ficara calada durante toda a refeição. Servia o prato do meu avô e depois o dela, sempre vigiada pela minha vó. Tímida, ela começou dizendo que tinha parentescos com indígenas. Uma avó, sobre quem não sabia muitos detalhes, a não ser a conhecida história de ter sido pega no laço por um colono. Além de uma irmã, mestiça como ela, e que se casara com um indígena “de verdade”. O que, nas palavras dela, significava um modo de vida tradicional, ao estilo dos povos originários que ainda vivem nas florestas ou em aldeamentos, como era o caso da irmã. O mais surpreendente viria a seguir, quando afirmou que a informação sobre o indígena que eu havia encontrado na internet não estava errada. E que o conhecia. Ele morava em uma cabana no bairro da Gruta, onde viviam os caboclos, falava pouco português e ainda usava trajes de índio de verdade”, como descreveu Andreza sem dar muitos detalhes. Ela não sabia o nome dele, apesar de ser conhecido na vizinhança como “índio”. Como, de fato, parecem os grupos étnicos que habitavam as matas da região em alguns estudos que analisam documentos do século XIX. Grafados com a letra inicial em maiúscula: Índio, indígena. Além dos termos pejorativos como bugres, gentio bravio, bravos, mansos, gentios bugres, selvagens. O senhor indígena, como eu passei a me referir depois de saber que ele tinha mais de 50 anos, vivia sozinho. A mulher e a filha haviam morrido de tuberculose. O tio de Andreza, chamado Salvador, era a pessoa mais próxima dele. Costumava visitá-lo com regularidade para ajudar com roupas e alimentos. Andreza, apesar da curiosidade, não conhecia o senhor indígena pessoalmente. Depois da morte da mulher e da esposa, a tradição o impedia de conversar com outras mulheres. Então pedi a ela que me apresentasse a Tio Salvador, como o chamava. Mas como ele andava com a saúde frágil por conta do tratamento de quimioterapia, Andreza se ofereceu para intermediar a conversa. Ela parecia muito animada com a possibilidade de me apresentar o senhor indígena, ou de conhecê-lo através de mim.



4.29 A reunião dos colonos

Vitorino chegou na igreja
com o bicho invasor rondando os pensamentos
Pelo alvoroço que ouviu de fora
a reunião já havia engatado nas queixas de sempre
ao diretor
Aproximou-se do banco engolindo o ar
a cara vermelha esfalfada
de varar a picada longa de casa
até a sede

Os colonos estavam sentados sobre uma ripa
comprida apoiada em dois tocos
Um em cada ponta
No meio a madeira vergava com os corpos espremidos
uns nos outros
As cabeças amarelas
reluziam com os raios do sol que desciam
pelas paredes altas de tábuas ainda sem telhado

Com licença

Vitorino pediu um espaço com as costas dobradas
Os colonos empacotados nos casacos olharam para o alto
aquele varapau ruivo com o chapéu amassado no peito
Apesar das caras amarradas uma ou duas bufadas
se apertaram um pouco mais
para abrigar o recém-chegado da colônia velha

O homem que esbravejava
 com uma espuma branca crescendo no canto da boca
 saltou do banco arremessado
 pelos corpos comprimidos

Vitorino aproveitou para encaixar a nádega
 que tinha ficado de fora do assento
 De pé
 o colono fincava o dedo como um machado
 em cada palavra que lançava ao diretor

Agora o caminhão tá lá
 enguiçado no atoleiro da estrada
 que nem isso é uma estrada
 de verdade

Encorajado pelo vizinho
 o homem que estava escondido
 o paredão de casacos
 mendou com a boca mexendo
 atrás do bigode cheio
 E lá nas picadas de casa
 nem a carroça passa sem
 desconjuntar a
 roda

O colono de lábios rachados
 continuou as machadadas
 com o dedo apontado para o Senhor Leintz

A gente não vai abrir estrada
 só com mutirão Seu Leintz
 As safras de milho e feijão
 estão apodrecendo
 dentro das sacas

O diretor que sempre gaguejava
com o sotaque esmagando as palavras em português
estava com uma calma de querubim
na capela vazia

Perfeito kompanheiro Shuller
O funcionário da kompanhia está
anotando a sua colocação

Quando o kovernador chegar

Antes que ele pudesse continuar
uma colona com as bochechas tostadas
passou na frente

lá que o homem tá anotando
 pode colocar aí o problema dos furtos
 O milharal lá de casa amanheceu depenado
 e novo
 lá era tempo
 que não acontecia
 Mas se tu perguntar pra comadre Angelina
 que mora do lado do moinho
 as laranjeira dela
 não duram um dia carregada
 né comadre?

O coração de Vitorino correu igual o badalo
da igreja
No meio daquela fogueira
teve a impressão que o diretor
olhou para ele
ouvindo de longe os batimentos
do seu peito

Com o terno de veludo e a boina escovada
 nem parecia que o alemão tinha uma corda
 no pescoço esticando a cada dia
 que o prazo
 de venda dos lotes
 corria

Ele pediu ao funcionário que anotasse
 o item dos roubos da Senhora Muller
 e colocou o ponto final na reunião

Bom kompanheiros
 Agora que está tudo anotado
 a xente precisa fazer a nossa parte

Vamos ficar preparados para receber
 a karavana do goferrador
 As notícias que temos
 que eles já estão atravessando
 as picadas do sertão
 fiquem preparados
 porque eles podem chegar
 a qualquer momento

Vitorino aproveitou que alguns colonos
 fizeram fila diante do altar
 onde estava o diretor
 e se esgueirou pela via-crucis
 Ao ver o chapéu flutuando
 no corpo de dois metros do colono
 em direção à porta
 o alemão chamou o seu vigia
 de volta

Seu Vitorino

Você fique de olho bem aberto na fronteira

Vamos levar os homens do koverno

para visitar a nossa fonte

Avô Ino tirou a sandália de couro
e as meias finas
Segurou a perna erguida
fazendo um guincho
com os dois braços
e depositou na cadeira
ofegante

Fui apalpando
com os dois polegares
as almofadas embaixo dos dedos
seguindo a técnica
de Morena
O sol entrava na varanda
iluminando os rios de veias
mortas
na pele branca do avô
Os beija-flores se atracavam
nas maria-sem-vergonhas
nos brincos-de-princesa
nas lágrimas-de-cristo
mas passavam longe
das margaridas
de Mãe Clara

Ele tossiu
e o corpo grande sacudiu
como um terremoto nas montanhas

Passados os abalos
 desci pela pele fina
 atravessando o meio
 da planta
 até o calcanhar

III Em viagem à Brasília o prefeito conseguiu suspender a decisão que dava direito aos índios a área de terra de 275 hectares dentro dos limites da cidade Agora ele parte para a capital do estado onde irá se encontrar com o governador em busca de reforços para retirar os invasores do local A polícia está patrulhando a área até que uma solução seja apresentada III

Avô Ino tossiu de novo
 arredando os olhos pro terreiro
 enquanto empurrava a ponte dos óculos
 pelo nariz
 devagar

Morena largou os pratos na pia
 veio com as mãos molhadas
 e cheias de espuma
 estendendo uma colherada
 do xarope de guaco
 forte que a tia dela fazia

Abre o bocão Seu Ino
 que pelo visto ainda tem
 coisa pra sair
 dessa
 garganta

O avô engoliu
 entortando a boca
 e Morena saiu
 deixando cheiro de ervas
 com detergente

Avô Ino tentou esticar
 as costas curtas de novo
 pra ver a quantas
 andava a operação

Tá vendo ou não
 tá vendo os
 bichinhos?

Ô vendo é nada
 e entraram aí mesmo
 les tão muito camuflados
 Qual é o tamanho
 deles?

Pequenos
 Pequenos igual
 formiga?

Piolho
 pequeno igual

piolho

Eu nunca tinha visto um piolho
 mas Vó Alma proibiu o Casemiro
 de trazer o filho dele
 porque uma vez
 eu fiquei me coçando
 depois de brincar com ele
 na cabana

Quase desistindo da busca
 encontrei
 um buraco
 escondido
 embaixo
 da unha
 seca

lo mindinho

Á aí?

o avô perguntou
 fisgando a perna
 E eu cavoucava
 a toca do bicho

cada vez mais fundo

com a ponta

da agulha

O pontinho preto
 que parecia um bicho de pé
 legítimo
 era
 na verdade
 pura terra
 que Avô Ino tinha
 dentro do
 corpo



Nota 4

Dediquei os dias da semana às leituras na biblioteca da universidade. No primeiro encontro com Arlene, ela me deu de presente uma pilha de livros. As principais obras de revisão historiográfica sobre o assunto da colonização da região. De fato, os estudos sobre as populações nativas de caboclos e indígenas eram muito mais raros do que aqueles que se debruçavam sobre os colonos imigrantes. Conteí sobre a descoberta do senhor indígena e ela ficou tão impressionada quanto eu. Chamou a minha atenção para o fato de que uma biografia desse personagem, além de interessante, seria algo a ser feito o quanto antes, a julgar pelas condições precárias em que ele parecia viver. Nem bem nos despedimos e recebi uma mensagem de Andreza pelo celular. Ela havia começado a corrente de comunicação: Tio Salvador havia conversado com o senhor indígena a meu respeito. Através do tio, Índio disse já saber da minha chegada. Não perguntei o que significava aquilo exatamente, considerando todas as etapas pelas quais a mensagem teria que passar. É até porque, o complemento que viria a seguir, através da minha informante, tinha uma mística que, além de sedutora, parecia obedecer a uma outra lógica. Antes de me receber em sua cabana, o senhor indígena iria consultar a lua. Se o corpo celeste, por fim, manifestasse um sinal positivo, minha visita seria bem-vinda. Com efeito, nada mais dependia de mim naquele momento. Teria que esperar e seguir com o restante da pesquisa. Meu consolo foi crer que, depois de tamanha coincidência, não faria sentido que o meu caminho e o do senhor indígena não se cruzassem. Além disso, Andreza demonstrava tamanha firmeza na condução do encontro, que fiquei confiante com o plano. Para ela, a condição imposta pelo senhor indígena não era um imprevisto. Era um sinal de que eu havia chegado no lugar e na hora certa para registrar a história do único índio da cidade.

Naquela mesma semana, encontrei informações na internet sobre um ritual de ayahuasca que aconteceria no final de semana. A casa espiritual chamada Céu caminhos do amor ficava em uma cidade vizinha a Chapecó e fazia rituais com a bebida ao estilo universalista, igual à que frequentei em Santa Teresa. Combinei uma carona através da página do facebook com um casal de namorados chapecoenses. Cheguei em Coronel Freitas, a cidade vizinha, no meio da tarde de sábado. Coronel Freitas é uma cidade ainda menor que Caibi. É possível ver sua extensão completa da estrada principal, ao longo de menos de um minuto. O carro do casal virou à esquerda na rua de asfalto e, ao final do minúsculo

perímetro urbano, tomamos um último trecho de estrada de chão até chegar na pequena propriedade. Uma longa fila de pessoas, todas vestidas de branco, aguardava o preenchimento do formulário para a entrada. A cena idêntica a que vi no alto da rua Alice, na primeira vez em que fui na Arca da montanha azul, parecia uma imagem onírica com o deslocamento de espaço e tempo tão comuns na linguagem dos sonhos. Esta impressão era ainda mais forte porque a propriedade era muito parecida à chácara do meu avô. Uma casa grande de madeira, característica dos colonos descendentes de europeus, cercada por um pátio de grama com várias árvores frutíferas.

Depois de fazer o meu cadastro, parei no portão de acesso ao gramado. Desta parte mais elevada do terreno, vi as dezenas de pessoas conversando sob uma lona estendida no chão. Dentre todos os rostos desconhecidos, percebi um rapaz magro e de pele morena. Olhamos o suficiente para que um dos dois desviasse o olhar. Só depois que o ritual encerrou, no meio da madrugada, ele veio conversar comigo. Ao perguntar o seu nome, a surpresa: “Luiz Henrique e o seu?”. É verdade que encontrar pessoas com o meu primeiro nome nunca foi algo incomum. Mas a coincidência dos dois nomes, além de improvável, impressionava pelas circunstâncias. Luiz Henrique tinha um sobrenome de origem alemã – Huestein – apesar de ser moreno como poderia ser um caboclo. Diante do meu próprio nome, pronunciado por outra pessoa, percebi que não usava a versão completa há muito tempo. Mudanças de nome são comuns na teoria de João do Rio sobre as semelhança entre os homens e as ruas. E no caso da rua Quitanda do Marisco, ele conta, que cortou o Marisco e ficou apenas Quitanda com o passar do tempo, o motivo é a mudança do estatuto social. Como indivíduos que organizam o nome conforme a posição que alcançam, ele explica. Assim, as disputas pelo meu nome e o nome da cidade surgiam em paralelo. De um lado, a mudança do meu nome, ainda que sutil, simbolizava uma tentativa de cisão com o nome de família em busca da história individual. Do outro, a mudança de nome da antiga São Domingos para Caibi, serviu para aderir a cidade a um território nacionalizado. Ao nos despedirmos, Luiz Henrique me deu uma folha de presente. Como a que tenho tatuada no antebraço, em referência às folhas verdes que dão nome indígena à cidade.



5.29 Um intruso no milharal

O cavalo vinha resmungando pela picada
carregado de farinha

enquanto Vitorino se livrava dos galhos
que invadiam o caminho

Ao sair do túnel de mata fechada
enxergou de longe a fumaça
que saía pela chaminé de casa

Trotando na estradinha de terra
em frente ao seu lote
viu o caboclo nos fundos do terreiro

Entrando no seu milharal

O colono prensou os calcanhares
na barriga do cavalo

passou acelerado pelo galinheiro

conferindo as bichinhas

seguiu atrás dos rastros do moreno

Montado

liante da plantação

observou as coroas de milho mexerem
antes de endurecer a voz

Perdeu alguma

coisa?

O caboclo saiu por uma das carreiras laterais
olhando de baixo da aba de palha

para o colono de estatura
dobrada no lombo do cavalo

Vitorino reconheceu os ombros largos
e os braços grossos quando
tirou o chapéu
e enxugou a testa

O senhor não se preocupe
Eu sou o marido da Ramona ali de
baixo
Salvador
A senhora sua dona veio lá no rancho
pedir ajuda

A voz grossa que tinha custado
a subir o barranco
aiu cambaleando
da boca de Vitorino

A minha mulher não tá
acostumada
com os bichos aqui da mata
Não pode ouvir um barulho
que fica assustada

Metido no meio das folhagens
vigia tudo
de dentro dos olhos rasgados
Salvador não alcançava o tamanho do colono
mas era mais taludo
e falava com uma voz
de trovão em dia de sol

É bom ter cuidado mesmo
Tem muito bicho bravo
 que vive nesse mato
Mas o senhor não se preocupe
Quando é milho pouco assim
 que some
não é coisa de bicho
 grande

5.92 O colchão de folhas

Dona Norma deixou Camarada Espingarda
 brincar comigo na cabana
 desde que Casemiro
 ficasse com um olho aberto
 enquanto cortava grama
 Antes de liberar
 a gente
 ela espremeu a vista
 até os rolos
 de arame nos fundos
 do terreno

perguntou com a boca
 colada na cerca

Seu Ino vai colocar
 proteção
 no muro?

Casemiro endireitou
 o boné murcho
 encardido de terra
 coçando a cabeça

Ele tá receoso
 com os índio
 querendo terra
 A senhora sabe

Dona Norma fazia jurar
toda vez que a gente ia
pros lados do bairro
de baixo
pra não chegar perto
das cabanas de caboclos

De resto Camarada Espingarda
 não tinha medo de nada
Além de ganhar no braço
de qualquer menino
 todos tinham medo do Armeiro

Ele passava os dias
 bebendo compota
de pinga
e consertando armas usadas
 na garagem escura de casa

Avô Ino disse
que ele ficou desse jeito
 depois que voltou da Guerra
nudo
Desde então
 começou a preparar o arsenal
 da cidade
pra combater os bandoleiros
 vermelhos
no dia que voltassem

Casemiro passou rastelando
 os montes de grama
e assobiando o canto
dos pássaros
 que respondiam pra ele
de volta

Fechamos as janelas e a porta
 pras folhas mortas não entrarem
na cabana

Tirei o uniforme
e a peça preferida escondidos no buraco
embaixo do tapetinho

Vestimos

e juntamos as folhas
 espalhadas no chão
num colchão
verde
Espingarda deitou primeiro
 pois eu tinha medo
 das aranhas
que ficam por baixo

Nem deu tempo
 de trocar as posições
: a porta da cabana
 explodiu
om a força
 de dinamites
Um clarão
invadiu o escuro da nossa
 casa
E desta vez não foram os meninos
bandeirantes
 armando uma emboscada

Foi o Armeiro
 que meteu a cara azeda
 de laranja chupada
 na porta
 olhou a minha pose
 e furioso
 como uma carreta
 destrambelhada no cascalho
 entrou na cabana
 Derrubou o armário
 com as mãos sujas
 de graxa
 Os soldadinhos de ferro pelos ares
 o pote de sementes as enciclopédias
 o mate de leite
 o doce com funquinho que Morena
 tinha preparado
 esparramado
 ele bufava
 atinga de pinga
 com butiá
 enquanto tentava
 garrar os cabelos curtos
 demais
 de Espingardinha

 Até engancha
 no braço
 arrastando com tanta gana
 pelo gramado
 como se quisesse
 cortar pela
 metade



Nota 5

No meio da semana, Andreza mandou uma mensagem dizendo que o senhor indígena estava decidido a me receber. Nesse intervalo de tempo, porém, ele havia contraído um resfriado. Sendo assim, ela pedia que eu aguardasse mais um pouco, até que ele se recuperasse completamente. Enquanto isto, pesquisei passagens para Iraí, onde ficava a aldeia de um grupo Kaingang. Em um dos registros publicados da viagem de 1929, o bandeirante Arthur Costa conta que Getúlio Vargas, animado com o potencial turístico das fontes de águas termais que lá existiam, ajudou com obras importantes de captação, saneamento, viação e urbanismo. Já naquela época, a empresa colonizadora responsável pelas terras administrava um pequeno balneário. Com a reforma urbanística, a cidade despontou. Uma grande rede hoteleira foi construída para receber turistas, que só aumentaram com a abertura do Cassino Guarani. Uma pista de aeroporto chegou a ser aberta na década de 1940 para receber voos da Argentina e do Uruguai. O pequeno balneário, então modernizado, ganhou o nome do conhecido médico sanitaria Oswaldo Cruz, mais conhecido pela reação popular a um de seus projetos de higienização, a Revolta da Vacina (1904). A cidade ficou conhecida como “Cidade Saúde”.

Fiz uma reserva no Hotel Iraí, arrumei uma mochila com roupas de banho, além das de dia a dia, e tomei o ônibus na rodoviária. O hotel era um dos mais procurados nos tempos de glória da cidade, com piscinas e banheiras de águas termais. A cidadezinha que, em extensão, não era muito maior do que Caibi, chegou a alcançar um número cinco vezes maior de habitantes. A alegria da cidade começou a ruir em 1947, quando todos os cassinos do país tiveram que fechar as portas por conta da lei de Eurico Gaspar Dutra. Durante a minha infância, quando acompanhava minha mãe nas sessões de massagem e fisioterapia no Balneário Oswaldo Cruz, a cidade já vivia vazia. O trajeto de Belina que fazíamos de Caibi até lá, cruzando a ponte sobre o rio Uruguai, levava uns 20 minutos. Às vezes minha mãe comprava artesanato de alguma criança indígena perto do balneário. Eu ficava encarregado de entregar o dinheiro e de deixar o troco com elas, que estavam quase sempre sujas de terra e com a barriga inchada de vermes. Quando uma mãe queria convencer um filho a tomar banho, era comum dizer a ele que, caso não obedecesse, seria confundido com um bugrinho. Os moradores de Caibi também se referiam aos indígenas de Iraí, os Kaingang, como bugres. Na mesma época em que acompanhava minha mãe nas

idas semanais à cidade, no início dos anos 1990, os Kaigang estavam disputando as terras ocupadas pela cidade na justiça. Ainda que meu caminho já tivesse cruzado com os Kaigang, não sabia que eram indígenas. Como se a negação ao nome da etnia, encoberta pelo termo pejorativo, os tivesse apagado por completo da minha memória. Também não sabia de onde vinham aquelas crianças barrigudas e sujas de terra.

Não havia quase ninguém hospedado no Hotel Iraí. Vi apenas uma mulher agasalhada e com uma sacola de praia deixar a mesa do café da manhã. Da janela do refeitório via a imensa piscina vazia com os azulejos encardidos. No inverno, os turistas são ainda mais raros. Por conta disto, os Kaingag não estavam na área destinada à venda de artesanatos. Há alguns anos, a prefeitura restringiu a prática ao espaço entre o balneário e o bosque sagrado, como é chamada esta área de preservação ambiental. É ali que os visitantes costumam passear, tomar banho e se abastecer com a água medicinal das bicas. Para além do bosque sagrado, está o rio do mel. Sem encontrar nenhum Kaigang por ali, fui até a enorme estação termal do balneário. Além das piscinas coletivas, havia banheiras de hidromassagem e todo tipo de tratamentos estéticos com as águas de mel e seus derivados. Pedi por uma massagem simples e fui encaminhado para uma sala com vista para o bosque sagrado. O funcionário que me atendeu, Seu Neuci, não era um simples massagista. Enquanto desfazia as travas da minha cintura, contou que sua especialidade eram os atendimentos espirituais com ervas medicinais, terapia de vidas passadas e aconselhamentos. Embora tivesse as feições brancas de um colono, Neuci era de origem brasileira, como se autodefinem os caboclos em oposição aos descendentes de europeus. Por mais que Neuci tivesse aprendido grande parte dos seus saberes com uma curandeira na sua cidade de origem, Ametista do Sul, também havia compartilhado aprendizados sobre as ervas com os próprios Kaigang. Apesar de desencorajar o contato com eles, por serem imprevisíveis e traiçoeiros na sua opinião, disse que poderia me levar até uma benzedeira da cidade. Quando acrescentou a informação de que ela era, provavelmente, a cabocla mais antiga de Iraí, testemunha viva da fundação da cidade, não pude deixar de pensar que o roteiro que havia organizado estava se cumprindo com a interferência daqueles que eu via como objetos de pesquisa.



6.29 Catinga de onça

Vitorino deitou a carabina no ombro cedo
 quando a fumaça do fogão se misturava com a neblina
 e árvores amanheciam molhadas do frio
 Alma varria os montes de folhas
 que entupiam as valas do terreiro
 e acumulavam nas calhas
 Ela juntava os grandes montes bufando
 que avançavam para a porta
 e os jogava de volta para o mato vizinho

O colono se despediu
 enquanto a mulher arrancava as ervas altas
 que cresciam perto da janela do quarto
 agachada no chão
 Sem nenhuma palavra de volta
 não ser um resmungo
 Vitorino pegou o caminho do riacho
 aforando fumaça no vento úmido
 As pernas longas passavam longe
 das pedras lisas e dos troncos podres
 varando o caminho
 como um cão esfomeado
 e surdo para o aviso do pássaro guardião
 Passou distante da beira da enseada
 e se agachou atrás da moita alta
 com visão para a cabana
 Ficou de guarda por um tempo
 até o sol despontar detrás das nuvens grandes
 e acender a clareira da mata
 Quando a luz despertou a sinfonia dos pássaros
 o colono se encorajou a explorar os arredores

Dentro da cabana
só o vento passava
Vitorino puxava o ar pelas narinas
da catinga forte de carne podre que pairava
sem nenhum resto de caça à vista
Da porta para fora
as pegadas largas deixavam o abrigo
em direção à fonte
O colono engoliu seco
e foi seguindo os rastros com o cano da carabina
acompanhando o contorno das pisadas
Quanto mais avançava
mais fundo e mais raso
pareciam as passadas
Como se o bicho
tivesse um trote manco
ou gasto pelos anos
Depois de espiar
se a criatura dona dos rastros
não estava deitada na orla
Tive certeza que o destino dela
ram aquelas águas
de gosto salobro
Na margem de barro escuro
onde as pegadas paravam
o leito lamacento do rio
aparecia revolvido como lençóis maltratados
depois de uma noite de agonia
E a mesma catinga
de carne apodrecida
misturada no ar

Quando a rajada de foguetes explodiu no céu
avisando toda a colônia
 que a caravana dos bandeirantes estava chegando
o dedo dobrado no gatilho
apertou de susto
 disparando um tiro de espingarda
no mato bravo

6.92 Carta aos moradores

Área indígena de Folhas Verdes 12 de agosto de 1992

Caros senhores

A Comunidade Indígena Kaigang
localizada às margens do parque florestal
através desta vem esclarecer a Vossas Senhorias
que a área indígena de Folhas Verdes
foi caracterizada como de ocupação tradicional e permanente
indígena nos termos do artigo 231 da Constituição Federal
do artigo 17 da Lei 6001/73
conforme a determinação da Portaria n. 00247 de 21 de maio de 1992
assinada pelo Ministro da Justiça Célio Borja
e publicada no Diário Oficial da União em 29 de maio de 1992

Outrossim informa-lhe que a medida cautelar
da Prefeitura Folhas Verdes não tem validade
pois é posterior à assinatura da referida portaria
Se o Juiz Federal for manter o “status quo”
deverá ser em favor dos índios
pois não existe outro ato que revogue a medida
tomada pelo Sr. Ministro da Justiça

Considera o item III da resolução da Portaria n. 00247
do Ministério da Justiça
a comunidade local apoiada por diversas áreas
do Rio Grande do Sul e Santa Catarina
resolve fazer a autodemarcação a partir deste dia
e reitera aos Senhores que a Comunidade Indígena
pacificamente realizará este ato
e ainda coloca-se a sua disposição
para apoiar quando Vossas Senhorias procurarem o Órgão competente
para fazer a desocupação da referida
área

Atenciosamente

Comunidade Indígena de Folhas Verdes



Nota 6

De volta à biblioteca, comecei a ler um dos livros que Arlene me deu de presente. Ele trazia um compilado de fac-símiles sobre a viagem de 1929. Em maio de 1929, mesmo mês em que eu estava, a comitiva de Adolpho Konder havia dado início à grande epopeia nacionalizante pelo sertão catarinense. Logo que soube do diário de viagem escrito por Othon Gama D'Eça, vasculhei a biblioteca em busca daquele nome que estampava uma rua transversal à que morei em Florianópolis. Sua função era dar espírito romanesco e aventureir para a obra de brasilidade realizada pelo governo, como ele mesmo definia a expedição. Os seus escritos revelam o olhar de um cronista em contraste ao historiador clássico. Cargo, este, que cabe ao desembargador Boiteux com suas teses históricas do Império – constantemente ironizadas por Gama D'Eça. Atento a todos os detalhes para escrever a história da caravana oficial, a narrativa dos dias é uma história aberta. Nela estão os imprevistos sofridos pela caravana, as conversas com os caboclos, os sinais de antigos indígenas e os barulhos das onças que rondam a floresta. Cruzamentos que ocorrem ao cronista na medida em que se caboclica, como diria o filósofo das macumbas. Na medida em que se coloca disponível à travessia e se deixa encantar, exatamente como vivem os caboclos encantados – sempre à espera de corpos disponíveis ao transe, que os encantem novamente. Assim, o discurso patriótico exaltado de Gama D'Eça aparece cheio de nuances em seus escritos. Neste discurso, curiosamente, as folhas são um elemento destacado com frequência pelo cronista. Sobretudo as folhas verdes, que surgem como símbolo da brasilidade, da alma brasileira. A qual também se manifesta nos povos caboclos do sertão, aos olhos de Gama D'Eça. Não foi por outra razão que tive a ideia de fazer uma coleção de folhas, a começar com aquela que ganhei do meu xará Luiz Henrique. Como se fosse um personagem escritor, colecionando as folhas que encontrasse ao longo da minha incursão.

Depois de algumas buscas em papelarias, topei com uma feira de artesanatos no pátio da universidade. Bati o olho na mesa em que estavam expostos os cadernos artesanais com capa de couro. O vendedor era um rapaz que usava um gorro estranhamente pontudo. Ao ouvir atentamente a minha ideia, disse que poderia incluir folhas de papel vegetal entre as páginas para ajudar na preservação das folhas. Ele anotou o número do meu celular e, alguns dias depois, enviou uma mensagem para combinar a entrega. Com o contato,

descobri que o seu nome era Luiz. Desta vez, Luiz Carlos – nome composto que unia parte do meu e do meu avô. Quando cheguei na praça central, Luiz Carlos estava me esperando na frente da igreja com os seus longos cabelos soltos, antes escondidos no gorro. E o meu caderno de folhas cuidadosamente embrulhado. Ao fundo, logo ao lado da paróquia, estava o monumento chamado Desbravador. O corpo de Luiz parecia minúsculo diante da imponente escultura de bronze do colono imigrante. O Desbravador rende homenagem aos colonos que construíram a cidade, sobretudo aos descendentes de italianos como meu avô, que tiveram preferência nas negociações de terra com a Companhia Colonizadora Bertaso. Do outro lado da rua, na mesma altura do enorme colono com chapéu, machado em uma mão, e um ramo de erva-mate na outra, estava também o famoso Hotel Bertaso.



7.29 Um bandeirante pede abrigo

Os colonos esperavam em pé
 no meio da praça
 que era apenas um terreno quadrado
 de capim cortado
 sem canteiros de flores e árvores enfileiradas ainda
 As mulheres já haviam ganhado permissão para sentar
 no chão com cuidado para não amassar
 as roupas de domingo

Quando

o funcionário moreno da companhia
 viu uma mancha no horizonte verde azulado
 aberto com um lençol de neblina
 lisso espremendo a vista
 Parece até uma cavalaria fantasma
 flutuando na nossa
 direção
 impressionado com a visão que avançava
 pela trilha das araucárias
 correu o badalo do sino na igreja

((((()))

Na frente da tropa vinha o chefe
 governador do estado
 Montado no cavalo lustroso e penteado
 acenava como um desbravador
 do passado

Assim que puxou as rédeas
o animal obedeceu
estacionando como um automóvel

Saudações Senhor Leintz e
a todos os trabalhadores que nos
recebem de braços abertos

Alguns dos homens oficiais encostaram
logo atrás do chefe bandeirante batendo continência
enquanto o restante da comitiva
estacava

antes da linha de chegada

Apesar dos sombreiros e das carabinas nas costas

botas e ponches de lã grossa

Vitorino notou que os famosos bandeirantes
não tinham a mesma aura de herói do primeiro
aquele sim

robusto e corado das geadas

sentado no pelego sobre a sela encouraçada

A aba do chapéu um pouco inclinada

como em um retrato batido

Parecia o único sobrevivente da comitiva arrasada

com aqueles homens de rostos magros e abatidos

depois varar dias e noites no coração verde
do sertão

O foguetório queimou no céu limpo
e os colonos começaram a entoar o hino nacional
em posição de sentido conduzido pela pequena orquestra

Durante o coro vigoroso e disciplinado

Vitorino observou o governador inquieto a mão em concha
falando ao pé do ouvido do diretor

Do lado dele
o homem balofo com um papagaio no ombro
espichava o pescoço concordando sempre
com ar de imperador romano

Ao final da estrofe
Ó Pátria amada idolatrada
salve salve o diretor deu um passo
à frente com seus sapatos engraxados
e interrompeu a cantoria

Minha xente kompanheira
Nós sabemos o quanto estamos ansiosos
mas o governador Konder

caba de receber um konvite
o governador vizinho
que quer estar presente
na sua passagem
Por hoxe vamos oferecer
descanso e boa komida
para os nossos bandeirantes
E as nossas homenaxens
kã para a chegada
do ilustre homem
de estado

Não é todo dia
que homens oficiais
visitam uma kolônia
no meio desse sertão
não é verdade?

Dito o imprevisto
 Senhor Leintz deu ordens
 aos funcionários para que encaminhassem
 os homens mais combalidos

até o alojamento da companhia
 Os bandeirantes caminhavam pela sede
 como soldados mudos
 retornando de uma batalha

Os colonos se aproximaram da comitiva
 como crianças diante da carriola de doces
 Com os olhos piscando
 e as mãos afoitas
 ofereciam ajuda para carregar as bagagens
 até suas casas

Vitorino enxergou ao fundo da aglomeração
 o homem que puxava
 as rédeas de um burro espigado
 por de pinhão
 Entregue o animal a um dos funcionários
 tinha em direção à praça carregando uma mala estufada
 Vestia um terno de corte fino amarrotado
 e trazia uma maleta de couro duro com detalhes dourados
 pendurada no ombro

Apesar da disposição
 tinha uma sombra de perturbação no rosto
 que fisgou o olhar do colono
 No momento em que o sujeito
 cruzou com os olhos curiosos de Vitorino
 topou num pedregulho e foi ao chão
 A maleta abriu esparramando seus pertences
 binóculos máquina fotográfica lanterna
 um caderno de couro e uma pistola

Vitorino correu até o homem
e o ajudou a catar cada um dos objetos

Vitorino às suas ordens

O homem levantou com o olhos aterrados
no rosto sarapintado do colono

Depois de espanar a terra
cravada nos joelhos do terno com um lenço
em silêncio
o bandeirante arreganhou os lábios para um sorriso
que saiu com ar de desespero

Muito prazer

Othon Gama D'Eça eu me chamo

Se não for incômodo para o senhor e

sua esposa me concederiam

brigo por um

dia?



7.92 Bucho de terra

No meio da noite
os passos tombados de Avô Ino
perambulavam pela casa
girando tramelas
e balançando chaves

Acordei com a mão de Morena
provando a minha testa
quente de febre
Ela colocou compressas
de vinagre gelado

o meu corpo pelado
e ligou o ventilador
té que eu
parasse de sonhar
acordado
Acordei
sozinho na cama de
baixo
com a língua felpuda
zumbidos na cabeça
e uma barrigona
redonda
esticando a pele

Mãe Clara pediu
 que Casemiro guiasse o Del Rey
 cinza de Avô Ino
 capotado de sono
 depois da ronda da noite
 até a casa da Dona Ramona
 no bairro de
 baixo

Seu Serafino
 abriu a cancela

Vamos se achegando
 que a mãe tá rezando pros
 loente dela

Morena contava que a tia
 azia caridade telepática
 Ouvia o nome
 los doentes e falecidos na rádio
 : enviava
 o tratamento à distância
 om os olhos
 fechados

A velha morena
 botou a mão na testa
 quando entramos
 na sala
 Parecia preocupada
 mas era a pálpebra
 caída
 que resgatava
 pra cima
 do olho leitoso

A senhora

Dona Clara

precisa ver essa barriga
direito

Mãe Clara me puxou
pra frente da barrigona
dela

como se pudesse esconder
da benzedeira
sentada numa cadeira
estofada de travesseiros

Não não

Dona Ramona

o meu pequeno que tá
com o intestino
inflamado

Ela chamou
batendo no joelho
apalpou a minha barriga
dura
em cima da blusa

Depois virou
pro Serafino

Leva esse menino

lá fora
com a bacia
e o purgante
pras bicha

A velha voltou
apoiada na
bengala
com um chumaço de folhas
sortidas

Puxou o terço
colocou a mão na minha cabeça
e começou a rezar
com a mesma técnica
de Vó Alma

repetindo a oração
com os lábios quase
fechados
E virou pro Serafino
que acompanhava a reza
em posição de espera
igual na fila da hóstia

Pode tirar a roupa
do menino
e agacha ele
na bacia

No meio amassado do alumínio
ele tinha largado uma rapadura

Mãe Clara sentou perto do tanque
escorada no pilão grande
porque o bebê
pesava demais
nas pernas dela

Agarrei na borda da bacia
quando Dona Ramona começou a bater
as folhas

na minha cabeça
Varreu as costas
falando baixo com a voz

funda

Cantava um canto sem palavras
conhecidas

Mas que repetia
e repetia e repetia e repetia
até que as palavras criaram
um corpo bem dito de caboclo
invisível

A cada volta
ao redor da bacia
o vestido largo assoprava
o meu rosto
As galinhas corriam
doidas pelo terreiro fugindo do cachorro
O suor gelado escorria pela espinha
e a barriga parada
emexia
Eu não queria
não na frente da Ramona
que leu os meus pensamentos
na hora
porque fincou o calcanhar
rachado igual a terra
quando grita de tão seca

O corpo do caboclo
invisível
tinha um braço forte
que puxou a bicha
pra fora
de uma vez

Não não
Dona Clara
Este é pra senhora
O menino tá sarado
Só ficar de olho pra não
encher mais o bucho de
terra



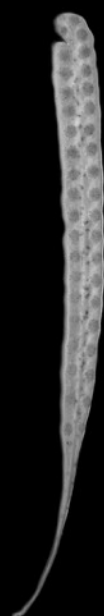
Nota 7

O senhor indígena continuava com sintomas da gripe. Andreza me atualizou do seu estado durante a semana, dizendo que uma estranha febre persistia. Era só uma questão de tempo, ela garantia. Mesmo assim, decidi passar o final de semana em Caibi, na expectativa de uma reviravolta. Chapecó fica deserta nos finais de semana e o quarto do hotel era minúsculo. Pela vista da janela, além da torre da igreja, agora identificava os ramos de folhas erguidas para o alto do Desbravador. Antes de embarcar no ônibus, fui até os Kaingang que ficavam na entrada da rodoviária e comprei mais um filtro dos sonhos, desta vez para Andreza. Fracassei novamente em alongar a conversa. Eles se intimidaram rapidamente com a minha presença. E eu, constrangido, com a minha cara de colono. Desta vez, além do troco, dei o meu pacote de salgadinho para as crianças.

Minha vó ficou visivelmente enciumada quando dei o mesmo presente para Andreza. Segundo Vó Irma, Andreza havia engordado depois que começara a trabalhar na casa. O que a fazia fiscalizar, com frequência, as comidas da geladeira e da dispensa. Durante o almoço, contei a eles sobre a viagem até Iraí, mas que ainda não havia conseguido visitar a aldeia indígena. Ao mesmo tempo havia conhecido uma cabocla benzedeira chamada Tia Iata, sobre quem também lhes contei a história, na tentativa de encontrar algum cruzamento com a de meus avós. Todos os irmãos de Tia Iata trabalharam como balseiros, transportando viajantes e mercadorias de uma margem a outra do rio Uruguai. Foi exatamente nessas balsas que meus avós passaram da antiga colônia no Rio Grande do Sul para o lado de Santa Catarina. Um dos detalhes que ouvi ainda criança era a carroceria do caminhão atulhada pela mudança. Além dos pertences mais importantes, levavam consigo galinhas e o cachorro. Como grande parte dos habitantes de São Domingos, meus avós chegaram na comunidade no final da década de 1940. Na onda das medidas tomadas pelo governo em 1929 e que fizeram a região expandir economicamente.

Logo que meus avós chegaram, instalaram-se em uma região próxima à pequena São Domingos, chamada Linha São Jorge. Foi lá que meu pai e minha tia nasceram e onde todos eles conviveram não só com outros colonos imigrantes do Rio Grande do Sul, mas também com os caboclos. O vizinho mais chegado da família tinha o curioso apelido de Brasil. Ouvi diversas vezes que, apesar de ser brigão e encenqueiro, foi ele quem ensinou

meu pai a dirigir caminhão aos 5 anos de idade e a beber cerveja. Por mais que a convivência fosse assídua, nunca souberam me dizer o nome verdadeiro de Brasil. E o mesmo acontecia com o seu companheiro, também próximo da família e a quem chamavam Catengo. Apelido, segundo eles, em alusão aos hábitos precários de higiene. O que fazia pensar que o apagamento dos nomes não se tratava de esquecimento, mas de outro tipo de tratamento em relação aos nativos. Possivelmente pelas mesmas marcas que apareciam nos registros dos bandeirantes em relação aos caboclos – dados às práticas degeneradas, hábitos anti-higiênicos e propensos à criminalidade. Neste dia em que as conhecidas histórias dos meus avós se repetiram, duas novidades surgiram. A de que meu pai havia nascido pelas mãos de uma parteira cabocla – junto ao detalhe de que estava embriagada durante a operação e que havia usado uma balança de alimentos para pesar o bebê. E, ainda, que meu avô havia trabalhado na construção do aeroporto de Iraí, ao lado de outros caboclos, como Seu Neuci, o massagista do balneário.



8.29 O bandeirante é um escritor

O cozido de Alma esquentava mais a casa do que perfumava
 Os legumes já estavam pálidos
 e a carne desfazendo de tanto ferver na panela
 A polenta pronta há horas
 dura na travessa
 e nada de Vitorino voltar da ronda
 na fronteira
 Quando o colono abriu a porta
 com os braços carregados de lenha para o fogão
 encontrou o bandeirante debruçado com uma lupa na mão
 sobre uma das trepadeiras que penetravam
 pelas frestas
 da casa e se alastravam
 pelas paredes
 O senhor Vitorino
 por acaso sabe o nome
 dessa espécie?

O colono descarregou os gravetos
 e parou diante da cabeceira da mesa de canela
 onde estava o caderno de couro
 do bandeirante
 com folhas de todos os tipos
 enfileiradas

Tão intrigado que estava com o caule
 seguindo o seu cumprimento com a lente
 o visitante não percebeu
 que o dono da casa
 estava plantado de pé
 diante do seu lugar na mesa
 que havia derrubado sozinho
 com o machado

Dona Alma disse
 que vai me levar nessa tal vizinha
 que entende de ervas e folhas

O marido captou um brilho
 tímido nos olhos sempre nublados da mulher
 que se apressou em colocar
 as panelas na mesa

O Senhor Gama Vitorino
 me disse que poderia fazer
 chegar a carta pros meus alunos
 quando a caravana passar
 perto da colônia
 velha

Sentado na cadeira mais baixa
 Vitorino meteu o queixo dentro do prato
 e sugou uma colherada do caldo barulhento
 antes de resmungar

E essas pragas
 lá tem nome?

O bandeirante veio para a mesa
 com o seu conjunto de pijama
 verde-musgo
 puxando a cadeira

Ora nem tudo tem nome
 o senhor tem razão
 Mas dar nome é uma missão importante
 Nessa viagem o governador já batizou
 umas duas colônias
 que visitamos

Vitorino levantou os olhos
 de cavalo chucro
 com a boca metida na bolsa de feno
 observou as mãos finas do homem
 guardando as folhas dentro
 do caderno
 Vocês sabem
 alguns lugares
 têm nome estrangeiro demais
 E quisermos reconquistar
 esse sertão para a pátria
 o mapa tem que ser povoado
 com nomes de índios e dos caboclos
 que são os verdadeiros
 brasileiros

Já sabem como
 vai se chamar o herdeiro?

A mulher esperou a primeira palavra de Vitorino
 engolindo o caldo com os olhos
 congelados e a mão por baixo da mesa
 alisando a barriga

Vitorino levantou o peito
 deitado no prato fumegante
 e tirou os cotovelos da mesa
 Com o nariz
 elevado sobre aquele homem de gabinete
 desafiou

E senhor por acaso viu
 algum índio

nesse sertão?

Índio índio

ainda não tive a chance

A não ser pelas histórias

que os caboclos contam

Aliás

O colono puxou as rédeas

da conversa que avançava
 por um caminho pantanoso

O senhor não dê ouvidos

a esses morenos

que são cheios de

causos fantasiosos

O visitante deixou para depois

a história interrompida

e arregaçou as mangas

de flanela do pijama

Pois muito pelo contrário
 Se o governador me chamou
 para escrever a história desta viagem
 os causos dos caboclos
 muito me interessam

Com o nível do queixo
 acima do visitante
 prestes a embalar as cordas vocais
 o colono engoliu o fôlego
 e soltou a voz frouxa de sempre

Quer dizer então
 que o senhor é um escrivão?

O homem oficial largou o corpo
 na cadeira
 a risada fez eco
 no céu da boca

Essa é boa
 Seu Vitorino
 Quem está mais pra escrivão
 é o desembargador glutão
 que vive colado
 no governador

O colono forçou uma risada fraca
 de acompanhamento
 mas olhava para o escritor
 piscando frenético

O senhor Boiteux
 é o historiador da caravana
Certamente é tão confiável
quanto um escrivão de cartório
 portanto não tem nada novo
pra contar
Muito menos aquele maldito papagaio
que perturbou o meu sono
 todas as noites
no acampamento

Agora era o casal de colonos
 que pareciam duas galinhas
olhando para um escritor
Ele se aprumou na cadeira
como se estivesse em um salão ilustrado
 explicou
Longe de mim ser a voz da verdade
Particularmente eu prefiro
 screver uma história original
do jeito que eu
 digo
o governador
quiser



8.92 O baile da onça pintada

Avô Ino tapava os ouvidos
a cada buraco que Casemiro abria
no muro
com a furadeira rangendo

A bengala do avô
não parava de socar
o chão
até que o empregado
não terminasse de pitar
o fumo de palha

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA
O grito de Morena
pela janela
avisando do plantão da invasão
irou os olhos de Avô Vitório
las roupas largas
e sujas de terra
que Casemiro herdava
le Pai Vitório

Na cozinha
a voz abafada do locutor
saía do rádio
e a panela de pressão
chiava forte

III A prefeitura recebeu ontem uma carta aberta enviada pelo grupo de índios que invadiu a praça da cidade O comunicado alerta que a suspensão da decisão judicial anunciada pelo prefeito aos moradores não é verdadeira e que a demarcação será realizada pelo próprio grupo Em busca de apoio na capital o prefeito afirma ter conseguido reforços do governo do estado e que as 40 famílias de moradores estão dispostas a resistir à demarcação III

O telefone tocou
e Vó Alma levantou da cadeira
ao lado do fogão de ferro
De onde observava
disfarçada
as mãos morenas
da empregada
passeando na despensa
abrindo a geladeira
pilotando as panelas
Enquanto a avó
trastava as chinelas
até a sala
Morena provou o sal do feijão
da colher que mexia
colocou de volta
no caldo

Os gritos de Pai Vitório
eram tão altos
que Vó Alma afastou
o aparelho da orelha
Com o primeiro silêncio
do outro lado da linha
ela tentou explicar

Não é que a barriga dela
encolheu

totalmente

Mas um pouco

talvez

era inchaço

Vó Alma segurava o alto-falante

do telefone com as duas mãos

pequenas

De longe parecia uma

criança velha

com o os olhos

emburacando

gua

Mas nenhum morador

unca falou um

di

contra a Ramona

O que ela fez de parto

na colônia

além do seu

meu filho

não tá na conta

da cidade

Já a Clara

você sabe

essa história

de cor

Morena diminuiu as bocas
do fogão

e se acercou
com vassoura
e pazinha preparadas

Vó Alma colocou no gancho
o alto-falante
que cobria a orelha miúda
E ficou paralisada
ao lado da mesinha
enquanto as migalhas
caíam por baixo
da saia

Tudo certinho
com o Seu Vitório
Dona Alma?
Diante do olhar escuro
la patroa
empacada na tristeza
o bico amarrado
e o queixo tremendo
Morena fez dos farelos
espalhados
ao redor de Vó Alma
uma pequena
montanha

A voz saiu quebradiça
igual a casca do gelo fino

Ele pediu pra levar
a Clara num doutor
de verdade

Vai dar jeito
de entregar o carregamento
em outro armazém
E volta
voando
pra cuidar
do filho dele
direito

Morena colocou a vó
de volta na cadeira
riste igual um camelo
bebericando o chá
de sempre
A montanha de migalhas
que transbordava da pazinha
Morena guardou em um pote
na despensa

Tudo normal nas ruas da cidade
os fregueses do Seu Klein
saíam com sacolas carregadas
E a praia de Copacana ensolarada
no alto

Na praça
os índios jogavam bola
cercados
pelos carros da polícia
nas esquinas

Os policiais fardados circulavam
 com seus pistolões e antenas
 de longo alcance

O Judas do bar
 ao lado da igreja
 acompanhava a partida
 as traves do gol
 com latinhas de refrigerante

Comentou
 com o vendedor de bergamotas
 enquanto a rainha da cidade
 sem o vestido nem as luvas compridas
 o penteado desarmado
 escolhia as mais bonitas
 la carriola e chupava os gomos
 cuspindo as sementes
 ora
 ê se pode
 essa bugrada
 mporcalhando a praça
 e batendo pelada
 em pleno dia
 de semana
 Depois ainda
 querem
 ser chamados
 de índio

No balneário as torneiras
 da bica continuavam fechadas

As águas quentes das piscinas
paradas
sem turista à vista

O parque florestal igual
um deserto verde

Coloquei os dentes de alho
nos bolsos
e fiz um novo caminho
pra catar folhas
novas

Tirei o binóculos
detrás da moita alta
O Rádio Tupi chiava
ao volume baixo
dentro da cabana
Mas nenhum sinal da onça
pintada

Os tico-ticos saltavam pelo telhado de palha

Pernilongos do tamanho de besouros
rodeavam as minhas bochechas
redondas

No meio
dessa guerra sangrenta
passos se aproximaram
quebrando gravetos e folhas secas

Ele chamou
com a mão na cintura da calça
de brim
Os tênis brancos não tinham
nenhuma mancha
de terra
sequer

(((((()))))))

O braço comprido
apareceu ajeitando a cabeleira

los ombros

As pulseiras e os penduricalhos

A fumaça do cigarro fez um risco

pra fora da janela

desmanchou no ar

A pedra do anel amarelado

parecia um olho de gato

do mato

contra o sol

O caboclo

chegou perto

com o sorriso branco

a boca aberta mascarando chicletes

e os cabelos brilhosos

de gel

Atracados
 um no outro
 línguas estaladas
 os corpos se amassando
 gaitadas e gaitadas

Ele colou
 no corpão da onça pintada
 aos pinotes

Os ombros sacudindo
 no ritmo das marchinhas alemãs
 que tocavam nos bailões
 do Municipal

foró-foró
 om fom fom fom

Igual Morena
 quando dançava
 agarrada nos morenos dela
 varrendo a quadra

inteira

A banda Cosmos

Express

botando fogo no palco
 e o gelo seco escorrendo
 pelo salão

foró-foró

fom fom fom fom

Os dois varriam
 a cabana
 de uma ponta
 a outra

Quando o baile
terminou
a música do rádio
batia
nas taquaras da cabana
sem sinal dos dançarinos
na pista

Guardei o binóculos
na maleta
Escorreguei o olho
pela janela
acostumando a vista
ao escuro
la cabana
té conseguir
ver de perto
o que a onça pintada
o caboclo
faziam
embolados
na rede

Nota 8

De volta aos corredores da universidade, Arlene sugeriu que uma forma de me aproximar da história dos Kaiang de Iraí seria através dos agentes do CIMI, um órgão ligado à igreja católica e com uma longa trajetória de trabalho junto aos povos indígenas. Entrei em contato com a unidade do Rio Grande do Sul, onde certamente haveria algum tipo de arquivo sobre o episódio da retomada de terras dos Kaingang. Caso não fosse possível uma incursão na aldeia, poderia ter acesso aos registros oficiais do caso. Há dias não recebia mensagens de Andreza. Escrevi a ela para saber sobre o estado de saúde do senhor indígena. Ela me respondeu apenas 3 dias depois, com muitos pedidos de desculpa. Tio Salvador havia ficado de cama por conta dos efeitos da quimioterapia e demorou a visitar seu amigo Índio. Quando finalmente chegou na cabana, descobriu que a febre prolongada era, na verdade, sintoma de uma catapora.

Recebi uma mensagem de Luiz Carlos, o artesão de cadernos. A essas alturas, minha coleção já contava com uma boa série de folhas. Ele estava me convidando para uma festa no centro religioso Ilé Asè Aféfé t'Oyá, uma casa de encantaria. Mais surpreendente que o convite foi a descoberta de um lugar deste tipo no Sul do Brasil. Uma casa de encantaria era surpreendente em vários sentidos. Primeiramente por ser uma expressão religiosa afro-brasileira das mais raras e antigas, praticamente restrita à região Norte do país, no Maranhão. E ainda assim, pelo fato raríssimo de uma casa dedicada a esse tipo de culto.

Diferente da umbanda e do canbomblé, que realizam suas práticas em assentamentos, centros e barracões, as manifestações dos chamados encantados – os radicais caboclos mencionados por Luiz Antonio Simas na invenção do conceito – costuma acontecer nas ruas, sobretudo nas festas populares, as chamadas canjiras dos encantados. A lembrança de que todos os caboclos da encantaria eram conhecidos pela denominação exclusiva de caboclos, a despeito dos seus nomes individuais, agora surgia acompanhada de um paralelo. O de que os caboclos do Oeste catarinense, enquanto grupo étnico, também se manifestavam ao estilo dos encantados. Transitando livremente pelos nomes europeus e pelas peles brancas, como meu xará Luiz Henrique e o massagista Neuci.



9.29 O sonho do escritor

Há dias que o escritor não deitava as costas
em um colchão que afundava

Além do pelego afofado pelas mãos de Alma
tinha dois travesseiro de penas de pato
e uma lamparina só sua

para organizar as notas da viagem
no caderno de couro

No dia seguinte pediria a Vitorino
que o levasse até o telégrafo

O editor do periódico República

não recebia notícias da caravana

desde que entraram nas picadas da floresta

Recostado na cama com o corpo mole

ascunhava mais uma crônica

no caderno aberto sobre o colo

O chá de boldo adoçado esfriando ao lado

Para os leitores que nos acompanham

nesta aventureira viagem pelo sertão esquecido

peço desculpas em nome da caravana

do governador Adolpho Konder pelo sumiço

A caneta deslizou da linha

riscando a folha branca ao meio

até a mão pender para o lado

Enquanto a respiração cavernosa
 ressoava pela casa
 cavava um buraco
 por dentro dos pensamentos
 que se debatiam como peixes
 fora da água

Quando chegou
 no fundo do sono
 o desfile já havia começado
 O carro alegórico de muitos andares
 andava no meio da avenida luxuoso
 Os bandeirantes vestiam capas de lantejoulas
 e chapéus forrados de cetim

Carabinas envenenadas de brilho nas mãos
 Batiam continência das várias clareiras
 Distribuídas pelo enorme esqueleto metálico
 Cercadas por árvores nativas
 e todas as espécies esculpidas no isopor
 Macacos mecânicos comiam bananas
 Pássaros piavam agudos elétricos
 Onças abriam
 e fechavam a bocarra

Da vasta estrutura verde
 que seguia em frente balançando
 pela avenida
 despontavam pequenas casas de colonos
 Os casais com pencas de filhos
 loiros como espigas de milho
 abanavam faceiros das janelas
 Coberto pelos adereços
 era Senhor Leintz
 quem pilotava o carro disfarçado
 da cabine

A ala de caboclos ia na dianteira
 abrindo o caminho
 ao som de um batuque muito original

Um samba com letra cantada
 sem ponto nem vírgula
 contando causos do povo
 igual um enredo de romance

O policial da caravana vigiava
 o bloco barulhento
 ordenando que dobrassem os joelhos
 ao som do tambor

((((((())))))))

Mas os morenos cantavam
 cada vez mais alto
 com as mãos pra cima
 as bundas soltas
 os seios livres
 umbigos de fora
 arrastando o pés descalços no asfalto

A maior de todas alegorias
 vinha séria e firme
 vencendo os sacolejos do tablado mais alto
 Uma réplica colossal
 do bandeirante-mor montado no seu cavalo
 e chapéu suavemente inclinado
 Aos pés da escultura
 em tamanho menor
 o próprio governador fazia um troféu
 com as mãos unidas pro alto

O fiel historiador oficial
 vestindo um manto de imperador que sobrava no chão
 e seu papagaio estimado
 também ganhavam destaque
 embora ficassem ofuscados pela decoração
 de livros gigantes

O cortejo chegou na praça central
 e a caboclada ocupou os gramados
 em torno do pedestal

Bandeirantes e colonos
 despencaram das alegorias ao seu encontro

Lá estavam todos bailando
 marchinhas sambas e maxixes

Gritos gaitadas e risos descontrolados
 sob uma chuva de folhas verdes e penas

Os funcionários do diretor baixaram
 a escultura do último andar
 e passaram carregando
 o descomunal governador no meio do povo

em transe

De trás das árvores enfileiradas na calçada
 surge um índio paramentado

O selvagem carrega ao mesmo tempo
 dentes de onça pendurados no peito
 distintivos militares no braço
 e a espingarda carregada

O caboclo que guiou a caravana dos bandeirantes
 pela floresta

 no meio da pequena multidão
 fala ao ouvido do escritor
 que tudo ouve

É esse o tal fantasma
do índio famoso
de nome mais conhecido
nesse sertão

Os batuques silenciaram
e os foliões abriram passagem
para que o índio chegasse até o chefe do estado
de ferro fundido

O único som que se ouvia nessa hora
saía pelo bico do infernal papagaio
Um cacarejo esquisito
parecido com aquele

que vinha do galinheiro de Vitorino

travessando as frestas da janela
interrompendo
as pisadas fortes do índio destemido

Antes do escritor se engasgar
com o próprio ronco cavernoso
o maldito papagaio repetiu
como repetia nas noites do acampamento

É onça!

É onça!

É onça!


até o bandeirante saltar
para fora do colchão macio
e procurar a pistola aos gritos

É onça

Vitorino

Vitorino é onça!

Onça Vitorino!



9.92 A onça na jaula

Antes dos índios
 invadirem a cidade
o Circo dos Macacos Ciganos
erguia a lona vermelha
 no meio da praça
durante as noites
de calor

Avô Ino deixou a vó
nas banheiras termais do balneário
 pra melhorar dos nervos
me levou visitar o acampamento
 da trupe
durante a sessão
 de hidromassagem
Naquela hora
 antes do almoço
o circo não era o mesmo
 dos espetáculos com o letreiro
iluminado

Os trajes coloridos
estavam estendidos
 num varal comprido
embaixo do sol

As fantasias as máscaras e as perucas
pareciam galinhas

de pescoço torcido
que Vó Alma pendurava no galho
pelas patas
antes de amolecer as penas
na água fervente

O barbudo
que soprava fumaça

doce
deitado na rede
No chão
rodela de salame
fritavam na grelha

lisso que os bichos enjaulados
ficavam depois dos carros
maiores
das caixas de som

Vó não recomendava
mexer com os macacos
na hora da refeição

E riu
com a barriga cabeluda
tremelizando
e o dente de ouro
saltando na gengiva

Paramos em frente
à jaula da famosa Iracema
Esparramada no tablado
emporcalhado
como se fosse dona do circo
inteiro

Ela levantou
 o corpo pintado
 e começou a andar
 de um lado pro outro
 naquela caixa apertada

Pedi ao Avô Ino
 que me levantasse do chão
 pra ficar da altura dela

Onça Iracema parou
 e cruzou os olhos amarelos
 riscados com os meus
 As pepitas de ouro

 sujo
 ouxavam a minha vista
 pra dentro do buraco
 negro
 Ela girou as orelhas
 pra trás
 como um radar
 lobrou as patas traseiras
 o rabo esticado
 e

(((((())))))

 a cabeçona chocou
 contra as grades
 esmagada
 A pata larga passou pela fresta
 e as unhas pretas
 fizeram vento
 na nossa carne

Ela escancarava a boca
 arregaçando a bigodeira
 e urrava fundo
 com os dentes pontudos
 arreganhados

O bafo medonho
 fez o sangue descer
 gelado pela espinha
 e uma cachoeira
 quente
 escorreu nas pernas

O avô deu um pulo
 ssustado

 A camisa
 nsopada em segundos
 : uma poça enorme
 narcada
 io chão

 O avô achou graça
 na hora
 mas depois
 quando perguntei
 como o dono do circo sabia
 que Iracema não era um caboclo
 virado na onça
 ele fechou a cara

A partir daquele dia
 Morena ficou proibida
 de contar histórias antes de dormir
 na cama de
 baixo

Nunca mais
ouvi os causos
do Tio Salvador

Nem as sereias
que afogavam os balseiros
nas corredeiras do rio Uruguai
Nem as bruxas
que sobrevoavam os parreirais
bebendo os vinhos dos colonos
peladas

Foi então
que Morena disse
pra comer sementes
que as histórias chegassem
eito bandos de pássaros
nos galhos



Nota 9

Peguei um novo ônibus para Caibi e cheguei na sexta-feira à noite, quando Andreza trocava de turno com outra ajudante. Na primeira oportunidade em que ficamos sozinhos, ela me disse que Tio Salvador havia levado o senhor indígena ao posto de saúde. Ele já estava medicado e em repouso. Não sei exatamente o motivo pelo qual nos comunicávamos daquela maneira secreta, pelos cantos da casa. Talvez para não causar ciúmes na minha avó. Imediatamente, a suposição me fez pensar que Andreza estava vendo em mim algo que eu não tinha percebido. Um pouco tímida, como sempre, ela me deu um presente. Um potinho de plástico que continha vários anéis. Eram anéis de coco, que havia ganhado do seu cunhado indígena. Perguntei se não sentiria falta deles. Ela respondeu que não gostava de usar aqueles artesanatos nos dedos. “Fico agoniada, me sinto presa”.

talvez não tivesse experimentado a temporalidade tão diferente em que vivem meus avós, e não estivesse esperando pelo senhor indígena que povoava a minha imaginação. Vó Irma passava horas deitada no sofá e depois vigiava a preparação do almoço, até deitar-se novamente. Vô Carlos assistia à televisão e caminhava com o andador em volta da casa, com a ajuda de Andreza. Desde que a degeneração começou a avançar, ele passou a trocar os tempos com frequência. Antes de dormir, então, pedia a minha tia que checasse se as vacas e as galinhas estavam bem protegidas no quintal, como na casa antiga da Linha São Jorge. E se o cavalo, em vez do carro, estava bem abrigado em caso de chuva. Dentre todos os gestos inconsciente que observava em meu avô, um deles me intrigava mais. Todos os dias, depois de analisar os próprios pés, ele dizia haver contraído bicho-de-pé. Era como se a lembrança de trabalhar na terra durante muitos anos estivesse marcada no corpo, como se a memória ficasse latente naqueles pés que já viviam há muito tempo resguardados dos trabalhos na roça. Exatamente do mesmo modo como a minha memória de menino se revelou através das marcas na cintura. A única solução que também se repetia para o avô, dia a dia, era uma encenação. Então Andreza tirava as meias dele e fingia extrair o inseto da sola dos pés com uma agulha.

No início daquela tarde, depois do cochilo do meu avô, Andreza me procurou para dizer que estava preocupada. Tio Salvador havia levado o senhor indígena às pressas para o hospital de Chapecó. O estado de saúde dele havia se agravado muito. Tudo indicava que o diagnóstico da catapora estava errado. Ofereci ajuda, dispondo-me a voltar para Chapecó e ir até o hospital encontrá-los. Andreza resistiu, dizendo que Tio Salvador e sua mulher estavam do lado de fora da UTI. O restante do dia foi de espera. Eu e Andreza não fizemos nada além de trocar olhares aflitos enquanto jogávamos baralho com os meus avós. Quando ela fez a troca de turno, prometeu me manter informado. Durante o jantar com meus avós, já pensava no plano do dia seguinte. Acordaria cedo e tomaria o ônibus de volta a Chapecó. Minha ideia era ir direto ao hospital para conseguir informações diretamente com Tio Salvador. Era início da madrugada e eu já havia sido vencido pelo sono quando chegou a notícia de Andreza. O senhor indígena havia morrido. Fiquei em estado de choque, afetado pela paradoxal sensação de haver perdido uma pessoa de carne e osso, que até então era apenas uma presença invisível, um corpo imaginário. Enquanto eu tentava assimilar o acontecido, Andreza falava de detalhes que tornavam a morte dele ainda mais dramática. Sua cabana havia sido queimada pelos vizinhos e eu sequer desconfiava que o senhor indígena era hostilizado pelos caboclos do bairro da Gruta. E o pior de tudo era que ele provavelmente seria enterrado no cemitério de Chapecó como indigente, já que não tinha documentos e nem parentes legais. Andreza estava tão abalada quanto eu. Sua voz embargada, na mensagem de áudio, não parava de pedir desculpas por ter falhado em fazer o nosso encontro acontecer.



10.29 Um índio chamado Vitorino

Agarrada ao travesseiro
ouvindo os roncoss do escritor
ressoando novamente pelo corredor
a voz de Alma surge no escuro do quarto

Agora sim
Capotou o pobre
Misturei valeriana com cidreira
Nem sei se fiz direito
mas com aqueles olhos estalados
não ia dormir nunca o coitado
Vitorino que também tinha os olhos pregados
nas sombras do teto depois do susto
protou no silêncio
Demorei pra entender
o que ele queria dizer
aguejando daquele jeito

E a pistola rodando
na mão dele?
Minha nossa

No final das contas
foi graças ao tal historiador
que o pior não aconteceu
Imagina se ele
não tivesse tirado
as balas da arma?

Alma se aproxima um pouco
do marido

Mas e agora
será que era onça mesmo?

Vitorino sentiu a respiração da mulher
encostar no seu rosto
ela que sempre fica virada
para o lado de fora da cama

Ora mulher
você acha mesmo
que uma onça ia perseguir

uma caravana inteira
durante todos esses dias
pelo sertão?

Ao que o marido se revirou
debaixo dos cobertores
para encontrá-la
Alma recuou um pouco

Mas esse tal índio
existiu mesmo, né?

Isso é

Um índio com o nome
igual ao seu

Deus meu
É Vitorino de quê
mesmo?

Vitorino reconhecia os voleios
 que a mulher dava para desviar
 dos seus braços
 e voltou a barriga para o teto

Condá

Vitorino Condá

E será que ele não
 aparece mesmo pelas matas
 assombrando essa gente
 maioral?

 Meu pai aparece
 com o peito lastimado

 os sonhos
 às vezes

Vitorino recolheu os pés
 que ficavam de fora do colchão
 e recolheu em concha
 o seu lado

Sonho é diferente

 Não ouviu o que ele disse?
 Foi o tal caboclo que trabalhou
 de guia da caravana
 que veio com essa história
 Deve ter dado
 umas boas gaitadas
 com esses homem
 tudo armado
 ouvindo miado de onça
 e sentindo a catinga do bicho
 sem nunca ter visto um
 de verdade

A mulher arriscou detrás
da barreira que tinha feito entre eles
com travesseiro

Podem falar o que for
desses moreno
Mas são bons contadores
de causo

Eu que não me fio
nesses causo batido

Conformado com a fronteira
dos lençóis

Vitorino se virou
para o lado contrário
e continuou

Diz que a cabana abandonada
perto do olho d'água
ra de um moreno
desse povo aí
Trabalhava de onceiro
matando onça
pros fazendeiro

A mulher se rendeu
e cutucou a montanha
para saber o resto do causo

E dali?

Dali nada
 diz que descobriu
que era parente delas
O serviço sujo
pesou na consciência
 e se bandeou
pra dentro da floresta

Mas então homem!
 Se caboclo vira no bicho
índio não pode
 virar onça
também?

Do seu lado da cama
Vitorino ficou olhando as palavras da mulher
 pairando no escuro
enquanto o ronco do escritor
circulava pela casa

10.92 A barriga de Mãe Clara

Mãe Clara deitou na maca
 esbaforida
 de subir os degraus
 da escadinha
 e arregaçou a blusa
 O doutor começou tocando
 nas beiradas da barrigona
 que tinha baixado
 um palmo

Mãe Clara havia secado
 s sobras das bochechas
 dos braços
 do culote
 Desde que Dona Ramona receitou
 a garrafona de raízes
 o cheiro de flores desmaiadas
 que pairava no quarto
 também estava
 mais enjoado

Eu segurava na mão dela
 a aliança dançando no dedo

Será
 que o irmãozinho
 vai querer
 sair
 mais cedo
 pra brincar?

O doutor leu meus pensamentos
 igual a Dona Ramona
 e pediu pra Mãe Clara
 não fazer esforço
 enquanto apertava mais
 forte nas laterais

A tosse de Avô Ino ecoava nos azulejos do consultório

((((((())))))))

Pegou friagem
 Seu Vitorino?

O avô dobrava o lenço
 m quadradinhos
 apertados com a terra
 scondida

 foi mandar
 um expectorante na receita
 pro senhor

 Tem um índio
 de idade avançada

 no quarto ao lado
 que também tá resfriado
 É esse vento

 Imagina
 dormir dentro daquelas
 barracas com lona
 furada

O senhor
 tem que se cuidar

 também

No porta-retrato em cima da mesa
o doutor usava um chapéu preto
e quadrado
como se fosse um rei
do passado

A enfermeira entrou no consultório
 e estacionou a cadeira de rodas
 ao lado da maca
 O doutor disse
 que eu seria o motorista de Mãe Clara
 até o outro quarto
 no final do corredor
 enquanto ele conversava
 com Avô Ino
 sozinho

Mãe Clara já tinha apagado
 quando a enfermeira colocou o soro
 no alto

Ela trouxe polenta mole
 um caldo ralo igual ao de Vó Alma
 com gelatina
 ligou a televisão

Depois de beber
 o caldo todo e engolir
 polenta com gelatina
 Perguntei
 se o bebê de Mãe Clara
 ia sair tão grande
 como Pai Vitório
 apostava

Os olhos pintados da enfermeira
 com sobrancelhas tatuadas
 pararam na barriga de Mãe Clara
 e voltaram pra bandeja vazia
 com a maquiagem toda
 borrada



Nota 10

Pela manhã, escrevi um email a Arlene contando sobre a morte do senhor indígena. Depois do café, enquanto tomava sol com meu avô no quintal, recebi a mensagem de uma amiga de infância, Eloísa. Ela morava na casa ao lado da minha, separada apenas por um muro. Exatamente de onde me escrevia naquele momento, depois de ver uma foto do quintal que eu tinha postado nas redes sociais. Em alguns minutos, ela bateu palmas no portão trazendo um saquinho de café e um bolo. Eu e Êlo, como a chamava, frequentávamos juntos o jardim da casa amarela, que ficava no Bairro da Gruta. Perdemos totalmente o contato depois que saí da cidade, aos 6 anos de idade. Ela estava de volta à casa da família depois de haver se separado da namorada com quem morava em Porto Alegre. Diante dela depois de tanto tempo, surpreso por saber que tinha uma namorada, atentei para a semelhança dos nomes. Era como se no dela estivesse inscrita uma versão feminina do meu: Eloísa. A associação veio junto de uma lembrança constrangida, das vezes em que os nossos colegas da casa amarela me chamavam justamente desta maneira: Luiz, Luiza, Luizinha.

Enquanto Eloísa girava a manivela do moedor antigo de café da sua avó, revivi um sentimento familiar. Era a mesma admiração que sentia quando criança pelos seus gestos masculinos, seus ombros fortes e o peito estufado. O contrário também devia acontecer aos olhos dela, diante das minhas formas mais roliças e dos meus gestos mais delicados, motivo das provocações dos nossos colegas. Não por acaso foi com Êlo com quem costumava brincar dos jogos eróticos que encenam os casais adultos. E que, sem perceber, subvertiam os papéis de gênero. Enquanto eu via um namoradinho secreto na menina de gestos masculinos, ela podia ter a sua namoradinha com o menino de jeito afeminado. Assim, o reflexo projetado no nome de Eloísa me devolvia uma sensação antiga, já esquecida, daquilo que eu nem sabia quando menino. O meu desejo por outro modo de ser homem, entranhado no feminino. Não fosse o nosso reencontro, não teria me dado conta de algo ainda mais impressionante. Eloísa havia sido apagada da minha memória como a melhor amiga da infância. Meus pais costumavam contar, nos seus relatos sobre os tempos de Caibi, que eu havia deixado um melhor amigo para trás – em vez de uma amiga. Narrativa, esta, que eu havia assimilado sem me dar conta. Sem perceber que, talvez, eles já vissem a minha intimidade com o feminino com alguma resistência. Não consegui encontrar

nenhum registro com a presença de Êlo naquela época. Na fotografia do desfile de 7 de setembro, quem aparece no seu lugar é o amigo escolhido pela família. Durante o longo café na cozinha da minha infância, tantas vezes frequentado por ela, contei a história sobre o senhor indígena. Êlo imediatamente se ofereceu para descobrir detalhes mais precisos daquele mistério. Começaria perguntando a sua mãe, que era ministra da igreja e conhecia praticamente todos os caboclos que moravam no bairro da Gruta.



Vitorino chegou no clube recreativo ao lado da igreja
de botinas camisa abotoada até o pescoço
e braços dados com Alma
O som das sanfonas e das violas
 vazava pelos janelões com as nuvens de fumo crioulo
Ao ver o casal paralisado na porta
 cerimoniosos naqueles trajes de festa
o escritor veio chamá-los com os pés serelepes
para sentarem na sua mesa

Logo que sentaram
 Senhor Gama atravessou o meio do salão
 onde os primeiros casais dançavam acanhados
 voltou como um torpedo
 segurando um garrafão de cerveja
 a fabriqueta do Seu Braun
 Vitorino encheu o seu copo até a borda
 e para a mulher apenas metade
 Brindaram de longe com o escritor
 que já pulara para a mesa ao lado
 Parecia discutir algum assunto de discórdia
 com o desembargador balofo
 que o olhava com cara de planta
 detrás dos óculos redondos
 enquanto gesticulava acalorado
 A cada golada que entornava
 o colono sentia o pescoço asfixiado
 naquele traje ensacado

Aos poucos os pensamentos ficavam mais gasosos
 e a cabeça acompanhava as melodias
 cada vez mais ouriçadas
 da banda no palco

A quantidade de dançarinos aumentava
 como se um ímã os puxasse para o salão

Vitorino bateu o olho em Ramona e Salvador
 agarrados no meio da agitação arrastando o pé
 Antes que atendesse ao impulso
 dos joelhos
 e puxasse Alma
 que bebericava do copo igual um pássaro triste

as suas vestes escuras
 O escritor veio com os braços estendidos
 pedindo a licença do marido
 para ter a honra de dançar com a sua mulher
 Os olhos de Vitorino iam de um lado a outro do salão
 sem querer ver
 a mão de Alma sobre o ombro do paletó
 os dedos finos de escritor na sua cintura

O casal de caboclos corria a pista inteira
 Salvador guiava o passo
 como uma balsa cortando as ondas do rio Uruguai
 Levava a mão de Ramona entrelaçada
 os braços de leme aprumados
 enquanto a mulher requebrava as ancas
 que saltavam do vestido
 O moreno tinha um estilo ousado
 ao mesmo tempo que controlava da proa
 rebolava e remexia a cintura
 como nenhum homem fazia

A cabeça liquefeita do colono
acompanhou o giro de pernas
com que o caboclo voltou para o meio
dos corpos saltitantes

Vitorino foi até a copa
e pediu mais um garrafão ao bodegueiro
Acenou de pronto
quando viu Senhor Leintz e o governador Konder
conversando ao lado do churrasco
escorrendo sangue na fogueira
E tentou de novo
Mas não foi reconhecido

Quando sentou à mesa
bebendo o garrafão no bico
o alvoroço tinha se alastrado
pelo baile todo
Em um coro inflado
todos cantavam o refrão
da canção que Vitorino não conhecia

Quando seus olhos turvos toparam
de novo com o casal risonho
múltiplas Almas dançavam
em um caleidoscópio de risadas
que o marido nunca recebia

Vitorino saltou da cadeira
pequena para tanto corpo
e arremeteu em direção ao casal
Chegou estabanado em cima dos dois
tentando frear o impulso tarde demais

O escritor entregou as mãos da mulher
prontamente

Mas Alma a cara assustada
protegendo a barriga com a mão
pediu um descanso
para as pernas desacostumadas

Com o sorriso desmontado

Vitorino puxou o braço da mulher com força
Ela deixou que ele colasse o corpo
no seu o rosto virado para o lado
Sem traquejo para conduzir a balsa
o marido tropeçava nas pernas duras da mulher
Uma e outra vez

Até o sorriso voltar desesperado
o sangue queimar o rosto
Numa arrancada
levou o corpo sem alma da mulher
a prensar em um casal de caboclos
Alma se livrou dos braços compridos
e deixou Vitorino sozinho
no meio do salão

Os casais continuavam passando
sem disfarçar o olhar
para aquele homenzarrão
com as braços pendidos

Sem chão embaixo dos pés
e toda aquela raiva circulando por dentro
Vitorino buscou o casal de caboclos
e bateu no ombro do moreno

A mulher do homem atizado
acompanhava os olhos arregaçados do colono
pra cima dele

 Tentava puxar pela camisa
para o canto do salão
pedindo calma no ouvido

Mas nada
Vitorino mirou naquele homem
e largou na sua direção

 Ao ver aquele corpo enorme
desengonçado na sua reta
 ao caboclo jogou a mulher para o lado
passando uma única
banda no colono

Vitorino ainda tentou se agarrar no ar
 antes do corpalhão estatelar no chão
Uma clareira se abriu no meio da pista de dança
quando o colono tonto pela queda
 olhou para cima
o caboclo que antes batia na sua cintura
ra agora um gigante
com a pistola apontada
para a sua testa

Os funcionários do diretor
 caíram em cima do moreno
Vinte mãos
arrastaram o sujeito porta afora
enquanto a mulher ia gritando atrás

O escritor oferecia a mão
recusada pelo colono
que levantou sozinho
debaixo do olhar de todos os colonos
e bandeirantes

Dentro daquele corpo tão grande
trançando as pernas
Vitorino se sentiu o menor dos homens
da colônia inteira



II.92 O miço da onça

O caminhão de Pai Vitório
estava estacionado na calçada
fazendo sombra
dentro de casa

Todo mundo no hospital

Morena
estava ajoelhada no canteiro das flores
mexendo na terra
enquanto Gegê perambulava pelo quintal
ligando o caminho
até a cabana

Tudo estranho
nas ruas da cidade
O mercado do Seu Klein
que abria até aos domingos
tinha as portas fechadas
A praça parecia a praia
de Copacabana
os moradores disputando espaço
pra ver o retorno do prefeito
da viagem à capital

Além dos carros
parados nas esquinas
as luzes das sirenes girando
caminhonetes da polícia
circulavam
com canos de fuzis
saindo pela janela

Cheguei
 na trilha do parque
 engolindo ar
 O bando de quero-queros
 acompanhava do alto
 o caminho novo
 que as folhas
 mostravam

O bambuzal dançava com o vento
 o tronco de duas árvores
 esfregaram
 gemendo

Detrás da moita alta
 nenhum sinal do caboclo perfumado
 le ervas fortes
 nem rádio ligado
 ou rabo de fumaça
 O sol tostava a minha cabeça
 descoberta
 os gritos dos quero-queros
 não paravam
 de desafiar

Fui com os passos altos
 e leves até a cabana
 desviando das folhas secas
 e dos gravetos

Da rede
vinha um rosnado
um ronco tão alto
que a banda municipal podia tremer os
pratos
em despertar
o corpo grande e pesado
que esticava as cordas
roçava as franjas
no chão

Quando dei o primeiro
o segundo e terceiro
passo
esticando o pescoço
mais alto que os pratos
tremendo
os trompetes gritando
e os tambores batendo
juntos
foi o barulho do helicóptero
sobrevoando
a cidade

Corri
disparado de volta
 pra moita
Metido no meio das plantas
 altas
rezei só com os lábios
juntando as técnicas de Vó Alma
e Dona Ramona
 Fechei os olhos
pedindo que nenhuma cobra
estivesse escondida ali
no meio
 pois desta vez
eu estava sem os dentes
le alho
Os quero-queros gritavam mais forte
Os passos
 rancharam o chão de terra
 na porta da cabana
Ouvi a garganta
 raspar fundo
e puxar uma cusparada
 barulhenta
pro lado

As pisadas fortes
aumentaram na minha direção
 como se fosse um bote
certo
mas pararam
quietas

Levantou a saia
curta de pele
malhada e regou de pé
as folhas longe longe e comprido
com um barulho de jato
de mangueira igual

Morena esguichando a terra
seca do quintal
inventando chuva
em dia de
sol

De volta pra casa

Vó Alma estava ajoelhada no canteiro
onde Morena havia transplantado
as margaridas murchas
de Mãe Clara

No quarto

Pai Vitório estava ao lado da cama
com aquela cara de espantinho
quando dirigia pelas estradas
na madrugada

Mas dessa vez

os olhos de farol alto
no meio do rosto

stavam desmanchados
em cima do macacãozinho
zulu tamanho grande
que ele tinha
comprado

Nota II

Logo no início da semana combinei de encontrar Arlene na cafeteria da universidade. Os fatos daquela história intrigante não haviam terminado com a morte do senhor indígena. Nas conversas seguintes que tive com Andreza, já de volta a Chapecó, ela disse que Tio Salvador havia retirado alguns pertences do senhor indígena da cabana antes do incêndio, prevendo que algo assim poderia acontecer. Dentre os objetos salvos havia um caderno. Aparentemente, o senhor indígena vinha tentando escrever a sua história. E diante daquela revelação, fazia todo sentido que a minha presença fosse esperada por ele. Menos por vias ocultas e mais por necessidade. Pedi uma sugestão a Arlene sobre o que fazer com os pertences que Tio Salvador pretendia me entregar. Ela sugeriu que os levasse ao Centro de memória do Oeste de Santa Catarina, localizado no piso superior da rodoviária onde ficavam os Kaingang. Era onde também a autora do livro da cidade, Domingas, havia feito suas pesquisas de arquivo. Além dos registros oficiais da historiografia regional, o CEOM mantinha um acervo dos povos indígenas de toda a região Oeste.

Continuei em contato constante com Andreza. Tio Salvador costumava ir para Chapecó de 5 em 15 dias para fazer as sessões de quimioterapia. Ela fazia questão de me avisar a próxima data para que eu pudesse pegar os objetos diretamente com ele. Tentei retomar as leituras na biblioteca da universidade, mas logo recebi uma mensagem de Êlo com uma grande novidade. Há minutos atrás, ela me dizia estar contando o caso do senhor indígena para sua irmã Marluce. Estavam, as duas, na recepção da fábrica de roupas de sua família, quando uma cliente que aguardava por um ajuste das costureiras, meteu-se na conversa. Dona Neiva, como era chamada, acabara de confirmar a elas que o senhor indígena de fato morava no bairro da Gruta, muito próximo a casa de uma conhecida. Segundo a moradora, que conhecia a história apenas de ouvido, era sua comadre, Dona Di, quem mantinha contato direto com o Índio. Ela costumava ajudá-lo com comida e algumas roupas, como outros vizinhos do bairro da Gruta. De repente, a história de Andreza havia ganhado novos elementos. Como se, novamente, os meus objetos de pesquisa recusassem a terminologia escolhida por mim. A narrativa desfiada por Andreza surgia agora com outros fios sendo puxados por narradores como ela. Dona Neiva assegurou a Êlo e a irmã que, de fato, se tratava de um índio autêntico, nas suas palavras. Tinha a pele morena, olhos puxados, cabelos negros e lisos que cobriam as costas até a cintura. Nas poucas vezes que

saía da cabana, andava vestido com uma pala de gaúcho enfeitada com detalhes étnicos nas mangas. Era verdade também, segundo ela, que nos últimos tempos ninguém mais o vira. Provavelmente estava deprimido com a morte da mulher e da filha. Por último, revelou que os vizinhos tinham medo dos rituais que ele fazia no escuro da cabana. O que justificava a atitude de Tio Salvador em salvar os pertences do senhor indígena, antes que alguém os eliminasse.



12.29 O rabo da onça

Demorou para que o escritor
notasse a presença de Alma ao lado da igreja
observando o grupo de bandeirantes
que trabalhava na praça

O engenheiro já havia anotado as medidas
do canteiro na sua prancheta
e os ajudantes faziam marcações pelo chão
no ponto central do terreno
Sobre o pedestal reforçado

seria erguida a estátua
de ferro fundido
do governador Konder

Os raios da manhã
que já tostavam as folhas das árvores
orturavam os olhos do escritor
sua língua rasteja em um deserto
e a cabeça martelava
a cada lembrança
das cervejas do Senhor Braun

Quando finalmente sentiu os olhos distantes
fixados na sua pessoa
reconheceu a aparição
trajada de negro
ao lado da torre de madeira

Largou o grupo de lado
 e foi apressado na direção de Alma
 Antes mesmo de atravessar
 a estradinha de cascalho
 o escritor leu os olhos carregados
 e as mãos trêmulas da colona
 que seguravam a barriga
 como se o bebê pudesse deixá-la

Alma confirmou
 o que o outro previu
 e logo em seguida desaguou

É Vitorino

Saiu no meio da noite
 não apareceu em casa
 até agora

Quando o chefe de polícia da caravana
 vinha galopando pela picada
 Alma agarrada na traseira
 o escritor no cavalo ao lado
 levantando poeira

Vitorino parecia ter acabado
 de chegar pela trilha do riacho
 A mulher olhava com assombro
 aquele corpo de gigante massacrado
 Os trajes do baile
 estavam cobertos de terra
 os cabelos vermelhos espantados
 e os olhos perdidos
 na cara imunda

Mesmo sem nunca ter visto uma
E que o colono estendeu
para o Senhor Gama
olhando dentro dos seus olhos
de escritor



12.92 O rabinho escondido

O oratório da Santinha
que sempre chegava
 pra passar a semana
pelas mãos de Dona Norma
 estava em cima da chapa fria
do fogão de ferro
mas desta vez
 não havia nenhum vaso
de margarida daqueles
que ela sempre trazia
quando Mãe Clara voltava
lo hospital
 com o moisés vazio
Pai Vitório
inha da cabana
 com o Gegê no ombro
travessando o parreiral
 como um cão
arejador

É onça

É onça

Aquela ave
gagá
 repetia
de volta na gaiola
 enquanto eu mastigava
as sementes do melão
com os olhos
 escondidos

O palito de dentes
 passava de um canto
 a outro dos lábios
 de Pai Vitório

O silêncio de bicho traíçoeiro
 foi quebrado pelo rádio

III Nenhum acordo foi alcançado na reunião promovida pelo prefeito entre os representantes do governo estadual a Funai e os índios A missão de paz enviada pelo governador aterrissou no Estádio Municipal Folhas Verdes no dia de ontem e retorna hoje para a capital A expectativa era convencer os indígenas a trocarem a área conquistada na justiça por outra menor fora da cidade O vereador indígena Roberto Carlos que está à frente do movimento informa que o grupo não vai abrir mão das terras e que a demarcação será realizada de forma pacífica Roberto Carlos fez um novo apelo ao prefeito para que providencie novas terras para os moradores que serão desalojados

Em resposta o prefeito anunciou no caderno oficial a realização do desfile de comemoração ao aniversário da cidade Interrompido na ocasião da invasão da praça central pelo grupo indígena III

Quando Pai Vitório ouviu
 o nome daquele índio
 quebrou o palito em pedacinhos
 com os dentes
 Depois apoiou o cotovelo
 na mesa e segurou a testa
 com a mão
 escondendo os olhos
 de farol baixo
 desde que descobriu
 que o bebê não era
 de verdade

Quando eu já estava quase
na soleira da porta
do quarto de Mãe Clara
a voz encorpada
chamando meu nome
completo
obrigou
a dar meia
volta

Pai Vitório me puxou
pro joelho pontudo
dele
e começou a enrolar
o meu rabinho
le Rei Roberto com o dedo
Igualzinho àquela noite
no restaurante de espeto
corrido
onde paramos pra descansar
da estrada longa
pro Mato Grosso

Depois
de preparar a minha cama
na boleia
Pai Vitório foi encontrar
os caminhoneiros
que armavam redes
na carroceria
e cozinavam
no fogareiro

Os faróis que corriam
na rodovia
 entravam na cabine
junto com as risadas
 espalhafatosas

Uns assobios
de pássaros desconhecidos
 correram pelo pátio do posto
vazio

 Falas macias
dissolveram a vozeirada
em conversas moles
 sussurros

 risos adoçados

Detrás da roda

 da carroceria
vi as pernas compridas
altos

montados e saia curtinha

 Ela saiu apoiada no ombro
do motorista nanico de boina
 equilibrando

nas pedras do calçamento

até o mato

 nos fundos do pátio

De tão avantajada

 a sombra dela engolia
o baixinho
inteiro

Na roda de homens
a voz de Pai Vitório
 reinava com a piada batida
do Rei Roberto

Além roubar o coração
da mulher
 que ouvia os discos do galã
enquanto ele vivia nas curvas
da estrada

Um índio
 com o nome do cantor
tirou sua vaga de vereador
iludindo os corações
 dos eleitores

O motorista nanico
 voltou cuspiendo juras
le morte à rapariga
 impostora
que mijava em pé
 no tronco
 da árvore

Os caminhoneiros
 largaram o fogareiro
 a carne chiando
e bandearam
 pros fundos do pátio
 como caçadores
embalados por cães
famintos

Um urro de onça
 fingido veio do escuro
 disparando gargalhadas
 orangotangos hienas e porcos selvagens
 aumentavam o coro
 infernal que se alastrava
 no mato riscado
 pelos clarões
 e buzinas
 da rodovia

Um grito rouco
 e desesperado
 calou a baderna
 por um
 segundo
 ((((((()))

 depois afundou
 nas sombras
 da noite
 rasgada em farrapos
 Berros
 Arrastos
 Esperneios
 ecoavam no posto deserto
 com as luzes brancas
 falhando

Os urros dos caçadores
 deram trégua
 quando o dono do espeto
 corrido
 gritou do restaurante
 ameaçando
 chamar a polícia

Durante o resto
 da noite
 um choro raivoso
 corria o pátio escuro
 pelos cantos

 O miado de onça
 penetrava pelas frestas
 da cabine

 Pai Vitória
 abriu a porta antes do sol
 com a cara lavada

 A cantiga doce
 misturada com cigarro
 grudada nas calças
 sujas de terra

e um pastel de carne moída
 embrulhado

Foi a última parada
 que fizemos até o final
 da viagem

Ele passou os dias
 e as noite seguintes colado
 no volante
 dando goladas na latinha
 de coca
 que nunca secava
 baforando pela janela

Eu nunca esqueci
 daqueles arranhões
 abrindo a carne viva nos braços
 peludos

Nem dos dedos
 inchados
 ue enrolavam
 enrolavam
 e continuaram
 nrolando
 o meu rabinho
 com força
 enrolou
 até prender
 um nó
 que puxou
 pela raiz
 arrastando
 pelo terreiro até
 a cabana
 toda revirada
 as enciclopédias
 os soldadinhos
 as sementes
 esparramados
 pelo chão de terra

O tapetinho jogado
no canto
e o buraco aberto
com a saia curta
malhada de Morena
e o uniforme sequestrado pelo
Armeiro
no corpo de Espingarda
sujos da terra

Nota 12

No meio da semana viajei até a cidade de Frederico Westphalen para uma visita ao CIMI. Frederico foi diretor da colonizadora que construiu a cidade de Iraí, logo ao lado. E diferente do Coronel Ernesto Bertaso, não emplacou o próprio nome apenas em um hotel, mas na sua cidade. Encontrei os dois missionários responsáveis pelas questões indígenas da organização. Mário e Ivan me receberam em uma salinha pequena, de paredes escuras e atulhada de caixas e arquivos. Conversamos sobre a situação atual dos Kaingang em Iraí, depois da longa trajetória de retomada das terras, concluída em 1992. Foram 10 anos de disputas judiciais contra o município, orientadas pela organização religiosa até conseguirem o direito das terras de origem. Pude olhar as três pastas de arquivos que continham registros do episódio da retomada. Na sua maioria eram recortes de notícias dos jornais regionais que se referiam ao grupo pelo nome da etnia, embora tivessem variações como Caigangues e Caigangs, e os identificava como invasores. Outros materiais, ainda, mostravam perspectivas contrárias àquelas veiculada pela imprensa. O acervo antropológico das terras que comprovara o caráter imemorial da área, as atas de reuniões com lideranças indígenas e políticas, cartas dos indígenas aos habitantes de Iraí e um material didático para a campanha de retomada das terras feito com a ajuda dos missionários. Este último, um folheto, contava a história do grupo.

Diferente de Caibi, foram eles, os Kaingang, que escolheram a nomenclatura que dá nome à cidade. Iraí, em tupi-guarani, significa “águas de mel”. Uma referência ao rio que cruza a cidade até desembocar no rio Uruguai, onde estavam as fonte de águas termais, frequentadas por eles desde 1898. Com a chegada da colonizadora, foram removidos do local para a construção da cidade. Na mesma lógica dos anteriores aldeamentos em que Vitorino Condá negociava indígenas com os governadores de províncias e fazendeiros para a redução da população indígena, a “limpeza étnica” era feita através da articulação entre as empresas colonizadoras e o antigo Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais – SPILTN. Grupos indígenas eram confinados em áreas restritivas, as chamadas terras indígenas (TIs), liberando as terras para a criação de novos loteamentos e para a produção agrícola. Segundo a narrativa dos Kaingang, alguns de seus integrantes retornaram foragidos à região na década de 1920. Entre eles estava o Cacique Nonoai, que costumava fazer o uso medicinal da fonte de água termal antes de morrer no

local. Desde então, os Kaingang acompanharam as reformas urbanas e sanitárias promovidas por Vargas. Empurrados cada vez mais para as margens da cidade, viveram muito tempo do outro lado do rio, em uma faixa de terra com apenas 1 hectare. Era dali que vinham as crianças indígenas de quem minha mãe comprava artesanatos nas nossas idas ao balneário.

Enquanto eu tomava nota e fotografava os materiais, Mário e Ivan foram convocados a estarem presentes na aldeia de Iraí por conta de um achado arqueológico. Ofereci-me para ir junto, mas a aproximação com os indígenas não era tão simples para um pesquisador da área de Letras.



Figura 11 - Fotografia da manchete de jornal Índios caingangue ameaçam invadir área no centro da cidade

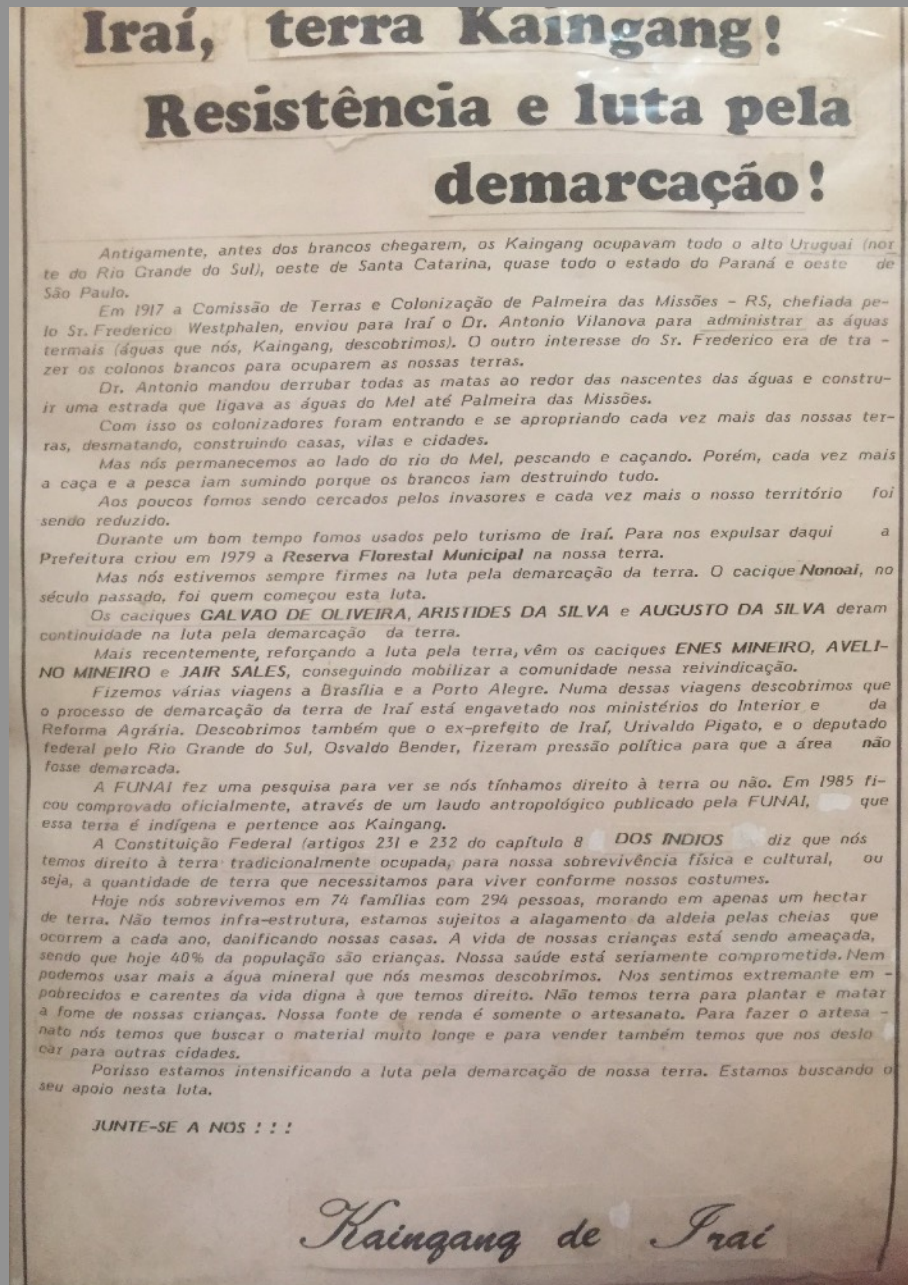
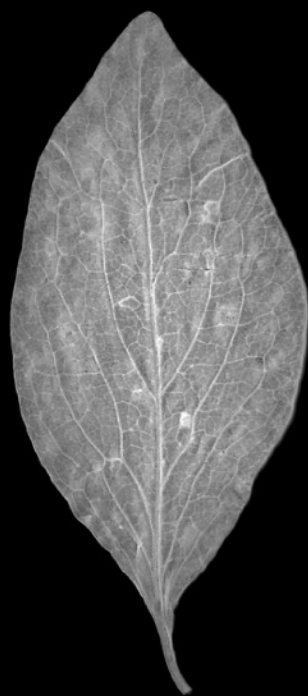


Figura 12 - Fotografia do folheto dos Kaingang à população de Iraí



13.29 Ao jornal República

Aos leitores que nos acompanham
 nesta aventureira viagem pelo sertão esquecido
 peço desculpas em nome da caravana
 do governador Adolpho Konder pelo sumiço
 Na última missiva publicada neste periódico todos devem lembrar
 estávamos ansiosos para adentrar nas florestas
 Abandonamos as lanchas
 batizadas de Konder O Primeiro
 Segundo e Terceiro
 para entrar na floresta bruta
 onde não há trilhas nem caminhos dados
 Salvo as marcas que ainda restam das picadas abertas
 pelos índios que aqui viviam
 do passado
 Um desses gentios
 prestou serviço memorável à pátria
 Vitorino Condá arrebanhou centenas de índios bravos
 para fazerem parte da nação
 Nas noites em que nossos guias acendiam fogueiras
 tive a chance de ouvir as lendas
 sobre o herói selvagem
 Areias um caboclo de alma verde
 dessas terras
 e exímio contador de causos
 não poupou nossos corações

Revelou diante do fogo
 enquanto a fumaça desenhava um imenso cocar na escuridão
 que os miados de onça
 e a catinga característica do feroz animal
 que rondavam a caravana desde o primeiro dia
 eram sinais de Vitorino Condá

Demos graças
 ao deixar o inferno verde
 depois de 6 dias nele internados
 Chegamos na pequena colônia
 dirigida pelo Senhor Leintz nas margens do rio Uruguai
 Esses homens de bem e boa
 vontade que trabalham como abelhas

criando o seu favo de ouro
 receberam a todos os bandeirantes
 e braços abertos
 Tive a sorte de ser acolhido por um casal de colonos
 recém chegados da colônia velha de italianos
 do estado vizinho
 aquecido com grossos cobertores de lã
 na simpática residência
 qual não foi o meu desespero caros leitores
 quando fui acordado no meio da noite

enquanto escrevia estas linhas
 pelos mesmos miados
 e idêntica catinga
 que rondaram
 o nosso
 acampamento

Eis que minha sorte
 ou destino alguns de vocês diriam
 foi haver ganhado abrigo na casa
 do mais bravo dos colono Senhor Vitorino Natal

Depois de dias acompanhando os rastros do perigoso bicho
 que frequentava as terras da colônia
 como se fossem de sua propriedade
 Vitorino descobriu que o invasor
 fez sua morada preferida
 perto da fonte de águas milagrosas da colônia
 ao lado de uma cabana desocupada

O sertão está infestado de manchas

 como esta
 choupana que abriga intrusos
 para melhor
 explorar as matarias
 Reconhecido o inimigo
 o colono que leva no nome a coragem
 fez uma emboscada digna de ser registrada
 nas páginas da história

 No meio da noite levou seu cavalo até a cabana
 e ficou em prontidão como um soldado treinado
 No momento
 em que o bárbaro animal
 se atracou nas carnes da isca
 Vitorino disparou um tiro certo
 pelas costas da onça

À participação desse bravíssimo brasileiro
 na construção de uma nação verde e civilizada
 prestaremos nossa homenagem
 na cerimônia de despedida da colônia

Na ocasião teremos outra ilustre presença
que guardo o nome em segredo de estado
para que vocês leitores
não percam nenhum capítulo
da obra de brasilidade mais empolgante
desses últimos anos de
República

13.92 Uma emboscada para os bandeirantes

Os ex-bandeirantes chegaram juntos
 no chafariz do parque florestal
 onde tínhamos combinado
 Maico parou na entrada
 os braços cruzados
 os bigodes de groselha
 enquanto Satriano apalpava
 as calças como se tivesse
 um saquinho de bolinhas
 de gude
 por baixo

 Patrício era o único
 onvencido cem por cento
 le que aquela criatura
 solta pela cidade
 .meaçava
 .honra dos bandeirantes
 Os outros dois paus
 mandados
 só aceitaram
 participar da emboscada
 depois que eu
 JUREI
 na frente deles
 que Camarada Espingarda
 não fazia mais parte
 do grupo
 E registrei
 oficialmente
 no caderno de couro

Carregamos nossas maletas
com pedras
na beira do riacho
e seguimos pela trilha
que eu inventava
de acordo
com as folhas

No alto
a revoada de rolinhas
tico-ticos e os quero-queros
escurecia o céu limpo
e castigava os ouvidos
com a a gritaria
lolda

Patrício era filho
do maior dono de frota
de caminhões da cidade
e carregava a faixa
do Dom Pedro nos desfiles
mas ficava assustadiço
com qualquer grilo
saltando
detrás das folhas

Levei os três
até a moita alta
com vista pra cabana da onça
pintada
e pedi que carregassem as malhas
dos bodoque
com os pedregulhos

E apontassem
as armas
pelas minhas costas
dando cobertura
enquanto eu avançava
no território
inimigo

Chequei a janela
com sinal de positivo
e escorei nas taquaras
ao lado da abertura
da porta

Da moita
os olhos dos meninos
stalavam entre as plantas
altas
Quando mudei o plano
de atirar no inimigo
protegido pelos camaradas
na soleira da porta
uma nuvem de maritacas
desprendeu dos galhos
da árvore ao lado
e os gritos roucos
ecoaram pela mata
inteira

Os bandeirantes agitavam os braços
de trás do esconderijo

 Patrício já tinha juntado
as mãos implorando
para terminar
 a missão

Pedi silêncio
 com o dedo nos lábios
o peito estufado
esticando o elástico do bodoque
e dei o primeiro passo

Camarada Espingarda
 eria se impressionado
 com a coragem que eu inventei
 a frente
 los meninos bandeirantes
 lo me verem
 engolido
 pelas sombras da cabana
 ateram em retirada

Fiquei lá dentro
 até os passos
 disparados pelo mato
desaparecerem

Nem imaginaram
eles
que uma onça jamais
 daria as costas
pra um bandeirante
atirar

Nota 13

Comecei a contactar algumas pessoas de Caibi por telefone, antes da etapa final, em que ouviria os caboclos sobre os primeiros tempos da cidade. Além da mãe de Eloísa, um vereador da cidade – ele próprio um caboclo – e o dono da rádio local me ajudariam a chegar aos entrevistados. Telefonei também para Domingas, a autora do livro de memórias da cidade, que fez algumas sugestões. Àquelas alturas, toda a cidade já estava sabendo que eu andava por lá. Antes de chegar em Caibi, Andreza me avisou que Tio Salvador iria ter que viajar para Florianópolis fazer uma cirurgia de emergência. A notícia me fez reviver as inúmeras cirurgias que minha mãe fez por conta do mesmo câncer maligno. Alguns dias antes da morte dela tive um sonho que logo tomei nota ao acordar. A imagem que restara, bastante fantasiosa, era a de um menino preso dentro de um poço vazio, enquanto uma onça estava do lado de fora, na superfície. Como é comum nos sonhos, o cenário era o quintal da minha casa de infância. No dia do velório dela, uma fila enorme se formou na porta da igreja. Pouco antes de carregar o alaúde em procissão até o cemitério, recebi a mensagem de uma amiga que me presenteava com uma ilustração feita a partir daquele sonho. Diferente de como eu havia descrito, na versão de minha amiga Priscilla o menino e a onça apareciam lado a lado. E parte do corpo de criança estava sobreposto ao de bicho. Como em um estado de incorporação, como o transe místico que experimentei com a entidade espiritual. Mas também como um caboclo encantado, que se transforma em seres da natureza viabilizando-se a partir de uma radical experiência de alteridade. Os encantados como homem boto e a cobra grande vivem neles mesmos, diz o filósofo das macumbas. Vivem no elemento da natureza em que se encantaram e vivem no outro corpo em que, pelo transe, se manifestam.

A primeira vez que vi uma onça foi durante uma visita ao circo que havia armado a lona em um campo de futebol da cidade. Meu avô me pegou no colo para que eu ficasse da altura dela. A proximidade com aquele bicho tão fascinante e tão assustador me fez vomitar imediatamente. Esta lembrança já havia me ocorrido ao ler os trechos do diário de Gama D'Eça em que o escritor se sente amedrontado e intrigado pela onça que ronda o acampamento dos bandeirantes. Suas especulações mostram as diferentes visões que os homens brancos e os caboclos têm do animal. Enquanto o escritor e seus companheiros a veem como caça, os caboclos a tem como caçadora e dona das terras do sertão. Assim, esse

mecanismo em que minhas memórias eram constantemente ativadas pelas semelhanças com o tempo presente, apresentou-se como um modo de escrita em constante cruzamento com os personagens da história de fundação da cidade. Esta percepção também veio seguida de uma lembrança. Uma das brincadeiras que costumava fazer com meu pai, quando menino, era um jogo com palavras em que me apropriava de expressões que já existiam. Certa vez, transformei o dito “novo em folha” em uma espécie de título, ou autodenominação: “Luiz em folha”. O que, na minha cabeça, não se tratava de outra coisa senão folha de árvore. Como se a minha propriedade fosse ser novo como uma daquelas folhas verdes da cidade. E que surgem, no tempo do agora, como as folha de papel em que eu já começara a escrever esta história. Prefigurando o presente no tempo passado, da folha nova de menino para a coleção de folhas que vinha guardando – em meio às folhas brancas do caderno – ao longo da viagem.

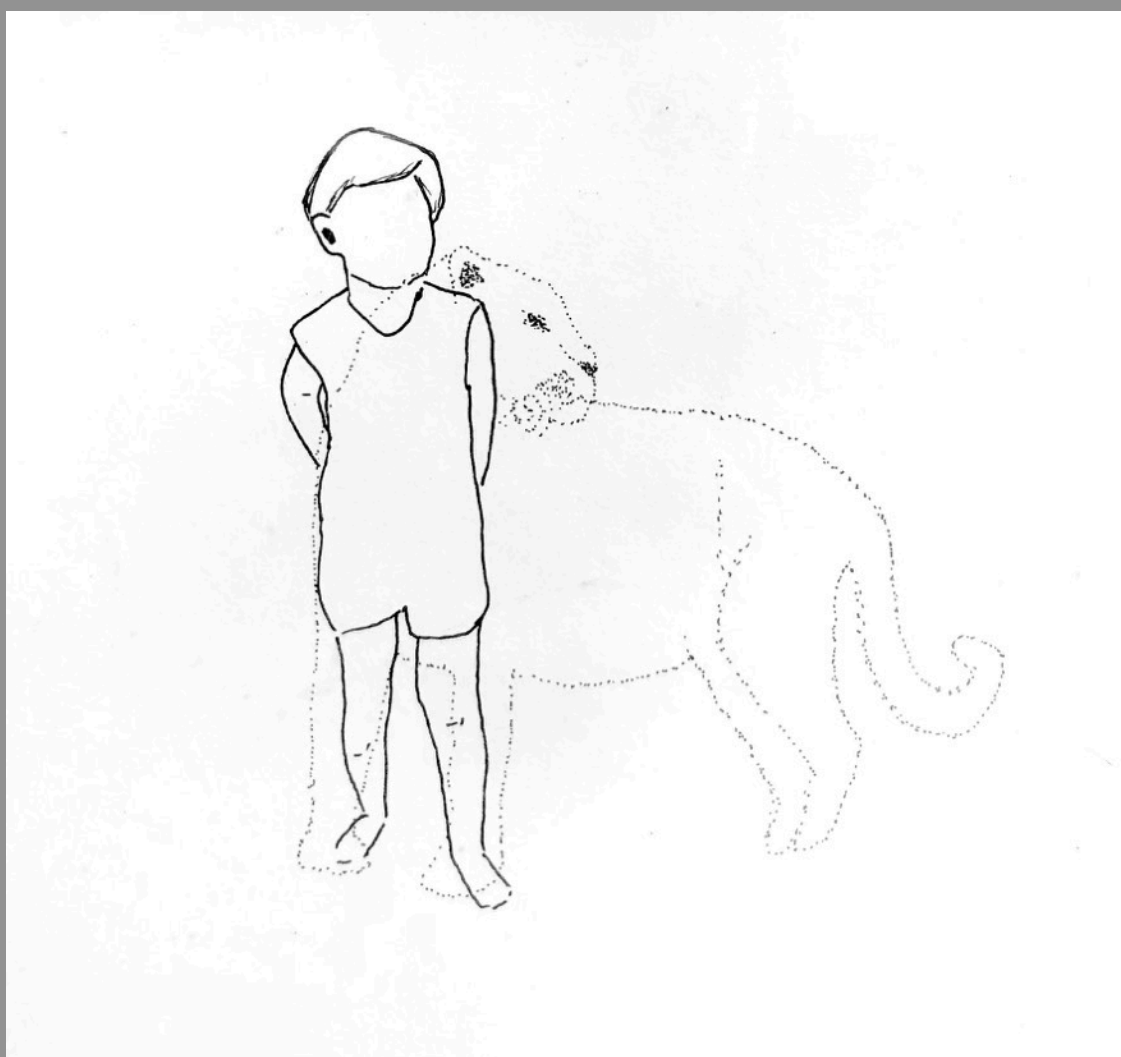


Figura 13 - Fotografia da ilustração do menino-onça de Priscilla Menezes



14.29 O mapa da colônia

Senhor Leintz abriu as portas da sua casa
na encosta verde do morro
e levou o grupo de bandeirantes
até o escritório
O escritor andava mais atrás
sentindo o cheiro de verniz e fumo de charuto
espiando as pinturas a óleo
aquarelas e águas-fortes emolduradas
uma vitrola
revistas ilustradas e livros
Não poderia estar mais em paz
com os ouvidos poupados
das teses históricas de Boiteux
do seu gravador de penas verdes
com cara de papagaio
Do gabinete do alemão
a janela abria uma vista para a colônia inteira
logo adiante se via o rio Uruguai
onde as balsas dos caboclos surfavam
nas corredeiras
Com as pranchetas na mão
trenas e lápis atrás da orelha
o agrimensor e o engenheiro
tinham o nariz colado no mapa
pendurado na parede verde-oliva

O diretor tirava uma pilha
de pastas do armário
e colocava sobre a mesa
No alto do móvel lustroso
o escritor viu os vasos redondos
de cerâmica enfileirados

E isso?

Os gomos da testa do alemão
espremeram contra a boina

Ah isso

Os kolonos encontram muito

por aki

Esses aí quebraram

com o arado

brindo a terra

O escritor abandonou o batente da janela

acompanhou o diretor até o mapa

enquanto os dois matemáticos

omavam suas notas

Com uma régua

Senhor Leintz mostrou os lotes de terra

inúmeros retângulos vazios

que ainda precisam ser vendidos

para famílias de colonos

do outro lado do rio

Quem sabe agora

com toda essa propaganda

do koverno

a nossa kolônia

deslancha

O escritor que olhava
por cima das cabeças
dos bandeirantes
encarregados do serviço
brincou

Tomara que as onças
 não venham beber água
 da piscina dos banhistas

O diretor respondeu sério
 com uma ponta de zombaria
 nos lábios

Onça
 até que não inkomoda tanto
 O que vai dar mais trabalho
 são esses índios
 das terra vizinhas

O antigo agrimensor
 que Deus o tenha
 descobriu sozinho

Antes que o escritor perguntasse
 Senhor Leintz levou os dedos
 para fora do mapa da colônia
 e desenhou um círculo qualquer
 no meio da parede verde-oliva

Mas agora
 eles ficam aqui
 fora das terras
 da kompanhia

14.92 O último sonho de Vitorino

Os foguetes e os tiros do Armeiro
 arderam até à noite
 depois que o prefeito convocou
 os moradores
 para o desfile

Vó Alma esperou o avô voltar
 da ronda no terreiro
 conferindo os arames instalados
 e serviu pra ele
 uma caneca cheia

 do chá de erva alta
 que Morena tinha deixado
 na chaleira
 Depois das madrugadas
 m claro
 Avô lutou contra o calmante
 até os olhos desabarem
 o ronco de trator correr
 pela casa

 O corpo grande e pesado
 afundou como uma pedra
 no fundo do rio
 até que os pés
 de fora do colchão
 pisassem no mesmo chão
 de tábuas
 da casa cercada de mato
 nos tempos
 da colônia

Avô Ino levantou da cama
de botinas calçadas
e o botão da camisa
apertando o pescoço

Acendeu o lampião
e deitou a carabina no ombro
pronto pra acompanhar o riacho
que passava em frente ao lote
de terra
distante da sede

A lua tinha subido bem alto no céu
redonda

Lo fechar a cancela
no escuro gelado da noite
olhou de volta para a casa
coberta
le sombras
sentado num toco
na varanda
o pai de Alma
vigia seus passos
Com o peito carimbado
pelas patas do cavalo
balançava a cabeça
desapontado

O caminho até o olho
d'água da enseada não era tão longo
quanto este
em que andava
sem chegar

As botinas antigas
apertavam os pés inchados
pelos anos

As pernas
enguiaçavam a cada
metro
lavado de suor

O pássaro guardião
não avisou aos bichos noturnos
que o outro
Bicho grande
de pele clara
e rosto sarapintado
estava entrando na floresta
com a cabeça quente
dos garrações de cerveja
do Senhor Braun

Da margem da enseada
descobriu uma chama
remulando
le dentro da cabana
com porta e janela abertas

Encontrou a mesma moita
de plantas altas
e ficou observando
as sombras
que dançavam nas paredes
de taquaras

Uma voz cantarolava
 um canto familiar
 sem palavras
 conhecidas
 misturado com os estalos da fogueira

Vitorino levantou
 do esconderijo num salto
 com o comichão
 no braço

Do meio moita
 uma serpente
 se afastava escorregadia
 do mato escuro

Vitorino tonteou a vista
 as pernas bambearam
 O sangue
 fervendo com álcool
 e veneno
 a coragem

Seus olhos
 cravaram na porta da cabana
 onde a criatura selvagem
 esparramava o corpo
 como se fosse dona
 daquelas terras

De costas era igual um índio
 coberto com pele malhada
 atracada num pedaço de carne
 moqueada na brasa

Dentro da sua cabeça
 o pensamento serpenteava
 com as ordens duras do diretor
 os longos silêncios de Alma
 e as risadas
 que o escritor conquistou
 com palavras cuidadas
 e passos de dançarino

O colono apontou
 o cano da espingarda
 tremendo
 A respiração maior
 que o peito
 a mão perdida na medida
 disparou um tiro certo
 pelas costas
 Carregar um corpo
 daquele tamanho
 por todo o caminho de volta
 custou as costas encurtadas
 o céu abrindo

Vitorino cavou um buraco
 largo
 nos fundos do terreiro
 e cobriu de terra e sangue
 o seu segredo

Na manhã seguinte
debaixo do céu aberto
foi Casimiro quem primeiro
chegou no terreiro
pitando fumo
com um cacho de bananas
do seu rancho de presente

Estranhou o poço seco
com o tampo aberto
Olhou no fundo
da garganta de pedra
toda cavoucada
e avistou Avô Ino
lentro do fosso
coberto de terra
sem batimento



Nota 14

Comecei a fazer as entrevistas com os caboclos. Depois da primeira visita, em que fui apresentado pela mãe de Êlo à Dona Pedra, os moradores do bairro da Gruta apareceram em um fluxo vivo. De Dona Pedra para Margaria, de Margarida para Dona Nélcia, de Dona Nélcia para Seu Zózimo, de Seu Zózimo para Seu Ercílio, de Seu Ercílio para a Mulher-do-finado-Bem-te-vi, da Mulher-do-finado-Bem-te-vi para Dona Generosa, de Dona Generosa para Seu Nêne Bergamota, de Seu Nêne Bergamota para Seu Orides, de Seu Orides para Seu Amantino, de Seu Amantino para Seu Alivério, de Seu Alivério para Seu Adão, de Seu Adão para o Irmão-de-Seu-Adão, do Irmão-de-Seu-Adão para Seu Ari, de Seu Ari para Dona Maria, de Dona Maria para Seu Noé, de Seu Noé para Seu Dinarte. Transitei de uma casa a outra tomando chimarrão e ouvindo os causos dos primeiros tempos da cidade. Nas nossas conversas, todas registradas em áudio e depois transcritas, começava sempre perguntando pela cabana do senhor indígena. E se testemunharam a presença de onças e indígenas naquelas terras. Dentro das suas cozinhas, ao lado do fogão de lenha, meu sotaque nasalado se pronunciava. Grande parte deles vinha do município de Palmeira das Missões – ou Parmêra, como diziam – às margens do rio Uruguai, antes de aranjarem seus ranchos agregados às terras de colonos como meus avós. Viviam exatamente nas terras devolutas avistadas pela caravana de 1929, durante a sua passagem pelo sertão, registradas como “manchas humanas” nos documentos históricos. Agora, as falas de caboclos que eu acabava de transformar em documento, além dos testemunhos que comprovam a sua presença no início dos tempos da cidade, também estavam registrados os causos das sereias que afogavam os balseiros no rio Uruguai, das bruxas que sobrevoavam os parreirais em busca dos vinhos dos colonos, além de um perfeito mito de fundação, em que Caibi é o nome de um velho colono que havia caído de um penhasco e foi ajudado pelos caboclos.

De volta aos arquivos do caso Kaigang, pude organizar os pedaços da trajetória que levou o grupo indígena a cravar sua própria bandeira no meio da cidade de Iraí. Depois de 10 anos de disputa, a decisão do Ministério da Justiça concedeu o direito de demarcação e ocupação das terras originárias. A ocupação do aeroporto da cidade foi feita depois de inúmeras tentativas frustradas de negociação entre o prefeito e a FUNAI. Diante da resistência da prefeitura e dos órgãos competentes em cumprir a resolução federal, os

Kaingang tomaram a dianteira no processo de oficializar os limites do território recuperado. Ao fincarem os marcos para delimitar as terras, utilizando um gesto comum aos conquistadores mais antigos da história universal, é como se os Kaingang tivessem realizado o golpe astucioso dos caboclos encantados. A um só tempo relativizam as hierarquias impostas pelo legado colonial e desmontavam a ideia de origem impingida contra o seu povo. Já que fincar novos marcos corresponde a renunciar àqueles delimitados pela caravana de 1929. Os quais definem, no limite, o início da historiografia regional.



Figura 14 - Fotografia de manchete de jornal Índios começam a demarcar terras



Figura 15 - Fotografia de manchete de jornal Índios fincam o primeiro marco

Área Indígena de Iraí, 12 de agosto de 1992

Caros Senhores!

A Comunidade Indígena Kaingang, localizada às margens do rio Mel, através desta, vem esclarecer a Vossas Senhorias que a Área Indígena de Iraí ficou caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena, nos termos do artigo 231 da Constituição Federal e do artigo 17 da Lei 6001/73 e conforme a determinação da Portaria nr. 00247 de 21 de maio de 1992, assinada pelo Ministro da Justiça Célio Borja e publicada no Diário Oficial da União em 29 de maio de 1992.

2. Outrossim informa-lhe que a medida cautelar da Prefeitura Municipal de Iraí não tem validade, pois é posterior à assinatura da referida portaria. Se o Juiz Federal for manter o "Status quo" deverá ser em favor dos índios pois não existe outro ato que revogue a medida tomada pelo sr. Ministro da Justiça.

3. Considera o item III da resolução da Portaria nr. 00247 do Ministério da Justiça, a comunidade local apoiada por diversas áreas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, resolve fazer a autodemarcação a partir deste dia, e reitera aos Senhores que a Comunidade Indígena pacificamente realizará este ato e ainda coloca-se a sua disposição para apoiar, quando Vossas Senhorias procurarem o Órgão competente para fazer a desocupação da referida área.

Atenciosamente

Comunidade Indígena de Iraí

Figura 16 - Fotografia do comunicado dos Kaingang ao município



15.29 Folhas verdes

A rajada de tiros chegou aos ouvidos de toda a colônia
avisando que o barco do governador vizinho
finalmente havia atracado na barranca do rio Uruguai

As famílias de colonos se posicionaram

novamente na praça

com as roupas passadas de domingo

Diante delas

a caravana dos bandeirantes

tinha os semblantes restaurados

e reluzia como estatuetas polidas

De costas para o pedestal vazio

sobre um pequeno tablado

Os dois governadores aguardavam o microfone

ser oferecido pelo diretor sérios e firmes

como futuras esculturas

O funcionário da companhia

correu o badalo do sino da igreja outra vez

((((()))

O foguetório queimou no céu limpo

e os colonos entoaram o hino nacional

em posição de sentido

conduzidos pela pequena orquestra local

Durante o coro vigoroso e disciplinado

desta vez

o fotógrafo da comitiva explodiu o flash

capturando as famílias colonas de boca aberta

e as bandeiras que balançavam ao vento gelado

congeladas eternamente

Ao final do último verso
 com pátria amada e um Brasil esticando
 os agudos prestes a rebentar
 os heróis do sertão foram inundados
 com uma saraivada de palmas

Vitorino olhava de longe para o escritor
 com o queixo projetado para o horizonte
 e a mulher abraçada no seu traje limpo

Depois do capelão agradecer pelo telhado da igreja
 com uma missa

 os chapéus as carabinas e os cavalos benzidos

O diretor estendeu o microfone

para o governador do estado vizinho

Apesar da metade da estatura do governador-bandeirante

 e da voz de taquara rachada

aquele homem atarracado e cabeçudo

chamado Getúlio Vargas

 crescia aos olhos de todos

inflava o peito dos colonos desiludidos

com as palavras bem ditas que saíam de sua boca

Antes que o governador Konder
 pudesse tirar o seu discurso do bolso
 o conselheiro Boiteux
 apontou com discrição
 para o grupo de índios coroados
 se aproximando da praça

Senhor Leintz avisou o funcionário ao lado
 que alertou os demais como rastilho de pólvora
 Vitorino reconhecia pelo ar a eatinga
 de bicho
 e espreitava de longe o olhar frenético do escritor
 em direção aos nativos sujos de terra
 roupas esfarrapadas e
 cortes de cabelo franciscano

Ao avanço dos funcionários da companhia
 armados com espingardas e pistolas
 as famílias de colonos pegando os filhos no colo
 Vargas deixou o segurança de lado
 e foi até o grupo rendido

Puxou Senhor Leintz em um canto
 gesticulando palavras furiosas
 até retornar endireitando o terno

Todos olhavam para aquele impávido pinguim
 caminhando com passos de colosso
 até os índios cercados

 As famílias de colonos há metros de distância
 Fincou os óculos redondos no rosto
 e os funcionários viraram as armas para o chão
 diante da mímica apaziguadora
 Vargas se colocou em frente ao chefe
 com o cocar maior de todos
 e estendeu o braço
 em saudação

Aceitou o ramo de folhas
 que todos eles traziam nas mãos
 com muitas reverências
 e fez um gesto para que os funcionários
 se aproximassem de volta

Ao invés das armas
 traziam ferramentas da companhia
 enxadas foices e machados
 que foram
 depositados nos braços dos nativos

Vargas cobriu o gesto com palavras solenes
 ecoando pela caixa de som
 e convidou os novos trabalhadores da pátria
 a acompanharem o resto da celebração

Além de registrar a cena
 em que o conselheiro do governador Konder sem o papagaio no ombro
 pregou o brasão no peito de Vitorino
 e a surpresa do casal de colonos
 o ser presenteado com um cavalo da caravana
 o fotógrafo
 também foi ligeiro
 o capturar o momento em que o notável Vargas
 vestindo o fraque com gravata borboleta característico
 pegou o ramo de folhas na mão
 estendeu ao alto
 para sempre

15.92 A última migalha

Já era a segunda vez
 que Morena enchia a pazinha
 com os pedaços que descolavam
 de Vó Alma
 e despejava no pote
 da despensa

Desde que sentou na cadeira
 ao lado do fogão de ferro
 olhando pra a cabeceira da mesa
 de canela velha

azia
 .vó repetia uma única palavra
 om seu corpinho
 ninúsculo nadando
 io vestido preto

Triste-vida
 la começou falando baixo
 ó com os lábios

Os passarinhos do terreiro
 continuavam

bem-te-vi

Triste-vida a vó respondia

bem-te-vi

triste-vida

bem-te-vi

triste-vida

O telefone tocava sem parar
 e Morena trazia os recados
 dos parentes
 dos filhos distantes
 a até do prefeito
 que apesar de lembrar de Vó Alma
 quis falar mesmo
 com Pai Vitório
 antes do velório
 no seu gabinete

bem-te-vi

triste-vida

bem-te-vi

triste-vida

triste-vida

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

|| Foi confirmada a chegada dos 2 ônibus na cidade durante a madrugada com cerca de 150 índios. Todos eles vivem em reservas de cidades vizinhas e irão acompanhar o movimento de demarcação das terras. A prefeitura espera mais reforços deste tipo até a parte da tarde quando a ofensiva do grupo será realizada. O momento é considerado o mais tenso da disputa da área. |||

Morena ouvia o plantão de canto
 de orelha
 retirando o café da mesa
 Quando percebeu que tinha
 colocado o prato e a caneca de plástico
 gasto na cabeceira
 seus olhos rasgados
 correram rios
 revoltosos

Não havia represa que segurasse
aquela corredeira

inundando o rosto redondo

de Morena

Os soluços quebravam na beira
do quarto de Mãe Clara
que costurava o botão
do meu uniforme

O duelo entre as águas barrentas

e a terra seca ecoava

pela casa

(((((())))))

triste-vida

(((((())))))

triste-vida

(((((())))))

triste-vida

Los pés da cadeira de Vó Alma

o monte de migalhas

ão tinha fim

Morena secou os olhos

na barra da blusa

destapando o barrigão

e pegou a vassoura

fungando

Vó Alma se pendurou no assento

de palha

e desceu pelas pernas de madeira

seguindo os passos da empregada

até a despensa

Pequena
do tamanho de uma única
migalha
Vó Alma espiou
as nádegas volumosas
as dobras novas
que colavam na blusa
e os braços roliços
metidos dentro
do pote

Que vergonha
Marilene Vitória das Neves
se aproveitando
da gente
uma hora
dessas

Morena nunca tinha ouvido
o próprio nome
aindo pela boca
la patroa
completo

Antes de sair pela porta
pra nunca mais voltar
ela deixou os potes cheios
com todos os pedaços de Vó Alma
na cabeceira
da mesa de canela
velha
sem as tampas

Nota 15

Ao final do último dia de entrevistas, faria uma varredura pelo Bairro da Gruta com a ajuda de Êlo. Seria nossa tentativa final de encontrar a cabana do senhor indígena. Percorremos todas as ruas e fomos parar em frente ao jardim da casa amarela, caminho que costumávamos fazer juntos. Sondamos a moradora da casa vizinha sobre um indígena, rituais suspeitos e um incêndio. Embora não tivesse visto nada daquilo, ela conhecia Seu Salvador. Seguindo as instruções, paramos na porta de uma casa que passei em frente diversas vezes durante as visitas aos caboclos. Um casal estava na varanda. Perguntei por Salvador e ele confirmou com a cabeça. Tio Salvador tinha um aspecto abatido por conta da doença, parecido ao de minha mãe. Na medida em que lhe falava sobre o senhor indígena, a cabana, o caderno, sua expressão ficava mais espantada. De tudo aquilo, a única coisa que podia dizer que era verdade, era a existência de Andreza. De fato a conhecia, mas não tinham quase nenhum contato. Andreza era casada com o seu sobrinho e pouco sabia da vida dela. Muito menos que era chamado, com tanta intimidade, de Tio Salvador.

Por mais que o final da história do senhor indígena, escolhido por Andreza, lembrasse a morte do narrador – de uma sala asséptica de UTI diretamente para a cova, era inegável que a minha narradora possuía a mesma autoridade daqueles que têm algo a dizer no meio de morte. E ao que parecia, solicitava a mim que desse continuidade à narrativa através do caderno imaginário do senhor indígena com que me seduzia dia após dia. Além de me sugerir, indiretamente – ou por vias ocultas – que eu levasse as transcrições das entrevistas que fiz com os caboclos para o museu da cidade. Através do paralelo que se cumpria, agora, com a entrega do caderno do senhor indígena ao arquivo regional de Chapecó, que eu esperava tanto fazer.

No último final de semana antes de voltar para o Rio de Janeiro, passei por Chapecó para a festa na casa Ilé Asè Aféfé t'Oyá. O terreiro ficava em um bairro afastado do centro, onde só se chegava de carro. Quando cheguei, a gira já havia começado e a casa estava cheia. Luiz Carlos estava todo vestido de branco e tinha os cabelos enrolados em um enorme turbante. Além de desempenhar a função de ekedi, tomando conta dos médiuns do terreiro, era namorado do dirigente da casa. Diego, um rapaz surpreendentemente jovem, se apresentou a todos com o nome da entidade que regia a casa, o Caboclo Pena Dourada. Ao final da noite, conversamos sobre a intrigante história da casa de encantaria. Filho de pais umbandistas, Diego se tornou médium muito cedo. No seu trabalho com as entidades espirituais, recebeu a instrução de uma delas para fundar uma casa de encantaria. Surpreso com a demanda do seu santo, como dizia, pediu aconselhamento ao dirigente da casa a que pertencia. Depois de algumas consultas, descobriu que a entidade espiritual que o acompanhava era um caboclo encantado – e não uma entidade espiritual da umbanda. Foi ele que recebeu todas as diretrizes para fundar uma casa de encantaria em plena Chapecó. Sem nunca ter ido a uma canjira de encantados do Maranhão, Diego conduzia o culto da encantaria no Oeste de Santa Catarina dentro de toda a ritualística da religião. A prática do terreiro, que também já estava presente neste trabalho como busca de expansão da leitura da história de fundação da cidade para dimensões imateriais através de outras lógicas de pensamento, aparecia materializada na fundação da casa Ilé Asè Aféfé t'Oyá. Esta reinvenção de outro tempo/espço, transcendente às dimensões físicas, que o terreiro também é capaz, apresentava-se como a própria operação de reinvenção da geografia da cidade – aproximando Caibi e Iraí. Além disso, a aliança entre Diego e o caboclo encantado também sugeria que elos e cruzamentos com outras ontologias possibilitam reinventar as histórias que vem junto com o nosso nome. Ao invés de renunciar à história dos antepassados, então era possível reinventá-la a partir de outras ancestralidades.





O desfile

A fila de moradores fazia zigue-zague
da porta de entrada
da casa mortuária
até a esquina

A migalha pequena de Vó Alma
ganhou uma cadeira
com almofadas
na cabeceira do
alaúde

Pai Vitório e os tios
que vieram da capital
ficavam de pé
engravatados
apertando as mãos
que apalpavam o rosto
de canela
do avô
e salpicavam água no corpo
duro
molhando o ramo de folhas
no copinho
Mas nem com toda água
das lágrimas Avô Ino amoleceu

O prefeito de óculos escuros
 chamou Pai Vitório ao lado
 do púlpito
 as coroas de flores com faixas ao fundo
 e fez um discurso
 com aquelas subidas
 e paradas na voz
 que Pai Vitório treinava
 na frente do espelho

Nunca antes o nome de Avô Ino
 tinha sido tão bem
 dito

pra tanta gente
 A única maneira
 le pagar o trabalho do avô
 ia mesma moeda
 O prefeito disse
 com a mão no ombro
 le Pai Vitório
 ra batizando a rua
 le casa
 de Vitorino

O carro alegórico saiu
 do lado do cemitério
 com os moradores vestindo trajes
 pretos
 até a rua do Progresso

Na carroceria
os bandeirantes continuavam
com as mesmas
botas
chapéus
e carabinas
 deitadas no ombro

A rainha de folhas verdes
 com vestido brilhante
 e penteado armado
 segurava a bandeira com as
luvas compridas

Nós
 as crianças
ambém tivemos que repetir
os uniformes
 Camarada Espingarda
stava na fila do Dom Pedro
 O Segundo
om os mesmos olhos vermelhos
 olhando pros cadarços da sapatilha
verde
e a saia que
 detestava

O prefeito passou a pistola
 pra Pai Vitório apertar
o gatilho

A banda municipal
tremeu os pratos
os trompetes gritaram e os tambores
vibraram

(((((()))))))

por baixo da terra
fazendo os joelhos
dobrarem automáticos

O carro alegórico avançou
balançando faixas e palmeiras
como se um ímã poderoso
puxasse os pneus

O foguetório espantava os pássaros
nas as pisadas fortes
estalando no asfalto
ao mesmo tempo
faziam a pequena Folhas Verdes
parecer uma
nação

No canteiro central da praça
nenhum índio à vista pelo gramado
as barracas de lona preta
fechadas

O carro dobrou
na esquina e entrou pela calçada
coberta de flores até o coreto
Com vista
distante pra estátua de Getúlio Vargas
as caixas de som do caminhão
soltaram o hino nacional

Do prefeito
aos colonos antigos
e os seus filhos
fantasiados de bandeirantes
até os caboclos metidos
no meio da multidão

Todos cantarolavam
le peito estufado
quando os índios saíram
de dentro das barracas
em número multiplicado
m direção
os moradores

Como uma onda
gigantesca
das águas barrentas do rio Uruguai
os índios avançaram pela multidão
gritos estalos e pisadas
tomando o carro
alegórico

Em um instante
o caminhão ficou depenado
faixas e palmeiras abaixo

Os bandeirantes estirados
no tablado de madeira
sem as suas carabinas
Alguns sem
chapéu

O grupo de índios
maior que a multidão
da pequena cidade
seguiu com as carabinas deitadas
no ombro

Alguns de chapéu

pisando forte
(((((())))))

pisando fraco

pisando forte
(((((())))))

pisando fraco

A bandeira da rainha
empunhada por uma das mãos
morenas no início da fila
tremulava
pelas ruas do centro
até o bairro de
baixo
as viaturas de polícia sempre ao lado
alguns moradores seguindo de longe

Quando a grande cobra
 indiana chegou no parque florestal
 um deles sacou o mapa das terras
 como se fosse um agrimensor

Seguido por um grupo menor
 com enxadas e taquaras na mão
 dava passos largos
 parando a cada metro
 o dedo indicando o ponto exato
 onde eram
 fincados os marcos
 da nova fronteira

O líder de todos
 estindo a mesma pele de onça
 os ombros
 quase arrastando no chão
 ão fosse o rabo
 cortado
 pela metade
 ecebeu o cabo da bandeira
 : cravou no chão
 da antiga terra
 onde as folhas eram diferentes
 das árvores plantadas
 nos canteiros
 da praça

A nuvem verde de maritacas
passou riscando o céu
com a gritaria doida
que logo desapareceu
dos ouvidos de todos
mas que ficaria bem guardada
no meio das folhas
do meu caderno de couro

Nota Final

Com a chegada da pandemia, meus planos de voltar para Iraí e entrevistar o grupo indígena Kaingang foram descartados. Depois de meses de isolamento, fui passar duas semanas em uma cabana na região serrana do Rio, na estrada de Macaé de Cima. A proprietária, Sandra, era uma cabocla vinda do Maranhão e que recentemente havia conseguido comprar um lote de terras no Sítio Terra Clara. Aqui, levantara uma cabana de pau-a-pique com uma cozinha de chão batido, onde vinha tomar chimarrão e contar causos – enquanto meu sotaque nasalado voltava. Este hábito, que recuperei depois da viagem, ela também mantinha pelos anos que passara no Rio Grande do Sul. Sandra era fardada no Santo Daime, como é chamada esta expressão religiosa, surgida na região amazônica, que faz uso do ayahuasca. A igreja que ela costumava frequentar, ao lado do sítio, faz um cruzamento entre a doutrina do Norte e a umbanda carioca, em um culto chamado umbandaime. Esta reinvenção característica da prática de terreiro, em que os diferentes mundos se uniram em uma nova prática – combinando ritualísticas, hierarquias e egrégoras – foi instruída pela entidade espiritual do Caboclo Tupinambá. Para quem Sandra vivia plantando no meio do seu reinado, como costuma se referir à plantação de rainhas que espalhou pelas suas terras. Estas plantas, cujas folhas são usadas na feitura do chá da ayahuasca, são consideradas a porção feminina da bebida enteógena. Sempre combinada com o cipó-mariri, parte masculina da alquimia. Ao final da segunda semana, antes de voltar para o Rio de Janeiro, Sandra ofereceu a sua própria casa para alugar. Estas últimas linhas que escrevo repetem não apenas o deslocamento idêntico ao dos sonhos, que permeou a experiência da viagem e retorna em uma tentativa de narrá-la. Em setembro do ano passado, me mudei para o sítio. A antiga casa de Sandra é tomada por trepadeiras e cercada de uma floresta tão densa quanto o sertão verde que rodeava as colônias do Oeste catarinense. A região pertence ao distrito de Nova Friburgo e, na primeira visita à cidade, fundada por imigrantes suíços, vislumbrei a expansão dos limites da leitura que vinha fazendo sobre a história de fundação. Em constante transe, a escrita do Baile da onça acabava de cruzar os pontos entre a cidade ficcional do romance, as ruas de nomes suíços que circundam a praça central e a estátua de Getúlio Vargas. Estas últimas linhas que escrevo também são as primeiras deste caderno de notas. No mesmo dia 1º de abril, há dois anos, eu começava uma missão de estudos em busca dos caboclos da minha terra natal, ao mesmo tempo em que era, por eles, levado. E do mesmo modo que meu corpo dançou e foi

dançado na roda do bailado, prefigurando a prática desta escrita e a forma aberta desta narrativa que abre buracos e se espalha pelo território de fundação da cidade – assim, também, concludo. Fechando e abrindo este trabalho, exatamente como são os dizeres que costumam encerrar os rituais da Arca da Montanha Azul – este trabalho está fechado e aberto para sempre.



5

Referências bibliográficas

AIRA, César. Um acontecimento na vida do pintor-viajante. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. A princesa: a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha. Trad. Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ANDRADE, Drummond. Menino antigo - Boitempo II. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ARANHA, Graça. Canaã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

ANDRADE, Mário de Andrade. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. 33ª Ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004.

_____. O turista aprendiz. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ALENCAR, José De. *Iracema*: lenda do Ceará. São Paulo: Klick Editora, s/d.

_____. O Guarani. São Paulo: Klick Editora, s/d.

_____. Ubirajara. 1ª Ed. São Paulo: Grua, 2015.

BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino fula. Trad. Xina Smith e Vasconcellos. 3ª Ed. São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 192p.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 108-113.

_____. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando a minha biblioteca. In: Obras escolhidas II. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 2000. p.227-235.

_____. Mendigos e prostitutas. In: Obras escolhidas II. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 2000. p.125-127.

_____. Prefácio - Walter Benjamin ou a história aberta. Jeanne Marie Gagnebin. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-20.

_____. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

_____. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BOPP, Raul. Poesia Completa. Org. Augusto Massi. 2 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CEOM. *A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras*. Contém fac-similar de O Oeste catarinense / Arthur Ferreira da Costa e o Oeste catarinense / José Arthur Boiteux. Chapecó: Argos, 2005. 207p.

_____. *A voz de Chapecó: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1939 a 1952*. Chapecó: Argos, 2004. 259p.

CALLADO, Antônio. Quarup. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

CARBONERA, Mirian. SCHMITZ, Pedro Ignacio (Orgs.). *Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, 2011. 364p.

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2017.160p.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado. Trad. Theo Santiago. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

COCCIA, Emanuele. Metamorfoses. Trad. Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

COELHO, Alexandra Lucas. Deus-dará: sete dias na vida de São Sebastião do Rio de Janeiro, ou o apocalipse segundo Lucas, Judite, Zaca, Tristão, Inês, Gabriel & Noé. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

COETZEE, J.M. À espera dos bárbaros. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Elizabeth Costello: oito palestras. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Devir intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In: _____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dará, 1994.

_____. Mal de Arquivo: *Uma impressão Freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história de arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vero Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DO RIO, João. A alma encantadora das ruas. Org. Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

EIDT, Paulino. *Os sinos se dobram por Alfredo*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2016. 376p.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 14 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

- FERRAZ, Marina Cristina Franco. Graça, corpo e consciência. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 674-684. Set./Dez. 2011.
- FIGUEIREDO, Isabela. Caderno de memórias coloniais. São Paulo: Todavia, 2018.
- FISCHER, Martin. *Irai: Cidade Saúde – Trechos característicos de sua história*. Ijuí: Livraria e tipografia Progresso, 1954.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. Estratégias de poder-saber. Ditos e escritos. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Trad. Edilene Toledo, Luigi Biondi. Campinas: UNICAMP, 2006.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e nação no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LAS CASAS, Frei Bartolomé de. Paraíso destruído. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1984.
- MARQUETTI, Délcio. *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX*. Chapecó: Argos, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epidêmica: a opção descolonizar e o significado de identidade em política. Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º Sem. 2007. Trad. Ângela Lopes Neto.
- MISHIMA, Yukio. Confissões de uma máscara. São Paulo: Círculo do livro, s/d.
- MONTAIGNE, Michel de. Os ensaios: uma seleção. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- NACKE, Aneliese...[et al.] *Os Kaingang no oeste catarinense: tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007. 158p.

NANCY, Jean-Luc. *Corpo, fora*. Trad. Marcia Sá Cavalcane Schuback. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

NARBY, Jeremy. *A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber*. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OZ, Amós. *Pantera no porão*. Trad. Milton Lando e Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste catarinense*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006. 250p.

RIBEIRO, Darcy. Maíra. São Paulo: Círculo do Livro S.A, s/d.

ROSA, João Guimarães. *Meu tio o Iauaretê*. In: *Estas estórias*. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SÁ, Lúcia. *Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu?* In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 221-240p.

_____. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SCOTT, Paulo. *Habitante irreal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SCHOØLLHAMMER, Karl Erik. *O olhar antropológico e o fim ou O fim do exótico*. In: *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 174.

SIMAS, Luiz Antonio. *Caboclo: supravivente e antinomia da civilidade*. In: *A ciência encantada das macumbas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124 p.

SIMON, Mário. *Os sete povos das missões: trágica experiência*. 3 Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Trad. Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 488p.

STIGGER, Veronica. *Opisanie Swiata*. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. 4ª ed. Chapecó: Argos, 2016. 256p.

Vianna, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. Editora UFRJ, 1995.

VICENZI, Renilda. *Mito e história na colonização do Oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2008. 162p.

VILAÇA, Aparecida. Paletó e eu: memórias de meu pai indígena. São Paulo: Todavia, 2018.

WERLANG, Alceu Antonio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó: Argos, 2006. 149p.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PRANDI, Reginaldo. Caboclos e pretos-velhos da Umbanda. In: *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

_____. Entre caboclos e encantados: mudanças recentes em cultos de caboclo na perspectiva de um chefe de terreiro. In: *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?* In: Nacionalidade em questão. Rio de Janeiro: Caderno da Pós Letras. n. 19. UERJ, 1997.

RIZZI, Dominga Ana. *Caibi: histórias e memórias*. Caibi: Prefeitura Municipal de Caibi, 2012.

RODRIGUES, João Barbosa. Mbaé Kaá: o que tem na mata: Tapuiyeta Enoyndaua: a botânica nomenclatura indígena. 2 Ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia da Letras, 1998.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STEPAN NL. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na américa latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Páginas consultadas na internet

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v29n2/v29n2a03.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<https://www.caibi.sc.gov.br>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g&list=RDCoxjVFfvI7g&start_radio=1> Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf?sequence=1>> Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242428>> Acesso: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<https://cimi.org.br>> Acesso: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>> Acesso: 17 mar. 2021.

Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20137096?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso: 17 mar. 2021.

6

Anexos

Transcrições de trechos das entrevistas com os caboclos da cidade.

[Entrevistado: Orides Ramon]

E fiquêmo ali e fui um pioneiro aí e sempre fiquei e tô aí até hoje, né? Que isso aí era tudo mato. Isso era sertão de mato. De noite tinha... botava feixe de lenha [inaudível], porque tinha onça naquele tempo. Ah vimo, só nunca matêmo. Mas eu conheço onça andando. Naquele tempo facilitava, andava, baixou aquela serração... ah! Cuidado que o bicho... Só tinha que cuidar. Naquele tempo lá, cachorro a gente sempre tinha, até 10. O bicho era... pra cuidá, né? O negócio não era fácil. Mas a gente, depois foi limpando, fazendo um devasso pra cá e pra lá, foi ficando grande. Má árvore não se derrubava, só roçava por baixo. Naquele tempo lá ninguém derrubava o mato assim, cuidava... E se criêmo ali, né? Tinha aquele bugio branco, que muitos nem conhecem, né? Aquele avançava, daí tinha que cuidar as irmã quando iam lavá no Pindó lavá a roupa, tinha que ficar lá cuidando. Porque ele vem de pé, assim, o branco... aquele, o bugio branco, conheço até aquele. Agora, aquele amarelo a gente matava pra comer assado. Assava e comia. Ô, mais deuzulivre hôme, aquilo lá era paca, era viado, era tatu, era cotia... Era o que vinha sempre tinha... Tinha aquilo que te estorvava, né? Tu saía sem cachorro ali tu já via um lá já... ia pega uma carne nova lá e pá! Já... era à vontade hôme. Peixe, peixe Dirlei... abria aquelas vereda de sol assim que pegava na água tu ia com a espingarda achava aquelas trairona dormindo, assim, chegava... pãm! Já tinha uma pra... Nós vivia só da... nós não sabia o que era comer carne de porco e de gado. Era só de caça. Se criêmo, se criêmo! Má também não tinha uma doença, não tinha nada! Cara ficava... Nós fiquêmo ali que nem cerno.

[Entrevistado: Adão Cardozo e Hercílio Cardozo]

[Hercílio: Carcula os que entraram primeiro por aí, era Sertão.] Sertania, sertania. Sertão. Era um sertão. Eu não sei, hôme, pra ir ali no Iraí, passar pra lá, se tinha

arguma ponte. Isso eu não me alembro. Mas tinha que ter, né? Uma coisa pra eles passar pra lá. [Hercílio: Eu acho que passavam de caíque, tio.] É, né. E animal passavam à nado. Como é que iam passá? Iam buscar, porque pra lá já tinham mais coisa, né? Porque já ia pegando pra banda lá da fronteira, né? Aberto, ali, pra lá. Aparecia, aparecia. Alguns já existia, a bugradinha. [Hercílio: Eu me lembro quando nós morava ali na querência véia, ali embaixo, na [inaudível] ali, tinha os pé de bergamoteira grande na frente da casa, assim, pro lado de baixo, mais pro lado de baixo era estrada. Eles vinham se acampavam ali pra trabaiaá, sabe? Pra fazer as...] Fazer cesto. [Hercílio: As peneira, chegavam e pediam, sabe? Daí conversavam com o pai e a mãe. Eu tinha 8, 9 ano. – Mas não compadre, o pai dizia pra eles. Pode ficar à vontade aí. – Tão com fome? Têmo coisa aí pra comer. Tinha, ele diziam. Se acampavam ali, ficavam 2, 3 dia ali, fazia o trabalho deles, às vêiz até uma semana. Incomodavam niguém. (inaudível) Ficavam ali. O pai tinha um galpãozinho do lado de baixo. Más ó, ficava uma semana, o tempo não corria que nem agora. Podem fazerem fogo ali aquele galpãozinho. Pode se acomodá ali, pode trabaiaá. (inaudível)]. Ah não, ele iam mesmo, tiravam. É, e era ãnsim aquela época. [Hercílio: Existia... Não era...era arguns, né? Eles passavam ali. Mesma coisa que nem agora eles passam vendendo o material deles ãnsim, até hoje, né? De bicicleta, ônibus, que às vêiz não tem um carrinho. Dificilmente... eles gostam de andar de a pé.]. De a pé e trabaiaando. Acampá assim no mato. [Hercílio: Mas tinha, tinha sim.]

[Entrevistado: Adão Cardozo e Hercílio Cardozo]

[Hercílio: Lembra das balsa, tio?]. Más credo. [Hercílio: Pois é, nós falêmo um pouco com esse rapaiz aí também]. Fazia prazer de viajar pra São Borja hoje, ainda. Ô, mas eu andava à cavalo em cima daquelas madêra lá. Más eu era rapaizote. Primeiro trabaio que eu comecei a trabaiaá, aquelas prancha... era 12 plegada. Fazê os môio de prancha. Caminhonada de prancha, daí prensava, botava tudo num monte e daí fazia os môio de prancha, né? Amarrava bem amarrado e jogava na água, daí ia... [Hercílio: Aquele tipo remorque, né?]. É, remorque, barsa muque. Ah tá loco, hôme! É um rolo de... assim. Tu bota elas,

amarra mais ou menos assim, em cima uma da outra e vai continuando. Ah, não perdia tempo. Mais ou meno 8 ou 9 dia. Se saía aqui de Mondaí tava lá em São Borja. Só parava quando o tempo, ãnsim, tava... perigoso, né? Comida sobrava... em cima, levava o campamento sortido. Saía daí e dinheiro levava prá comprar, né? Tinha o caíque, sempre. Senão ia com uma lancha lá. Os boteco fora lá comprar. Ah, se chovia, tinha a casa em cima da madeira. Duas casa. [Hercílio: E era uma parada pra descanso, né?] É, às vêiz mêsmo até pra dormir, às vêiz a turma tavam cansado. [Hercílio: Atava lá...] E noutro dia demadragadinha soltava a bicha... e alinhava de novo. Lá eles vendiam lá, não sei pra quem. Entregava lá e eles se viravam. Outra firma pegava. Ganhava mil e cem, mas era dinheiro, né? [Ganhava por viagem?]. Por viagem. Bá, hôme, era um monte de dinheiro na época. É... não era fácil. E depois o mais perigo, que nem, ali tem o sarto grande, né? Hôme do céu, aqui não tem nada que iguala aquilo lá. Aquilo de longe você enxergava aquelas ovêia branqueando³⁸. O remórque que caía... bão, a lancha tinha tanto de entra que sortava o remórque. Sortava ali e costeava, né? [Hercílio: Porque não dava pra ela seguir. A balsa descia naquele canal ali. As ovelha que ele tá dizendo, o senhor tá entendendo que é as maré? Que nem daqui, lá você já via. Parece um bando de ovelha].

[Entrevistada: Generosa Borges dos Santos]

Muitas vêiz nós fumo lá na Linha Glória, lá no Miro Turcato, acho que foi. Chegou um ponto que ele não queria fazer mais rancho pra nós. E nós trabaiano na roça. O meu marido diz – Tu faz o rancho e depois quando nós coiê, aí nós acertêmo, daí nós vamo pagá o mercado. E foi, foi que ele não queria mais fazer rancho e nós comendo mandioca pura, cozida. Tinha os pai dele vivo também, má era ele que mandava na terra. Aí nós tinha o soja maduro pra coiê. Daí o meu marido embrabeceu porque ele encomendou o rancho e ele não levou. Aí ele garrou e deixou tudo e saímo. Saímo, viêmo pra cidade pagar aluguel. Agora o

³⁸ O salto a que Adão se refere é o Salto Yucumán, a maior queda de água longitudinal do mundo, por onde passavam as balsas obrigatoriamente. Na sequência, o sobrinho de Adão, Hercílio, explica que a imagem das ovelhas branqueando é uma alusão às espumas das águas em queda.

finado Davi, sim, foi um patrão bão. O Virmar Turcato, que é irmão desse cara também. Tem o alemão Turcato também, né. Só que esse que não queria fazer o rancho pra nós era o mais novo da casa. Aí não queria fazer o rancho pra nós, foi, foi, meu marido enjoô, deixou tudo lá e saímo. Não era fácil! Os pai dele eram rica pessoa, meu deus. E os outro irmão dele. Má ele era um safado. Lá no finado Davi, eles foram uma pessoa muito boa pra nós. Eu, nós trabaiaava com eles, daí eu ajudava a tirar leite antes de ir pro serviço, né? Má eu ganhava queijo, salame, sabão pá lavar roupa... muitas coisa nós ganhava deles, né? Eles faziam... aquelas panelada de comida e levavam lá pra nós, não precisava fazer comida. Fôro pessoas muito boa. Finado Davi foi uma pessoa boa. Nós ganhava pouco naquela época, pagavam pouco por dia. Nós ganhava 2 pila, eu e o meu véio. É. Por dia. Aí quando foi um dia, o finado Davi disse – Ó, eu vou pagar 3 pila pra vocês por dia, mas vocês não vão contar pros outro peão, que daí eles vão querer também. Daí nós fiquêmo quieto, eu e meu marido, ganhando 3 pila por dia. Tu vê, numa época que nem agora, quando que vão trabaiaá por 3 pila? Má nunca! Foi sofrido.

[Entrevistado: Orides Ramon]

Nóis mesmo, nós mesmo. Faço uma chaleirada, acendo umas brasa lá e já tomava. Por conta. Como é que diz: o nadador, se ele não sabe nadar e ele cai no rio, ele percura aprender, né? Tinha que percurá alguma coisa, né? Tudo que é erva. Porque erva do mato, é rara aquela que não é boa, né? Tudo nela é bom. [Mulher: É que naquele tempo ninguém ficava doente. Eu conheci o médico, eu tinha... acho que mais de 30 ano. Nem conhecia médico]. Eu tinha 18 ano quando eu conheci o doutor de Iraí. Conheci, não. A minha mãe falou que nós tinha que ir lá, fumo... Fiquêmo lá, não vimo esse tal de doutor, viêmo, saímo de lá... – Má mãe, a senhora trouxe nós pra conhecer o doutor, nós não vimo... – Não, má era aquele hôme de branco, de roupa branca que entrou lá e falou comigo. – Não, má aquele lá é um hôme não é doutor! Nós não conhecia, né? – Má aquele lá é um hôme, mãe, não é doutor não. – Aquele é o senhor doutor. Naquele tempo era tudo

senhoria, né? Ninguém tratava que nem hoje, né? – Aquele é o senhor doutor! – Mãe, mas era um hôme! Era o senhor doutor!

[Entrevistado: Amantino dos Santos]

Diz que lá pra cá de São Borja tinha uma sereia que passava no Uruguai. Tinha aqueles negócio de água, aquelas cachoeira braba, diz que eles passavam e tinha um poço muito grande. Pra cá de São Borja, diz que ali que sentava em cima de uma pedra e cantava. Diz que eles levavam violão, levavam gaita e quando ela cantava, diz que ela... deixava o pessoal tudo bobo com a cantiga. Diz que canta muito bem, diz que é uma moça, né? Que virou peixe. Da cintura pra baixo é um peixe, né? Diz que ela sentava em cima de uma pedra e cantava e encantava os barsêro e daí eles ficavam bobo de ver e daí não prestavam atenção na barsa, né? Dali quanta gente morreu, prestava atenção na cantiga daquela baleia, que fosse, e perdia o rumo. Então eles começavam a bater lata e dêle gaita e grito e tudo pra ela não tomar a atenção do povo. Senão eles morriam tudo. Tinha um lugar muito perigoso ali. Então naquela época eles contavam causo que a gente morria dando risada, né tchê? Diz que o pessoal se encantava, diz que uma moça muito bonita, né tchê? Diz que ela encanta mesmo. Diz que quando eles chegavam perto ela... ia ao fundo, não aparecia. Parecia lá muito longe, lá ela sentava de novo e cantava. E eles se embelezavam, né? Queriam ver de perto mas ela nunca deixava chegar perto. Só de longe que enxergavam. Diz que antigamente era... Acontecia, naquela tinha bastante tipo de bicho. Lobisôme. Tinha lobisôme também. Gostava de assustar o povo, de sexta-feira, quarta-feira à noite, né? Gostaria de brigar com os cachorro ao redor da casa. Baita cachorrão. Um lobisomezão. Aí diz que lobisôme é gente, né? Vira hôme. Diz que naquela época tinha lobisôme. E existe até hoje em dia, né? Lobisôme... Ah, existia também aquelas bruxa, antigamente né? Que tomava vinho nos vinhal, né? Existia! Aqui tem uma época que nós ia morar aqui em Santa Antônio e existia, né? E passava sempre, cantando, e ia tomar vinho onde tinha pipa de vinho, que antigamente plantava os vinhal, né? Aí decerto descobriam e iam lá tomar vinho. Diz que até um tempo o dono do vinho diz que um dia foi tirar vinho lá, numa sexta-feira encontrou uma, lá. Bêbeda. Só

ela tava nua, sabe? Elas sai nua, né? E avoam. Sempre em duas, duas. Elas passam cantando. E vortam cantando, né? Então o finado Nôno Amélio me contava esses causo, que aparecia demais essas bruxa, sabe? Iam lá bebiam e decerto se esqueciam, né, e tomavam demais. Uma sempre ficava. Daí, causo do tempo antigo, né? Isso aí é que acontecia. Hoje em dia não acontece mais nada. Mas acontecia esses causo.

[Entrevistado: Orides Ramon]

O Caibi, Caibi não era pra ser o nome de Caibi. Era pra ser São Domingos ou Folhas Verde. Má daí veio um hôme véio bem de idade, de lá com nós e veio, e nós tava num caçamba e oiando, e abrindo as picada, e tinha... nós não vimo que tinha uma peralzote pra baixo assim e o véinho caiu por cima agarrado, e nós gritava e o nome dele... o nome dele começava com Caibi, o nome dele. Veio do Rio Grande. E nós gritava – Tio Caibi! Naquele tempo chamava tudo de tio. – Tio Caibi! O senhor não se machucou, o senhor tá vivo, Tio Caibi? E nós falêmo pro Nôno Bigatão. – Nôno, óia, o nosso lugar tinha que botar o nome de Caibi. Caiu o Tio Caibi lá e nós comecêmo a gritar. E o Nôno tinha um lápi e uma fôia de... aqueles papel de embruio, se alembra que tinha uns papel de embruio pra botar o quilo, o meio quilo, cem grama, quê que você comprava de poquinho também, né? Ele pegou e anotou ali. Botou no borso, o nome anotado. E ele ficou com aquele papelzinho no borso lá e, um dia, ele falando... – Nós vamo botar o nome de Caibi nesse lugar aqui. E era um hôme véio que caiu num peral, que nós gritava Caibi, Caibi! Não tá morto, Caibi? Ô Tio Caibi! Nós truxêmo ele com nós. Um véinho muito... naquele tempo tudo era tio, né? Ninguém chamava, né?, tu, você, não existia essa palavra.

[Entrevistado: Orides Ramon]

O meu pai era natural de Sobradinho e a minha mãe era natural de Monte Negro. O pai era fio de um alemão com uma negra africana. O pai do meu pai era alemão da Alemanha e a mãe do meu pai era negra da África... africana! E a minha mãe era índia. Descendente de índia, minha mãe. Minha mãe era índia. Não podia tá muito

misturado com eles, porque eles não eram muito de tu tá... O índio até hoje ele gosta de tá meio separado mesmo. Tem índio esperto, mas tem outros que não qué tá no meio. Então nós ficava no nosso lado, eles nos deles, né? Ninguém se metia com eles. Ninguém brigava naquele tempo lá. Era coisa muito boa de viver. [Vizinho: Cuidava pra não invadir o espaço]. Não, eles ficavam meio assim, né? Porque a aldeia mêmô deles ficava... aqui nesse lugar nem tinha, tinha em Cunha Porã e Rio Grande. Em Cunha Porã tinha a aldeia deles ali. Tem uma história, né Dirlei?, que quem estudou sabe disso. Que diz que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, mas quem descobriu o Brasil foram os índio. [Dirlei: Já era, né?] Só que daí... ali, ali, não sei agora, porque a gente não chegou a estudar, né? Quem estudou deve saber mió. Mas ainda, ainda, eu fico do lado da indiada, porque eu tenho sangue de índio por causa da minha mãe, né? Eu fico do lado dos índio.

[Entrevistado: Amantino dos Santos]

Naquele tempo não tinha médico, nada. Naquela época era só chá do mato. Minha mãe sabia fazer. E quando ela não sabia, tinha os índio antigamente. Os índio véio, bem veínho. Tinha, tinha. Tinha desde aqui em Iraí tinha o tordo ali. Ainda tem ali em Iraí o tordo, né? Aparecia os velhinho lá, vendendo balaínho, né? Então tinha um filho doente, eles pediam... – Ô, sabe fazer um cházinho que o meu fio tá doente. Ela dizia, – Eu sei, vizinho! Diz, – Eu vou ali no mato e já vórto. Vinha com aqueles feixe de mato. Bota cozinhá ali, que daqui a pouco... ferve lá e daqui um pouco esfria e dá pro fio tomar que daqui a pouco já fica bom, né? E hoje em dia, né? Hoje em dia tu não vê um índio doente, né? Pé no chão e, hoje em dia, nós viêmo aí tudo cheio de doença por causa do quê, né?[Dona Olga: Tinha uns índio que trabaiavam com nós na roça. Eles roçava, carpia... Era bom de trabalhar com eles, depois tu pega conhecimento com eles é bom de trabalhar. São mais obediente que uma pessoa branca. Eu aprendi com eles a fazer uns chá, um xarope pra bronquite, pra vermes. Eu tinha o Vanderlei, o meu piá, tinha levado ele no médico. Ele vivia mais dentro do hospital do que em casa. Aí veio uma índia e disse, – Dona Olga eu vou te ensinar um remédio. Aí fumo pro

mato catá chá. E eu fiz um litro e uma garrafa daquele remédio, também nunca mais. Curei o piá!] Isso é coisa boa. Tem o conhecimento. E hoje em dia ninguém mais faz chá de mato, né? Só médico e médico.

[Entrevistado: Francisco Antunes de Andrades Filho]

Encontrei panela de índio aqui no Rio Grande. Aqui no Rio Grande encontrei. Ali em São Domingo. No que passa o Uruguai. Nós tava lavrando até, foi um cunhado meu... nós tava lavrando e ele enroscou o arado. E o arado RRRRR eu disse, – O quê que tem aqui? Não tem pedra! Passou o boi pra trás e carcou mais, alevantou. Era uma panela de barro. Índio era reveria, índio vivia com eles. Com os índio isso era coisa que eu vivia com eles. A aldeia deles era aqui na... adiante aqui em Rodeio Bonito. Ali tinha área, tem!, até hoje tem a área deles. De noite que deito no sofá assisti... começo a relembrar o tempo que eu convivi com os índio. Tempo bom, rapaz! Tempo bacana. Eu ia na aldeia e eles vinham lá em casa, porque nós era, nós tinha uma relação muito boa, né? Eles vinham. Má, nós ficava lá papeando, tomando trago, oiando eles fazê balaio e eu coiêndo conversa deles. Puxando por eles, pra ver como é que saía, há! [Dirlei: Mas tinha umas indiazinha ou não?]. Não, não, não tinha nada. Até tinha um índio, Francisco... nunca esqueço o nome dele: Francisco Kairó. Era um índio véio. Ele tinha... a terra dele era dentro de Rodeio Bonito, passava o rio da Vargem. Tem um lugar lá... eu nasci e me criei conhecendo por esse nome, Bocó. O rio faz uma encenada assim, quase fecha. Quase fecha e depois fica aquilo... lugar muito espaçoso. Então lá é uma área deles. Ali pega de Rodeio Bonito vai a Nonoai, a área deles. E lá de Nonoai pra frente vai a Passo Fundo. É só deles. Até eu tava, eu tive lá em Nonoai. Tive várias veiz, mas eu tinha uma relação com aquela bugrada, mas uma relação, rapaz! Porque eu sei preparar a cama pra mim dormir.

[Entrevistado: Francisco Antunes de Andrades Filho]

Dava, dava, coisa assim... você morava na área e eu também. Nós dois, morando dentro da área indígena. E de nós se desafiar, mode de divisa de terra. Isso dava. Porque uma veiz, eu tava, eu andava morava lá no Pinhal. Mas eu era... tinha uns 7, 8 ano. E fui lá pro Saltinho do Café, lá pra cima. E lá me achei com um colono

lá e ele me diz, – Óia, eu tenho uma meia colônia de terra pra vender. Dizia, – Tá na hora, o fumo tá quase bom pra coiê. Aquele...mas garpão, rapaz, mas garpão! Tudo coberto de tabuinha. Casa, tudo, coberto de tabuinha. Tudo quanto era coisa coberta de tabuinha. E uma terra, rapaiz! Mas uma terra roxa, coisa mais linda, coisa mais linda! Eu vim pra casa...digo, – Mas óia, no fim da semana que vem eu tô aí de novo. Ele queria 5 conto. Carregava uma mudança e deixava a planta que tinha, ficava tudo. Tenho que fazer esse negócio. Fui pra casa. Minha vó, tudo que eu fazia, ela aceitava. Digo, – Vó, tem uma área de terra, meia colônia de terra, no tal Rio Martel, é o nome do lugar. Tinha uma (inaudível) que escorria e formava um jatinho. Digo, tem uma meia colônia de terra lá no Rio Martel e tem um homem que quer vender, quer 5 conto. Tem um eito de fumo plantado, tem milho, tem feijão, tem de tudo! Ele deixa tudo. Disse, – Vamo lá oiá! E no fim de semana vamo lá oiá. – Tá bom, vamo. Vendêmo aqui e compramo lá. –Vamo. – Uhum. No fim de semana nós enchemo dois cavalo e se boliêmo. Chegêmo lá, foi dado um velório de um deles, um matou o outro por causa de divisa de terra. Os dois colono. Os índio não faziam nada. Eram gente boa. Só, na verdade, quiser tirar eles pra peteca, aí a coisa não funcionava. Aí a coisa funcionava. Mas senão... Daí chegamo lá, acontecendo um velório, – Ué o que que deu? Dizem, – Um matou o outro aí por modo de divisa de terra. Um queria pegar mais terra que o outro, diz, – E não é eles, isso é dos índio. Diz, – Eles tão aí acampado. Dizia, – O dinheiro que entrar pra eles é bão. Digo, – Ah é? Então quem não vai com.., quem nem lá não vai sou eu. Vou comprar coisa que não tem documento nenhum? Lá onde eu moro tem documento. Mesma coisa (inaudível). [Dirlei: Por isso que o preço era bom, mas era meio no grito...]. É, não, não. Eu digo não. E até hoje, eu adoro os índio. Adoro demais os índio, dou muito apoio. Até tem umas índia que seguido tão por aí. Digo ó, vocês querem comer? Peguem aí e façam, porque eu não faço. Vem de Iraí.